



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão



Mestrado
em Letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CAMPUS IMPERATRIZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

GEANE MARTINS MENDES

**A ICONICIDADE NA ORONÍMIA DA MESORREGIÃO SUL MARANHENSE: UMA
ANÁLISE LINGUÍSTICA E REFLEXIVA PARA O ENSINO MÉDIO**

IMPERATRIZ-MA

2022

GEANE MARTINS MENDES

**A ICONICIDADE NA ORONÍMIA DA MESORREGIÃO SUL MARANHENSE: UMA
ANÁLISE LINGUÍSTICA E REFLEXIVA PARA O ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de concentração: Linguagem, Memória e Ensino - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Campus Imperatriz-MA PPGLe/UEMASUL, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Célia Dias de Castro

**IMPERATRIZ – MA
2022**

M538i

Mendes, Geane Martins

A iconicidade na Oronímia da mesorregião Sul Maranhense: uma análise Linguística e reflexiva para o ensino médio / Geane Martins Mendes. – Imperatriz, MA, 2023.

152 f. ; il.

Orientadora: Dr.^a Maria Célia Dias de Castro

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023- Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Léxico. 2. Onomástica. 3. Linguística. I. Título.

CDU 81'37(812.1)

GEANE MARTINS MENDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de concentração: Linguagem, Memória e Ensino - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Campus Imperatriz-MA PPGLe/UEMASUL, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Célia Dias de Castro

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Célia Dias de Castro ()
Orientadora PPGLe / UEMASUL

Prof.^a Dr.^a Kênia Mara de Freitas Siqueira
Membro Externo POSLLI / UEG

Prof.^a Dr.^a Gabriela Guimarães Jerônimo
Membro Interno PPGLe / UEMASUL

*À minha mãe, Ana Lúcia, ao meu pai, José, e ao meu irmão, Jean Canela,
meus exemplos de amor, força e dedicação.
A meus avós, Raimunda Martins Barros e Salomão Gomes (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Agradecer, do latim *gratus*, “mostrar ou manifestar gratidão, render graças”. Entre um sonho e outro para realizar, é importante reconhecer o privilégio que é viver e poder lutar por suas conquistas ao lado de quem lhe apoia e deseja o seu bem. Gente que pula junto, que grita alto, que briga e dá conselhos, que chora e se desespera, que diz que vai dar tempo mesmo quando o tempo já se esgotou, gente que sorri, que comemora e fica feliz com suas vitórias. E foi dessas pessoas que me cerquei para alcançar o tão sonhado mestrado, e agora é chegada a hora de agradecer.

A Deus, nosso Grande Pai, por ter concedido, em sua infinita bondade, o potencial de concretizar a realização do sonho de grau em Mestre.

A meus pais, Ana Lúcia e José Mendes, por serem meu primeiro pilar educativo, por terem sonhado um futuro brilhante para seus filhos e nunca, nunca terem deixado de lutar para que isso se realizasse; pelo amor a mim dedicado, pelo cuidado com meus estudos e pela compreensão nos momentos de minha ausência no seio familiar.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Célia Dias de Castro, que tanto me ensinou e me preparou para os futuros desafios da vida acadêmica; que olhou para uma garotinha tímida e enxergou alguém capaz de ir longe. Tenho honra e gratidão por ser sua eterna orientanda.

A meu irmão, Jean Martins Mendes, que sempre me apoiou e observou de perto minha caminhada, e que não me deixou desistir do mestrado ainda no processo seletivo.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela de um horizonte superior, eivado pela confiança no mérito e ética aqui presentes.

À Ana Patrícia Martins e ao Rones Lira, que me deram oportunidade de me manter na Universidade ainda na graduação. Este título de mestre também é de vocês.

À Gabriela Mesquita, por todas as dicas, conselhos, puxões de orelha e amizade. Te amo, preta!

À Emilene, a quem, docemente, chamo de mamãe. Obrigada por não me deixar desistir.

À minha parceira Keila Vieira. Sua história me inspira e sua dedicação me dá forças para continuar no mundo da educação.

Ao José Gustavo Martins, colega e parceiro na pesquisa toponímica e com quem pude contar durante todo o processo de mestrado.

À Virgínia, que muito me ajudou com incentivo e força nesta pesquisa.

À Carolina, pela ajuda e dedicação com os mapas aqui apresentados.

Aos amigos que apoiaram minhas escolhas acadêmicas e mantiveram-se por perto desde o início da caminhada para o grau de Mestre.

Às professoras Kênia Mara Freitas e Gabriela Guimarães que muito contribuíram com o crescimento desta pesquisa durante a qualificação e a defesa.

A todos que direta ou indiretamente influenciaram e ajudaram no desenvolvimento desta jornada.

“O ato intelectual de nomear, onomasticamente, é distinto da constituição/criação da palavra, enquanto elemento do léxico e integrante do enunciado de língua”.

Maria Vicentina do amaral Dick

QUADROS E TABELAS

Quadro 01: Fundamentos do conceito de nome próprio.....	31
Tabela 01: Primeiras classificações	41
Quadro 02 Lista de orônimos distribuídos por microrregião	71
Quadro 03: Exemplo de ficha catalográfica	73
Tabela 02: Exemplo de quadro geral classificativo	73
Quadro 04: Chapada das Mangabeiras – Benedito Leite.....	75
Quadro 05: Chapada das Mangabeiras – Fortaleza dos Nogueiras	77
Quadro 06: Chapada das Mangabeiras – Loreto.....	78
Quadro 07: Chapada das Mangabeiras – Sambaíba	79
Quadro 08: Chapada das Mangabeiras – São Domingos do Azeitão	80
Quadro 09: Chapada das Mangabeiras – São Félix de Balsas	82
Quadro 10: Chapada das Mangabeiras – São Raimundo das Mangabeiras	84
Quadro 11: Gerais de Balsas – Alto Parnaíba.....	85
Quadro 12: Gerais de Balsas – Balsas.....	87
Quadro 13: Gerais de Balsas – Feira Nova	90
Quadro 14: Gerais de Balsas – Riachão.....	91
Quadro 15: Gerais de Balsas – Tasso Fragoso.....	94
Quadro 16: Porto Franco – Carolina.....	95
Quadro 17: Porto Franco – Estreito.....	121
Quadro 18: Porto Franco – Nova Colinas.....	125
Quadro 19: Porto Franco – Porto Franco.....	125
Quadro 20: Porto Franco – São João do Paraíso	126

FIGURAS

Figura 01: Onomástica	30
Figura 02: Mapa do Sertão dos Pastos Bons	50
Figura 03: Mapa da mesorregião Sul Maranhense.....	51
Figura 04: Mapa da cidade de Benedito Leite.....	52
Figura 05: Mapa da cidade de Fortaleza dos Nogueiras	53
Figura 06: Mapa da cidade de Loreto.....	54
Figura 07: Mapa da cidade de Sambaíba	55

Figura 08: Mapa da cidade de São Domingos do Azeitão	56
Figura 09: Mapa da cidade de São Félix de Balsas.....	57
Figura 10: Mapa da cidade de São Raimundo das Mangabeiras.....	58
Figura 11: Mapa da cidade de Alto Parnaíba	59
Figura 12: Mapa da cidade de Balsas.....	60
Figura 13: Mapa da cidade de Feira Nova do Maranhão	61
Figura 14: Mapa da cidade de Riachão	62
Figura 15: Mapa da cidade de Tasso Fragoso	64
Figura 16: Mapa da cidade de Carolina	64
Figura 17: Mapa da cidade de Estreito.....	65
Figura 18: Mapa da cidade de Nova Colinas	65
Figura 19: Mapa da cidade de Porto Franco	66
Figura 20: Mapa da cidade de São João do Paraíso	66
Figura 21: Mapa ilustrativo – topônimos das cidades.....	72
Gráfico 01: número de acidentes físicos da microrregião do Gerais de Balsas	123
Gráfico 02: taxionomias da microrregião do Gerais de Balsas	123
Gráfico 03: número de acidentes físicos da microrregião da Chapada das Mangabeiras	125
Gráfico 04: taxionomias da microrregião da Chapada das Mangabeiras	125
Gráfico 05: número de acidentes físicos da microrregião de Porto Franco	125
Gráfico 06: taxionomias da microrregião de Porto Franco	126

ABREVIATURAS

Ac. acidente	Esp. espanhol
Animo. animotopônimo	Etim. etimologia
Antropo. antropotopônimo	Etno. Etnotopônimo
Axio. Axiotopônimo	Fito. fitotopônimo
Cardino. Cardinotopônimo	Geomorfo. Geomorfotopônimo
Coro. Corotopônimo	Hagio. composto
Cromo. Cromotopônimo	Hiero. Hierotopônimo
Crono. cronotopônimo	Hidro. hidrotopônimo
Cont. controversa	Hodo. Hodotopônimo
Desc. descrição	Igneo. igneotopônimo
Dimensio. Dimensiotopônimo	Lito. Litotopônimo
Dirrema. Dirrematopônimo	Morf. morfológica
Eco. Ecotopônimo	Morfo. morfotopônimo
Ergo. ergotopônimo	Orig. origem
Somato. somatotopônimo	Polio. Poliotopônimo
Taxo. taxionomia	Port. português
Zoo. zootopônimo	Socio. Sociotopônimo

RESUMO

Os estudos toponímicos, em seus diversos campos disciplinares, compõem um caminho concreto rumo ao conhecimento das diversas comunidades linguísticas e de seus aspectos históricos, socioculturais e cognitivos, de forma a perceber as inter-relações existentes entre a humanidade, os lugares e os termos que nomeiam esses lugares. Nesse cenário, este trabalho está vinculado ao projeto *Atlas Toponímico do Estado do Maranhão: Análise da Macro e Microtoponímia - ATEMA*, e centrou-se no estudo dos orônimos da mesorregião Sul Maranhense coletados em cartas do IBGE que contemplam a região pesquisada. O estudo objetivou conhecer os fatores motivacionais e icônicos que envolvem a língua e os objetos que ela representa no processo de nomeação dos elementos geográficos dos municípios da mesorregião Sul Maranhense, com o léxico oronímico, a partir de uma abordagem onomástico-toponímica, de forma a contribuir com o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio e com um Produto Técnico-Tecnológico. Para tanto, objetivou-se, de forma específica, inventariar os orônimos e analisar os processos de nomeação; conhecer os fatores que envolvem a língua e os objetos que ela representa no processo de nomeação dos acidentes geográficos dos municípios situados na mesorregião Sul Maranhense; analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação dos acidentes físicos de natureza orográfica; perceber a maior recorrência das categorias de análise; refletir sobre o léxico toponímico nas aulas de Língua Portuguesa e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem; e registrar os dados coletados em um produto técnico tecnológico de fácil acesso para que a comunidade tenha conhecimento, através de um guia topoturístico. O estudo teve como arcabouço teórico de forma direta os estudos do léxico e de Toponímia, com Biderman (1998), Dick (1990; 1992), Isquierdo (2004; 2012) e Castro (2012); de Iconicidade, com Neves (2004); e da Linguística Ecolinguística, com Couto (2007; 2014). A metodologia segue os princípios da Toponímia, com ênfase no modelo de classificação taxionômica de Dick (1992), e segue uma abordagem qualitativa e quantitativa com os dados pesquisados, por meio da investigação de documentação realizada em mapas oficiais do IBGE, escala 1:100.000 e do ATEMA, com pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados demonstraram que a inter-relação língua-natureza é bastante relevante, visto que os nomes de natureza física se sobressaem em relação aos de natureza antropocultural; e que a iconicidade que circunda as classificações dos nomes analisados, demonstram a não-arbitrariedade toponímica. Foram 305 orônimos analisados, distribuídos em 71 orônimos na microrregião da Chapada das Mangabeiras; 98 na microrregião do Gerais de Balsas e 136 na microrregião de Porto Franco, ao longo de 17 cidades, tornando possível a percepção das motivações dos espaços oronímicos. Nesse sentido, a maior recorrência classificatória foi dos acidentes de natureza física, com destaque para os zootopônimos e fitotopônimos. Ressalta-se ainda os fatores icônicos acionados no modo de escolha dos nomes, precisamente com a presença da metáfora e da metonímia, mecanismos cognitivos que são perceptíveis atuando de forma complementar no processo nomeador. Ademais, a perspectiva ecolinguística faz-se presente no que diz respeito aos dados, visto que a inter-relação entre o ambiente, a língua e o homem revela-se como fator importante na nomeação dos lugares.

Palavras-chave: Léxico. Onomástica. Orônimos. Sul do Maranhão.

ABSTRACT

Toponymic studies, in their different disciplinary fields, make up a concrete path towards the knowledge of the different linguistic communities and their historical, sociocultural and cognitive aspects, in order to realize the interrelationships between humanity, places and terms that name these places. In this scenario, this work is linked to the project Toponymic Atlas from the State of Maranhão: Analysis of Macro and Microtoponymy - ATEMA, and focused on the study of oronyms from the southern mesoregion of Maranhão collected in IBGE letters that cover the researched region. The research aimed to know the motivational and iconic factors that involve the language and the objects it represents in the process of naming the oronymic lexicon from the municipalities of the South Maranhense mesoregion, from an onomastic-toponymic approach, in order to contribute to the teaching of Portuguese Language in High School and with a Technical-Technological Product. To this end, it aimed, specifically, to inventory the oronyms and analyze the naming processes; to know the factors that involve the language and the objects that it represents in the process of naming the oronymic lexicon of the municipalities located in the South Maranhense mesoregion; analyze linguistic and extralinguistic aspects that motivated the naming of physical accidents from orographic nature; notice the greater recurrence of the analysis categories; reflect on the toponymic lexicon in Portuguese language classes and its implications in the teaching-learning process; and record the data collected in a technical and technological product easily accessible for the community to know, through a topotourist guide. The study had as a direct theoretical framework the lexicon and toponymy studies, with Biderman (1998), Dick (1990; 1992), Isquerdo (2004; 2012) and Castro (2012); Iconicity, with Neves (2004); and Ecosystem Linguistics, with Couto (2007; 2014). The methodology follows the principles of Toponymy, with emphasis on Dick's taxonomic classification model (1992); it has a qualitative and quantitative approach, with the data researched through the investigation of documentation carried out in official maps of the IBGE, scale 1:100,000 and ATEMA, with bibliographic and documentary research. There were 305 oronyms analyzed, distributed in 71 oronyms in the Chapada das Mangabeiras micro-region; in the Gerais de Balsas micro-region and 136 in the Porto Franco micro-region, throughout 17 cities, making it possible to perceive the motivations of oronymic spaces. In this sense, the highest classification recurrence was for accidents from physical nature, with emphasis on zootoponyms and phytotoponyms. The iconic factors triggered in the way of choosing the names are also highlighted, precisely with the presence of metaphor and metonymy, cognitive mechanisms that are perceptible acting in a complementary way in the naming process. Furthermore, the ecolinguistic perspective is present with regard to the data, since the interrelationship between the environment, language and man is revealed as an important factor in the naming of places.

Keywords: Lexicon. Onomastics. Oronyms. South Maranhão.

SUMÁRIO

1 PARA INÍCIO DE VIAGEM	13
2 CAPÍTULO I – VISTA DO PERCURSO TEÓRICO.....	18
2.1 Situando o léxico	18
2.2 Linguística cognitiva e oronímia	23
2.2.1 Iconicidade linguística e orônimos	26
2.3 Perspectiva Eossistêmica	29
2.4 A Ciência Onomástica	31
2.4.1 O nome próprio e seu referente.....	33
2.4.2 Toponímia: aspectos fundamentais.....	35
2.4.3 O orônimo.....	38
2.4.3.1 Motivação oronímica	39
2.4.3.1.1 Significado opaco e transparente	43
2.4.4 Primeiras classificações	45
2.4.4.1 Sistema de classificação taxonômica.....	46
2.5 Inter-relações oronímicas: um olhar para a cultura e para o ensino.....	47
2.5.1 Os topônimos em sala de aula	50
2.6 Inter-relações oronímicas: um olhar para a sustentabilidade social	50
3 CAPÍTULO II - VISITANDO O MARANHÃO.....	52
3.1 Os estudos toponímicos no Maranhão	52
3.2 Panorama histórico do sertão	53
3.3 Mesorregião Sul Maranhense	55
3.4 Microrregião: Chapada das Mangabeiras	56
3.4.1 Benedito Leite.....	56
3.4.2 Fortaleza dos Nogueiras.....	57
3.4.3 Loreto.....	58
3.4.4 Sambaíba.....	59
3.4.5 São Domingos do Azeitão	59
3.4.6 São Félix de Balsas	60
3.4.7 São Raimundo das Mangabeiras.....	61
3.5 Microrregião: Gerais de Balsas.....	62
3.5.1 Alto Parnaíba	62

3.5.2 Balsas	63
3.5.3 Feira Nova do Maranhão	64
3.5.4 Riachão	64
3.5.5 Tasso Fragoso	65
3.6 Microrregião: Porto Franco	66
3.6.1 Carolina.....	66
3.6.2 Estreito.....	67
3.6.3 Nova Colinas.....	68
3.6.4 Porto Franco.....	69
3.6.5 São João do Paraíso	69
4 CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS DESTA VIAGEM.....	71
4.1 Caracterização da pesquisa.....	71
4.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa	72
4.2.1 Instrumentos de pesquisa	73
4.2.2 Universo da Pesquisa	73
4.2.3 Delimitação do corpus	74
4.3 Etapas da pesquisa e tratamento dos dados	74
4.3.1 Busca das fontes.....	74
4.3.2 Registro dos dados	75
4.3.3 Classificação dos topônimos.....	76
4.3.4 Análise dos dados	76
4.4 Procedimentos para a realização do Produto Técnico-Tecnológico	76
5 CAPÍTULO IV: UM PASSEIO LINGUÍSTICO-CULTURAL PARA CONHECER OS ORÔNIMOS E SEUS REFERENTES	77
5.1 Análise quali quantitativa dos dados da Mesorregião Sul Maranhense	121
5.1.1 Análise quali quantitativa da Microrregião do Gerais de Balsas.....	121
5.1.2 Análise quali quantitativa da Microrregião da Chapada das Mangabeiras.....	124
5.1.3 Análise quali quantitativa da Microrregião de Porto Franco	128
5.1.4 Classificações de maior recorrência	131
5.1.4.1 Os fitotopônimos.....	132
5.1.4.2 Os zootopônimos	133
5.1.4.3 Os geomorfotopônimos	134
5.1.4.4 Os hidrotopônimos.....	135
5.1.4.5 Os ergotopônimos	136

5.1.4.6 Os Animotopônimos	136
5.1.4.7 Os Antropotopônimos	136
5.1.4.8 Topônimos não classificados	137
5.2 Mecanismos cognitivos	138
5.2.1 Os acidentes físicos: metáfora e metonímia	138
5.2.2 Os topônimos em sala	141
6 CAPÍTULO V: ENCERRANDO A VIAGEM.....	145
REFERÊNCIAS.....	149

1 PARA INÍCIO DE VIAGEM

Todas as viagens são lindas, mesmo as que fizeres nas ruas do teu bairro. O encanto dependerá do teu estado de alma.
(Ribeiro Couto)

A paisagem é sempre o que chama mais a atenção daquele que viaja. São muitos os fatores que encantam o olhar de quem se dispõe a conhecer, a observar o novo, seja a rua, a praça, o bairro, o campo, as serras, as encostas: concepções, sonhos, necessidades, vontades, desejos e sentimentos afloram, como assinala Ribeiro Couto, encantando-nos a alma. Durante um percurso, o viajante tem sua bagagem enriquecida de belezas, de aventuras, de conhecimentos a partir de cada lugar em que esteve e se deleitou, e nunca será, na chegada, o mesmo que fora antes da partida.

Ainda em uma viagem, porém mais no tempo do que no espaço, trazemos um histórico do início da carreira acadêmica e de como a pesquisa é capaz de edificar a vida daquele que se dispõe a aprender cada vez mais.

O interesse em estudar os orônimos situados nas cidades sul maranhenses justifica-se, primeiro, pessoalmente, enquanto criança, quando caminhava pelos sertões de minha¹ cidade natal (São Félix de Balsas) e ouvia meu pai falar das serras que compunham nossa vista: *“filha, aquela é a serra da Palmeira, o nome é porque, antigamente, a gente precisava passar por cima dela a pé ou a cavalo para chegar na Palmeira”* (sertão que recebe esse nome pela quantidade de palmeiras que circundavam a região).

A segunda justificativa é a importância de um trabalho nesses padrões, em que se observa a interação entre língua e contexto geográfico e cultural de um povo refletido no léxico onomástico. Além disso, a Toponímia faz parte de todo o meu percurso acadêmico enquanto estudante de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como integrante do grupo de estudos Língua, Cultura, História e Poder - LINCHI, a partir de 2014; como bolsista de iniciação científica CNPq, nos anos de 2014 a 2016, e como participante ativa do Atlas Toponímico do Maranhão - ATEMA, de 2016 até o atual momento. Durante este tempo, desenvolvi pesquisas da microtoponímia maranhense e pude apresentar dados e resultados em eventos oferecidos pela própria Universidade, como no Seminário de Iniciação Científica (SEMIC 2015; 2016; 2017), e ainda em eventos de nível internacional, como no Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa - SIMELP 2017, em Santarém, Portugal).

¹ A linguagem em primeira pessoa do singular, aqui evidenciada, tem caráter enfático quanto à relação entre pesquisador e objeto pesquisado.

Junte-se a isso o fato de este campo apresentar-se como um desafio ao pesquisador, com suas inúmeras possibilidades de investigar, para além dos nomes, os diferentes seres, de natureza física ou antrópica, que constituem a natureza do universo. Nas palavras de Castro (2017, p. 36), “os nomes próprios são aqueles que referem não uma classe de coisas, de pessoas, de animais, mas os que nomeiam/designam e identificam um objeto específico, seja uma pessoa, um entidade geográfica, uma situação, e o individualiza, exatamente por meio desse nome”. Significa que os falantes de uma língua representam seu mundo e tudo aquilo que nele há através dos nomes. “É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Com o passar do tempo, alguns vocábulos vão deixando de ser usados. Nesse sentido, a Toponímia, que tem como uma de suas funções estudar os nomes dos acidentes físicos e humanos, serve como instrumento de historicização desses termos os quais podem ser classificados dentro de áreas nomenclaturais e avaliados segundo a sua motivação.

Estudar alguns aspectos linguísticos é também retornar a um passado que testemunha a evolução dos seres humanos através de suas vivências e que, de alguma forma, ficaram marcadas na história. Para isso, é necessário o uso da nossa mais poderosa ferramenta: a palavra². É através desse recurso humano que é possível a identificação daquilo que nos circunda, uma realidade significativa, fundamentada por elementos da linguagem verbal (e não-verbal) capazes de possibilitar a interação de uma comunidade com seu meio.

Essa inter-relação entre comunidade e meio ambiente social, através da palavra, se dá a partir da língua, em que o falante, por meio de seu léxico, atribui nomes às coisas, aos seres, aos sentimentos, aos lugares, aos fatos, enfim, nomeia tudo com que necessita interagir. O usuário de uma língua, nesse caso, demonstra seus saberes históricos, sociais, culturais e linguísticos categorizando aquilo que o cerca a partir da ação de nomear.

Entre as disciplinas que se dedicam ao estudo do léxico, há a Onomástica, ramo que estuda o nome próprio. Assim, filiada aos estudos linguísticos, esta ciência abrange duas áreas principais: a Antroponímia, estudo dos nomes próprios de pessoas; e a Toponímia, estudo dos nomes de lugares. Esta segunda área pode:

Ser tomada em duas acepções básicas: ciência e objeto de conhecimento. Nesta, refere-se a um conjunto de topônimos ou nomes próprios de lugar. Naquela, comporta ainda dois sentidos:

1) o de estudo desses nomes, amplo campo de pesquisa, cujo interesse não se

² Unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do universo pelos sujeitos. (BIDERMAN, 1984, p.141).

circunscreve ao âmbito acadêmico, já que provocam a curiosidade do povo em geral, que lhe demonstra um natural interesse;
e 2) o de ramo da Onomástica ocupado do estudo integral, no tempo e no espaço, dos aspectos geo-históricos, sócio-econômicos e antropolinguísticos que permitem a um nome de lugar originar-se e manter-se (RAMOS, 2008, p. 16-17).

Nesse sentido, é importante ressaltar que nomear sempre se postou na humanidade como uma necessidade, pois é natural dos seres humanos se organizarem tanto nos espaços físicos, quanto sociais. Para este fim, os seres humanos atribuem nomes às coisas, às pessoas e, não menos importante, aos lugares.

A nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. Obras antigas da história e da civilização mundiais colocam essa prática como costumeira, ainda que distinta, em certos pontos, do processo denominativo vivido modernamente. O livro sagrado dos cristãos reflete uma coletânea singular de nomes, topônimos e antropônimos dos mais antigos noticiados, segundo a cosmovisão dos primitivos hebreus. (Dick, 1992, p. 5).

O nome, portanto, identifica tudo aquilo que faz parte do contexto da humanidade, criando um universo significativo através da palavra. Conforme Dick (1992), o conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do grego *topos*, “**lugar**” e *onoma*, “**nome**”). Para esta autora, o ato de nomear é mais do que simplesmente dar um nome a um local (ou pessoa), é algo bem mais amplo, pois tal nome carrega histórias, acontecimentos marcantes que possam ter ocorrido, e isso fará com que a história do local se conserve na mente e nas interações das presentes e futuras gerações. Além disso, o nome do elemento físico, tido como signo linguístico, carrega em si características próprias do ambiente inserido, além de aspectos culturais do denominador ao receber um nome de forma não arbitrária, passando a ter um significado a partir do momento em que se torna topônimo.

A Oronímia é uma subárea da Toponímia que estuda os nomes de lugares menores como montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins. Tais lugares geralmente são afastados das cidades e cada um recebe um nome motivado por influências que sensibilizaram os denominadores mostrando parte do conhecimento linguístico e geográfico e da cultura desses sujeitos. Assim, interessamo-nos em saber o que esses nomes atribuídos indicariam.

Por isso, iniciamos a pesquisa a partir dos seguintes questionamentos: *Quais são os nomes que identificam elementos como serras, morros, vales, entre outros, na mesorregião Sul Maranhense? Como o meio ambiente pode influenciar na denominação do acidente físico? Quais taxionomias têm maior destaque na nomeação dos elementos orográficos no sul maranhense? Quais processos icônicos mais se evidenciaram nesses orônimos? Como*

contribuir com o ensino a partir de uma reflexão linguística e extralinguística sobre a denominação das nuances de relevo que compõem o meio ambiente das cidades da mesorregião Sul Maranhense?

Para chegarmos a um ponto em relação a estes questionamentos, realizamos uma discussão sobre os nomes próprios e acerca das motivações toponímicas, a fim de compreender a forma como o nomeador interage com seu meio e as relações icônicas existentes entre o topônimo e seu referente. Assim, tivemos como objetivo central conhecer os fatores que envolvem a língua e os objetos que ela representa no processo de nomeação do léxico oronímico dos municípios situados na mesorregião Sul Maranhense, a partir de uma abordagem onomástico-toponímica, numa inter-relação entre Toponímia e ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, de forma a contribuir com um Produto Técnico-Tecnológico.

De forma específica, objetivamos selecionar os nomes dos relevos da mesorregião sul maranhense; analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação dos acidentes físicos de natureza orográfica; analisar o processo de nomeação numa abordagem qualitativa e quantitativamente; perceber a maior recorrência das categorias de análise; refletir sobre a presença do léxico toponímico nas aulas de Língua Portuguesa e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem e, ainda, registrar os dados coletados em um produto técnico de fácil acesso para que a comunidade tenha conhecimento dos nomes e dos lugares que compõem o espaço sul maranhense.

Importa, neste ponto, esclarecer que este trabalho está vinculado ao Atlas Toponímico do Estado do Maranhão: Análise da Macro e Microtoponímia (ATEMA) através da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) - vinculado ao grupo de estudo Língua, Cultura, História e Poder (LINCHI) - financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Célia Dias de Castro, com a supervisão da Prof.^a Dr.^a Aparecida Negri Isquerdo. Além disso, parte de uma pesquisa para o desenvolvimento desta dissertação com o intuito de obter o título de mestre no programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Imperatriz-MA.

Esta pesquisa prevê, pois, um estudo toponímico dos nomes próprios dos acidente físicos (serras, morros, montanhas) das cidades que compõem a mesorregião Sul Maranhense, embasada em estudos teóricos da Lexicologia e da Toponímia, sobretudo os propostos por Biderman (1998), Dick (1990; 1992), Isquerdo (2004; 2012) e Castro (2012); de Iconicidade, com Neves (2004) e da Linguística Ecológica, com Couto (2007; 2014).

O trabalho tem a expectativa de contribuir com o ensino à medida que traz uma

reflexão linguística, histórica e social sobre os nomes dos acidentes físicos que compõem o meio ambiente das cidades estudadas, incluindo os próprios acidentes, o que poderá servir de fonte de pesquisa para o ensino básico, durante aplicações na sala de aula de Língua Portuguesa, e ainda para o ensino superior, como suporte de pesquisa léxico-toponímica. Além disso, o estudo pretende contribuir com o projeto ATEMA, com dados da microtoponímia rural.

Tendo em vista os objetivos apresentados para a pesquisa, após o **Início da viagem**, organizamos esta dissertação em cinco capítulos. O primeiro, **Vista do percurso teórico**, traz um apanhado das teorias acerca do léxico e da toponímia e alguns aspectos que tornam esta subárea tão peculiar; discute conceitos da Lexicologia, da ciência Onomástica e de Iconicidade, além do papel da toponímia como fonte interdisciplinar de pesquisa. O segundo, **Visitando o Maranhão**, traz um panorama das pesquisas toponímicas desenvolvidas no Estado e apresenta brevemente informações histórico-geográficas sobre as cidades que compõem o *corpus* em estudo. O terceiro capítulo, **Caminhos metodológicos desta viagem**, apresenta os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. O quarto capítulo, **Um passeio linguístico-cultural para conhecer os orônimos e seus referentes**, é composto pelo corpus propriamente, com análises e discussões sobre os nomes encontrados. O quinto capítulo e último capítulo, **Chegando ao fim da viagem**, apresenta as conclusões que foram tomadas a partir dos resultados da análise toponímica apresentada em toda a pesquisa. Além da reflexão a partir desta viagem toponímica e cultural que nos fez entender os aspectos que cercam os nomes locais que estão à nossa volta.

Ademais, sob o intuito de introduzir a toponímia na vida discente, esta pesquisa resulta em um produto técnico tecnológico intitulado “**Guia topoturístico para a mesorregião sul maranhense**” que, de forma interdisciplinar, poderá ser usado como material didático para o ensino de Língua Portuguesa, História, Geografia, entre outras disciplinas.

2 CAPÍTULO I – VISTA DO PERCURSO TEÓRICO

*Não é o ângulo reto que me atrai. Nem a linha reta, dura, inflexível,
criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva
que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus
rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu...*
(Oscar Niemeyer)

As curvas de um sorriso são bonitas, mas as curvas de uma estrada percorrida são encantadoras. É o lugar que leva a outro; é o espaço carregado de significados; é o caminho que se segue rumo ao novo; é a montanha que dá vida à geografia local; é o êxtase de organizar as malas e dar início ao percurso. E, assim como em uma viagem, na pesquisa faz-se necessário enveredar pelas bases capazes de fundamentar a análise e interpretação dos nomes que compõem o corpus aqui apresentado, possibilitando à pesquisadora conhecer os aspectos já vistos na área e dando suporte ao novo que pode surgir durante os estudos que seguem, por meio das investigações motivacionais dos nomes dos lugares.

Nessa perspectiva, a Toponímia tem se mostrado de grande valor no estudo quanto aos aspectos que compõem os lugares, como a história, o ambiente geográfico e a cultura de um povo. Além disso, a análise toponímica nos permite perceber e analisar linguisticamente o léxico local, marcado pelas crenças e valores dos indivíduos, servindo como indicadores espaciais que refletem as características de uma comunidade.

Para tanto, apresentamos, neste capítulo, alguns estudos teóricos que tratam sobre Toponímia, sobre as concepções dessa ciência, com um breve apanhado histórico e as principais características que circundam a ciência onomástico-toponímica, a iniciar pelo léxico.

2.1 Situando o léxico

Procurando determinar linhas de parentesco entre as línguas, os linguistas se debruçaram em seus estudos comparativos. Antes disso, essa investigação era feita apenas com base em unidades isoladas, cada palavra e cada classe separada como uma unidade linguística.

[...] la lingüística de los lingüistas, es decir, la lingüística como ciencia, no debe confundirse con el conocimiento práctico de los idiomas. El lingüista estudia, sin duda, los idiomas, pero no para aprenderlos; es decir que los estudia científicamente: como fenómenos, no como instrumentos (COSERIU, 1986, p. 10).³

³ [...] a linguística dos linguistas, ou seja, a linguística como ciência, não deve ser confundida com o conhecimento prático das línguas. O linguista, sem dúvida, estuda as línguas, mas não para aprendê-las; ou seja, ele as estuda cientificamente, como fenômenos, não como instrumentos (tradução nossa).

A partir do século XIX, a Linguística Histórica passa a considerar o sentido e o conteúdo das unidades lexicais, passando a ter uma visão holística em relação às diversas formas de análise das partes que compõem a língua.

Nesse caso, a percepção da palavra se mostra agora como um conjunto bem estruturado, o que viria a ser o léxico que, em seu contexto etimológico, vem do “grego *leksikós*, ê, ón 'que diz respeito às palavras’” (HOUAISS; VILAR, 2007-2011).

Definir léxico seria ilustrar a sua complexidade diante da troca necessária para a comunicação, como ilustrado em BIDERMAN (2001, p. 13),

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

É através do repertório lexical que os seres humanos expressam a forma como o mundo é visto, associando sua visão de mundo à estrutura da palavra e aos elementos vivos da cultura de seu povo, estabelecendo essas inter-relações.

Ademais, os aspectos geofísicos e sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que a língua é influenciada pelo meio ambiente em que vivem seus falantes. As ações da vida humana e o pensamento do indivíduo estão interligados às influências do meio em que vive:

O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. (SAPIR, 1969, p. 44).

A maneira como a sociedade representa o mundo ao seu redor se dá a partir do léxico que representa, assim, como uma comunidade vê o lugar em que está inserida. Para Biderman (1996, p.44), “o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre de transmiti-lo verbalmente e de armazená-lo em forma codificada de engramas na memória do indivíduo.”

O léxico representa, portanto, o vocabulário de uma língua. Destacam-se, entre os fatores que determinam sua formação, “o tempo, o espaço e o registro” (KRIEGER, 2006, p. 162). Sob o conceito de linguagem, Seabra (2015) afirma que

Como prática compartilhada, pública e comunitária, esse é um tema que se destaca, principalmente quando se pensa na cultura como um texto, como um modo de ordenar

os dados sensoriais da experiência através de conceitos e significados. Assim, transcendendo ao próprio ato da nomeação, palavras já criadas e empregadas em outras épocas, por outras pessoas, em contextos diferentes, seguem sendo relevantes, adequadas e usadas por toda uma comunidade, pois dotadas de um índice sociocultural peculiar, designam, classificam, indicam (SEABRA, 2015, p.66).

Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo com a forma da palavra, são os elementos vivos da cultura de um povo. Para Matoré (1953), “o léxico é uma testemunha de uma sociedade, de uma época – ‘*mots-témoins*’” (p. 62). Além disso, o nosso modo de pensar é influenciado pela linguagem que usamos e pelas interações que temos com nossos pares e com o ambiente, pois nos organizamos em determinados espaços e em comunidades de diferentes culturas e formas de agir com seu meio. Costa e Seabra (2015) nos apresentam algumas visões sobre como língua e cultura estão intrinsecamente ligadas, tanto nos aspectos materiais, quanto sociais: entre ideias, concepções e crenças. Significa que a língua é uma ferramenta social e conceitual e é um produto resultante da cultura. Dessa forma, o léxico toponímico (e os demais) é formado a partir dos aspectos histórico-culturais de um povo associados ao ambiente em que esse povo vive.

Retomando esses conceitos, ressalta-se que o léxico de uma língua funciona como um registro das coisas e objetos que fazem parte do universo de seus usuários. Nesse sentido, a nomeação dos lugares cristaliza os nomes e, conseqüentemente, conserva sua história linguística, refletindo o ambiente físico e social dos falantes. Em suma, o léxico é um universo organizado, estruturado, onde a realidade pode ser conceitualizada no que Biderman (2001, p. 14) classifica como “modelos categoriais”. Desse modo, os grupos lexicais são categorizados conforme seus grupos semânticos. Para Abbade (2006):

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico. Apesar de pouco estudado até então, o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e linguística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo (ABBADE, 2006, p. 716).

Nesse sentido, o léxico se constitui a partir da necessidade de uso de um objeto, da conceituação e classificação dos objetos que compõem o mundo “É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Portanto, este é o processo em que se dá a nomeação das coisas e dos eventos do mundo. Nessa mesma vertente, do ponto de vista de Couto (2007), o léxico é constituído pelos rótulos classificatórios, o inventário de nomes, que envolve, de forma sistêmica, os membros de uma comunidade e

todos os elementos do meio ambiente físico, social e mental que sejam necessários nas interações dos membros de uma comunidade.

É pertinente, portanto, a afirmativa de que cultura e língua estão imbricadas a partir das escolhas lexicais que os falantes fazem para nomear e correlacionar as coisas que os cercam. Assim, nas palavras de Abbade e Correia (2020) “pode-se identificar, no léxico de uma região, características identitárias do povo que nela habita” (p. 107). Dentro dessa perspectiva, nomear é a primeira dentre as várias formas de categorizar os objetos do mundo, como afirma Biderman,

O processo de categorização subjaz à semântica de uma língua natural. Os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação, às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante (BIDERMAN, 1998, p. 89).

Assim, o léxico funciona como mantenedor da língua, visto que a palavra está associada a conceitos e categorizações. Portanto, o processo de dar nomes funciona não só como uma forma de registro, mas também mantém esses registros vivos na língua, fazendo com que as motivações permaneçam vivas através do léxico que compõe uma língua, um povo, uma cultura. Significa que, enquanto saber vocabular dos falantes de uma língua, apresenta-nos os aspectos socioculturais nas interações de uma comunidade “na medida em que o léxico se configura com a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 07).

Nomear um local significa levar em consideração a opinião das pessoas que vivem no lugar, e que geralmente acionam as características físicas, as particularidades desse lugar, associando-as a um nome. Cada povo tem as suas especificações no ato de dar nomes e no “vivenciar os nomes dados” (DICK, 1990). As pessoas, ao nomearem um determinado acidente físico, utilizam-se de aspectos relevantes em sua vida cultural. Tais nomes refletem uma cultura, além de singularizar uma área nomeada, diferenciando-a de outras. Nesse sentido, Isquerdo assinala que:

O topônimo configura-se como um índice de traços culturais, históricos e linguísticos de determinado espaço geográfico, uma vez que tanto elementos físicos quanto traços de natureza antropocultural em geral são tomados como motivações pelo denominador quando necessita “marcar território” por meio da atribuição de um nome a um lugar (ISQUERDO, 2012, p. 63).

Dessa forma, o nome, enquanto topônimo, é visto como individualizador e identificador, está intrinsecamente ligado às características físicas do local e a fatores línguo-sociais e culturais de um povo. Assim, pode-se dizer que eles fazem parte da história e dos

valores de uma comunidade. Nesse caso, “os nomes dos *topos* também são importantes porque neles são registradas ocorrências históricas, sociais e linguísticas de um povo” (CURVELO, 2009, p. 47).

No que se refere aos aspectos histórico culturais de um povo, vale ressaltar que a forma gramatical dos topônimos costuma persistir em meio às mudanças sociais ocorrentes, o que implica dizer que esta vertente da língua, muitas vezes, mantém-se conservada mesmo com a passagem do tempo. A Toponímia não só mostra a origem desses nomes, como também traz à tona traços da língua falada na região estudada e nos faz conhecer um pouco da história e da geografia do lugar. A descrição do acidente físico incorpora-se ao nome do acidente por meio do termo genérico (morro, serra) que, ao adjungir-se a um termo específico forma o topônimo propriamente (DICK, 1992). Esse segundo termo passa a ser conhecido como elemento específico: morro Redondo, serra da Onça, pois o nome singulariza e caracteriza o local. Assim, o acidente físico (ou humano) passa a ser mais conhecido a partir do momento em que recebe um nome, um topônimo, que servirá então como ponto de apoio, demarcando localização, territórios e divisões feitas pelo e para o ser humano.

Covém ainda afirmar que é através da linguagem que as pessoas se comunicam, expressam e transmitem suas identidades culturais. Além disso, através das palavras que usamos para nomear um acidente físico (ou humano) são levadas características de vivência para a língua, como uma forma de preservar as palavras para sempre na história. Nas palavras de Andrade (2006, p. 110), depois de caracterizado “o topônimo como termo-onomástico, tornando-se sujeito às transformações morfossintáticas, comparadas a outras unidades lexicais, deve ser estudado etimológica e semanticamente nas diferentes situações comunicativas, para a devida sistematização taxionômica”.

Dick (1992) percebe como é vasto o campo em que se enquadra o estudo de topônimos. Para essa autora, eles se inserem nos estudos da História (pesquisa do passado do local, acidente), da Geografia (a posição em que o acidente se encontra) e das Ciências Sociais. Acrescentamos, ainda, que os estudos toponímicos, neste caso, a vertente oronímica, estão em profunda sintonia com a Linguística Ecosistêmica pelo caráter primo dos objetos que os permeiam: o homem, o lugar e a língua.

Atrelado a esses campos, está a Lexicologia que, segundo Cavalcante (2014, p. 283), é o estudo da palavra. É uma ciência antiga, na qual suas bases teóricas estão voltadas para a classificação e a formação da palavra. Assim, a Lexicologia abarca a Onomástica, ciência que trata do estudo dos nomes próprios e se divide, principalmente, em Antroponímia (nomes próprios de pessoas) e Toponímia (nomes próprios de lugares). Esta, por sua vez, apresenta-se

constituída em subáreas, entre elas a Oronímia, o estudo dos nomes de lugares menores como serras, morros e afins.

A investigação dos orônimos da mesorregião Sul Maranhense situa-se, portanto, no âmbito dos estudos lexicográficos, que abrangem o campo onomástico, no qual se insere a Toponímia e, por sua vez, este campo está voltado para os elementos físicos orográficos, numa intersecção do léxico com o ambiente.

A intersecção entre léxico e ambiente se revela, na linguagem, pelos mecanismos mentais por meio dos quais os falantes, ou denominadores do ambiente, se valem ao utilizar sua percepção, memória, razão, de forma resumida, pelas concepções percebidas “cognitivamente”.

2.2 Linguística cognitiva e oronímia

A Linguística Cognitiva⁴ surge, na década de 70, a partir do interesse pela significação no processo de categorização linguística e na inseparabilidade entre o cognitivo⁵ e o social⁶. Significa dizer que os aspectos socioculturais e cognitivos estão imbricados quanto à reprodução da visão de mundo, principalmente na ação de conceituar, através do nome próprio dos lugares, aquilo que está ao redor dos seres, a sua visão-percepção.

Isso nos leva à definição, segundo Lakoff, de *frame*

Frames⁷ are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act and what counts as good or bad outcome of our actions. In politics our frames shape our social policies and the institutions we form to carry out our policies. To change our frames is to change all this. Reframing is social change (LAKOFF, 2004, p. 15).

As imagens podem ser imagens mentais que partem de um conjunto sociocultural capaz de evocar expressões/enunciados.

Ao pensarmos na ciência toponímica, especificamente sobre os orônimos, um dos

⁴ A linguística cognitiva rejeita os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia da linguagem: entre outros, a separação entre conhecimento "semântico" (ou "linguístico") e conhecimento "enciclopédico" (ou "extra-linguístico"), fundamentada no postulado da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação linguística (relativamente ao qual se considera que se podem e devem definir e analisar as categorias linguísticas), distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas (SILVA, 1997b, p. 02-03).

⁵ Relativo ao processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio (HOUAISS 2001-2007).

⁶ Concernente à sociedade; relativo à comunidade, ao conjunto dos cidadãos de um país; coletivo (HOUAISS 2001-2007).

⁷ Frames são estruturas mentais que moldam a maneira com que vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que traçamos, os planos que fazemos, a maneira que agimos e o que conta como resultados bons ou ruins de nossas ações. Na política, nossos frames moldam nossas políticas sociais e as instituições que formamos para implementar nossas decisões. Mudar nossos frames é mudar tudo isso. Reframing é mudança social (tradução nossa).

aspectos relevantes no que diz respeito ao topônimo é a persistência histórica e a sua diversidade semântica. Assim, fatores tanto físicos (aspectos geográficos, topografia, clima), quanto psicossociais (forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo) refletem na língua, que, dessa forma, sofre influências de três pontos:

Quanto ao seu assunto ou conteúdo, isto é, ao léxico; quanto ao sistema fonético, isto é, o sistema de sons com que opera para construir as palavras; e quanto à forma gramatical, isto é, aos processos formais e às classificações de ordem lógica ou psicológica que se usa quando se fala (SAPIR, 1969, p. 45).

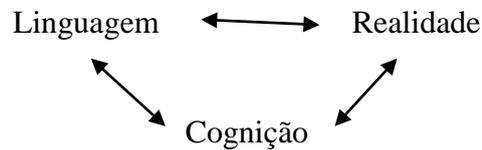
Desse modo, o léxico sofre algumas influências em seu contexto morfológico que se tornam traços marcantes de seu contexto. Entretanto, apenas aspectos linguísticos não são suficientes para a definição daquilo que motiva o nome do lugar. É necessário recorrer a outras formas de identificação associativas de ordem psicológica, as quais não dizem respeito ao acidente físico propriamente, mas à forma de percepção dos aspectos que podem ser encontrados em suas proximidades, como visto em Frago Gracia (1982, p. 25-26):

Un somero repaso al articulado de este capítulo onomástico revelará enseguida que unas veces se trata de genuinos nombres orográficos, en tanto que otras veces se estará ante acomodaciones más o menos cuajadas, también con similar sentido oronímico, en los usos léxicos de diferentes épocas, acomodaciones en su mayoría debidas a metáforas que se han visto propiciadas por la comparación de algunos relieves del suelo con partes del cuerpo humano o animal, y con objetos muy familiares al campesino. Por lo demás, la metaforización es un recurso creativo casi omnipresente en la oronimia, si bien al considerar este fenómeno es preciso distinguir, de un lado, el momento de la historia del vocablo en que ha tenido lugar y, de otro lado, el nivel de especialización que en este particular valor semántico ha adquirido la palabra en cuestión, no sólo por la intensidad con que se refleje en la toponimia, sino también en el léxico común⁸.

Frago Gracia ressalta o processo de criação dos nomes oronímicos decorrentes de associações comparativas de origem metafórica, seja tomando como fonte para essa comparação partes do corpo humano, o que tem orientado muitas metáforas; de partes de corpo de animais, como também de objetos que permeiam o espaço natural dos denominadores. Assim, o autor ressalta o caráter onipresente da metáfora no processo criativo de atribuição dos nomes, notadamente dos orônimos, no momento histórico que singulariza essa criação vocabular, como também no nível de especialização que adquiriu a palavra ao ser metaforizada como signo oronímico.

⁸ Uma breve revisão dos artigos deste capítulo onomástico revelará imediatamente que ora são nomes orográficos genuínos, ora estaremos diante de acomodações mais ou menos coaguladas, também de sentido oronímico semelhante, nos usos lexicais de diferentes períodos, acomodações principalmente por metáforas que têm sido propiciadas pela comparação de alguns relevos no solo com partes do corpo humano ou animal, e com objetos muito familiares ao camponês. De resto, a metaforização é um recurso criativo quase onipresente (tradução nossa).

Nesse caso, no âmbito da perspectiva cognitiva, também se volta para a iconicidade da “metáfora” em relação às inter-relações existentes entre o ambiente sociocultural e as imagens conceituais que podem ser evocadas. Teríamos então, numa abordagem semântica:



Para Lackoff (1980) as relações entre estrutura sintática e mundo objetivo são medidas pela cognição. Correlacionando essa afirmação ao conceito toponímico, percebemos que há uma integração ‘linguística’: construímos novos significados envolvendo aquilo que já conhecíamos antes. Ao analisarmos um orônimo, transparece a representação do mundo objetivo, o elemento geográfico, e sua representação sêmica, o próprio nome específico:

{ Morro - projeção do termo genérico
 do Elefante - evocação do termo específico

Percebemos que é necessário o conhecimento prévio responsável pela integração entre dois (ou mais) nomes, entendendo esses aspectos de forma separada (com um significado) e, posteriormente, unida (fusão dos termos com um significado novo, criativo), passando a entender o nome como um todo, ou melhor, a representação do lugar enquanto um novo termo que foi gerado resultante dessa associação, o topônimo.

A linguagem é considerada como parte integrante da cognição⁹, capaz de justificar a realidade física a partir da realidade psicológica. Isso significa que interligamos o conhecimento linguístico àquilo que vemos e presenciamos. Esses conhecimentos estão atrelados ao que vivenciamos social e culturalmente¹⁰ e, a partir disso, correlacionamos essas experiências à construção de novos sentidos. Na ciência toponímica, principalmente com os nomes atribuídos à oronímia, as experiências do sujeito denominador são fortemente ligadas à sua visão-percepção a fim de descrever as sensações emergidas pelo que sugerem os acidentes

⁹ Processo ou faculdade de adquirir um conhecimento; percepção; ato ou efeito de conhecer (HOUAISS 2001-2007).

¹⁰ Foi com Edward Sapir em 1921, com *A linguagem* (1972) que, pela primeira vez, foi apreendida a relação estreita entre língua e cultura. Afirmava o antropólogo que havia uma coesão qualquer entre a língua e o povo que dela se utiliza para a comunicação, observação que brotou da experiência de fazer a descrição das línguas indígenas ágrafas, em meio a culturas diferenciadas, em fase de extinção (CHIAVEGATTO, 2009, p. 79).

físicos.

Nesse caso, tem-se a língua como instrumento para expressar ações, sentimentos, significações e interações em sociedade, capazes ainda de estabelecer categorias dentro de sua estrutura. À categoria dos orônimos, integram-se montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins, pois todos possuem características básicas da categoria ‘orotopônimo’. Para esse conjunto orográfico, outras categorias vão surgindo em um processo de nomeação icônica: orônimos que acionam nomes de animais, de objetos da cultura material, de partes do corpo humano, de eventos do mundo e outros. Segundo Chiavegatto, “as formas da língua acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de conhecimentos subjacentes na memória ou presentes como contexto, nas situações comunicativas” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 83).

Assim, os processos cognitivos e as construções linguísticas abrangem correspondências metafóricas interligando cognição e linguagem, em que esta se materializa principalmente acionando os nomes que subjazem o vocabulário dos interactantes.

2.2.1 Iconicidade linguística e orônimos

O termo *ícone*, do grego *eikôn*, significa “imagem, retrato, imagem refletida em espelho, e ainda ‘iconicidade’ do grego *eikonikós*, “que reproduz os traços, que representa, que se assemelha”, pelo latim *íconicus*, “feito ao natural, representado ao vivo” (HOUAISS; VILAR, 2007-2011). Oriundo da terminologia peirceana, o signo icônico tem se ligado fortemente a vários campos dos estudos da linguagem, principalmente à Semiótica e à Gramática Funcional, levando em consideração a sua representação a partir de três elementos:

Encontramos representações de três tipos – Signos, Cópias, Símbolos. Por uma cópia, eu quero indicar uma representação cuja concordância com seu objeto depende meramente de uma similitude de predicados. Por um signo, eu quero indicar uma representação cuja referência a seu objeto é fixado por convenção. Por um símbolo eu me refiro a algo sobre o qual o ser é apresentado à mente – sem qualquer semelhança com seu objeto e sem qualquer referência a uma convenção prévia – um conceito (PIERCE, 1984, t.1, p.256 *apud* QUEIROZ, 2007, p. 182).

Nesse caso, o **ícone** está para a semelhança; a **cópia** (índice) equivale à relação de contiguidade; e o **símbolo** refere-se às referências mentais. Neves define iconicidade como “um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana” (NEVES, 1997, p. 103). Assim, partimos do princípio da não-arbitrariedade e do pressuposto de que há similaridade entre os termos e as coisas que nomeiam.

Assim, identificamos como iconicidade as características que o ícone tem em comum com o acidente físico que representa, o que ocorre em grande parte dos nomes analisados nessa pesquisa. Significa que um determinado local não recebe um nome em vão, mas há algo ali que interfere no momento da nomeação, ressaltando a própria forma física do acidente ou até mesmo algo que tenha uma forte presença, próximo ou ao redor do local.

Ontem, o homem escolhia em torno, naquele seu quinhão de natureza, o que lhe podia ser útil para a renovação de sua vida: espécies animais e vegetais, pedras, árvores, rios, feições geológicas. Esse pedaço de mundo é da Natureza toda que ele pode dispor, seu subsistema útil, seu quadro vital (SANTOS, 1994 apud OLIVEIRA, 2008, p. 69).

Dessa maneira, a estrutura da língua reflete o mundo daqueles que o experienciam. Isso porque a linguagem recebe uma motivação icônica com base nos elementos que fazem parte da estrutura do lugar. Neves (1997) traz em sua obra a separação feita pelo filósofo Peirce entre “iconicidade imagética” e “iconicidade diagramática”:

A primeira constitui uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, com respeito a uma determinada característica, enquanto a segunda se refere a um arranjo icônico de signos, nenhum deles se assemelhando necessariamente a seu referente, sob qualquer aspecto (NEVES, 1997, p. 106).

Neste caso, nos estudos acerca dos nomes dos lugares, particularmente na categoria dos orônimos, o nome é motivado a partir da relação de semelhança que ele porta com seu referente e ainda como uma relação de contiguidade, de presença. Dick (1992, p. 37) enfatiza a questão humanidade/meio ambiente, ao mostrar a pesquisa de Drummond (1965), que traz a forma como os índios Bororo nomeavam, em que, na maioria das vezes, usavam nomes relacionados ao meio em que viviam, usando de base para os topônimos os elementos ergológicos próprios do uso, e animológicos, preservando, através da Toponímia, seu patrimônio cultural dentro da língua. Lembrando que, no início, no Brasil, a Toponímia estudava apenas esses nomes de origem indígena, em que os mais recorrentes eram de origem Tupi.

O sistema léxico-tupi trouxe uma grande contribuição linguística ao português, o qual vem sendo preservado através da Toponímia, mantendo vivas as tradições indígenas. Significa que o topônimo é uma forma de expressão linguística, assim como qualquer outro termo, porém a sua construção nasce a partir da junção de alguns aspectos conceptuais que norteiam o ato de dar nomes. Nessa conceituação, o ato linguístico, que poderia ser simples e arbitrário, passa a ser motivado. Motivação esta que vem da intencionalidade do nomeador e da origem do nome escolhido.

O conjunto do léxico disponível para a escolha e seleção denominativa, portanto, o conjunto paradigmático desses termos, encontra-se, nesse estágio de preconceção, em que não houve uma associação do signo com uma função toponímica, com função de signo arbitrário. Temos, assim, a seguinte disposição do estágio evolutivo desse termo: conjunto paradigmático - motivação - gênese - socialização - convenção arbitrária (CASTRO, 2017, p. 40)

Dessa forma, a partir do momento em que o denominador visualiza o local, ele aciona conceitos e sentidos que surgem à mente e motivam a escolha de um nome que será usado como topônimo. Esses aspectos/motivações são expressos a partir de imagens (verbais e não-verbais), dando “primazia ao espaço figurativo por meio da descrição” (PINHEIRO, 2014, p. 115). Assim, as imagens estabelecem uma inter-relação entre sujeito e meio, seja ele físico, social ou mental.

Nesse sentido, o estudo da Toponímia, busca identificar os processos motivacionais e significativos dos signos oronímicos a partir dos elementos formadores dos nomes e da descrição do acidente físico, ressaltando uma iconicidade prototípica nos nomes toponímicos orográficos. O processo que unifica um lugar a um nome pode ser chamado de significação, isto é, o signo que nomeia o lugar evoca uma característica do acidente físico, tornando a imagem do local fixa à memória do denominador.

A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar: uma nuvem é sinal de chuva, um franzir de sobrancelhas sinal de perplexidade, o latido de um cão sinal de cólera, a palavra “cavalo” é o signo do animal (GUIRAUD, 1973, p. 15).

Assim, a Toponímia centra-se no conjunto lexical da língua e traz à tona as peculiaridades dos nomes que compõem o léxico local. Enquanto a motivação é uma característica do signo toponímico durante sua criação. Dick (1990, p. 39) destaca a “intencionalidade que anima o denominador” na escolha de um nome para um acidente geográfico e “a própria origem semântica da denominação”, o que nos leva a dois fatores: significado transparente, claro, e significado opaco, vazio de sentido¹¹. Dessa forma, observa-se, a exemplo, que o orônimo “morro *da Curica*”, classificado como zootopônimo, relativo à fauna, remete-se à própria ave que habitava o local assim denominado por influências externas.

Nesse sentido, o processo de nomeação é um mecanismo importante para que as pessoas possam organizar seu meio e promover sua interação social e, portanto, quase sempre utilizam o próprio ambiente como uma compreensão do meio envolvente. Assim, são levados em consideração elementos ambientais (como animais e plantas), os quais são frequentemente

¹¹ As definições de significado opaco (e transparente) serão discutidas nos tópicos seguintes.

usados para nomear acidentes pessoais e de origem humana na área.

Desse modo, é bastante perceptível a inter-relação sistêmica existente entre a língua(gem), os seres humanos e seu meio ambiente na própria forma dos nomes próprios oronímicos, o que leva ao estabelecimento de um diálogo com a Linguística Ecosistêmica também conhecida como Ecolinguística.

2.3 Perspectiva Ecosistêmica

A Linguística Ecosistêmica volta-se para os fenômenos da linguagem a partir de uma perspectiva do ecossistema que envolve língua, povo (usuários da língua, os falantes) e território. Segundo Couto (2015, p. 04), “significa que se trata de uma linguística que parte do conceito de ecossistema para erigir suas bases epistemológicas”, sendo, portanto, “uma variedade brasileira da ecolinguística segundo a qual tudo emerge do e imerge no ecossistema” (Idem). Ou ainda, nas palavras de Couto, “é uma disciplina eminentemente ecológica [...] que tem sido chamada também de ecologia linguística” (COUTO, 2014, p. 27). É necessário ainda salientar que o conceito de ecossistema se dá a partir da interação entre as partes que o integram. Evocamos, assim, a definição de Ecolinguística:

Ramo das ciências da linguagem que se preocupa com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, e que intervém a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção do pequeno (FILL, 1993, p. 04 *apud* COUTO, 2007, p. 39).

Nesse caso, a definição nos leva ao fato de que podemos entender essa ciência como um estudo das relações entre língua e meio ambiente nomeado, via denominador. A Toponímia, parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares, abarca os estudos geográficos que, por sua vez, são os nomes próprios de uma região, cidade, lugar, entre outros, em outras palavras, são os resultados e os registros das interações entre as pessoas e seu ambiente através da linguagem.

Sapir traz essas relações, quando conceitua a **língua** como passível de influências sob três perspectivas: “quanto ao assunto, isto é, o léxico; quanto ao sistema fonético, isto é, o sistema de sons; e quanto à forma gramatical, isto é, aos processos formais das palavras e às classificações de ordem lógica ou psicológica que se usa quando se fala” (SAPIR, 1969, p. 45); e o **léxico** ele entende como “o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1969, p. 45); e classifica o **meio ambiente** a partir de dois fatores: físicos e sociais. “Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos,

como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha) clima e regime de chuvas” (SAPIR, 1969, p. 44) e por fatores sociais “se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo” (SAPIR, 1969, p. 44), conceitos que dão base à Linguística Ecológica e que, naturalmente, estão perceptivelmente inter-relacionados com a percepção dos topônimos/orônimos.

Dessa forma, este trabalho dialoga também com a visão da Linguística Ecológica de Couto (2007) devido a seu conceito principal de língua e meio ambiente. Segundo esse autor, “na ecologia linguística, a população de organismos é o **povo** (P), o meio ambiente (físico) é o **território** (T) e as interações são a **língua** (L). Em seu interior, PT constitui o **meio ambiente da língua**” (COUTO, 2014, p. 30). Para tanto, a língua se constitui a partir das interações e, concomitante a isso, mantém seu léxico vivo a partir do uso, ou melhor, da nomeação dos lugares que servem como ponto de referência e mantenedor do nome de forma fixa durante a passagem dos anos.

O léxico, componente da língua com o qual o ambiente interage, é definido em uma perspectiva ecológica como “o inventário de rótulos que os membros da Comunidade criaram para os aspectos do meio ambiente que consideraram relevantes no processo de adaptação a ele e dele a si mesmos, bem como deles uns com os outros” (COUTO, 2007, p. 188). Significa então que os nomes dos lugares, os topônimos, estão relacionados às necessidades de os homens interagirem com aqueles com quem convivem, nesses ambientes.

Implica dizer que há fatores interligados que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que o léxico da língua está inter-relacionado ao meio ambiente:

De maneira geral, é melhor empregar o termo “ambiente” apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo (SAPIR, 1969, p. 44).

Nessa concepção, o ambiente se reflete na língua diferenciando fatores físicos e sociais. A classificação dos topônimos apresenta características lexicais e morfossemânticas relacionadas a seu contexto ambiental, demonstrando aspectos específicos do meio denominado em relação a seus componentes toponímicos, em outras palavras, apresentando semelhanças entre os nomes que determinados acidentes recebem e o local no qual se encontram, o que quer

dizer que o ambiente também direciona o uso da língua e essa, por sua vez, reflete o mundo e tudo o que é percebido a seu redor.

Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo com a estrutura da palavra, os elementos vivos da cultura de quem a usa, isto é, os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que revela que a língua é influenciada pelo meio ambiente, ela se inter-relaciona com esse ambiente, via falantes. Nessa perspectiva, os estudos acerca da oronímia (divisão toponímica) nos levam a essas relações entre os estudos linguísticos e o lugar, isso porque, a partir do léxico, o ambiente físico é refletido na língua de seus falantes.

Para Dick (1990), a nomeação funciona como uma atividade de significação, a qual apresenta as compreensões de determinada população sobre os lugares em que vivem. Significa dizer que a nomeação desses lugares tem origem em fatores sociais, culturais e, como é possível perceber nesta pesquisa, fatores ambientais. Isso implica que um povo se utiliza de seu universo sensorial e linguístico para transmitir significado a um acidente, isolando-o, tirando-o do anonimato e tornando-o um reflexo do ambiente em que está inserido.

O denominador utiliza-se de referências não só linguísticas, mas também culturais e icônicas no ato da nomeação que individualiza, atribui os nomes próprios relacionando nome e elemento referenciado, onde um depende intrinsecamente do outro para que possa existir melhor nas interações, como se discute a seguir.

A seguir, discutimos sobre a ciência que estuda os nomes próprios.

2.4 A Ciência Onomástica

Formado pelos elementos *onoma* (nome) e *tékne* (arte), *onomastiké* significa “a arte de nomear”; o termo grego, evoluído em português para *onomástica*, representa uma das principais ações humanas: dar nome àquilo que está ao seu redor.

A nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, 1998, p. 11).

Assim, a Onomástica, subárea dos estudos da linguagem, ligada à Lexicologia, investiga o processo de nomeação e faz parte, portanto, da área dos estudos linguísticos, ocupando-se dos nomes próprios de pessoas e lugares. Essa ciência divide-se em duas subáreas

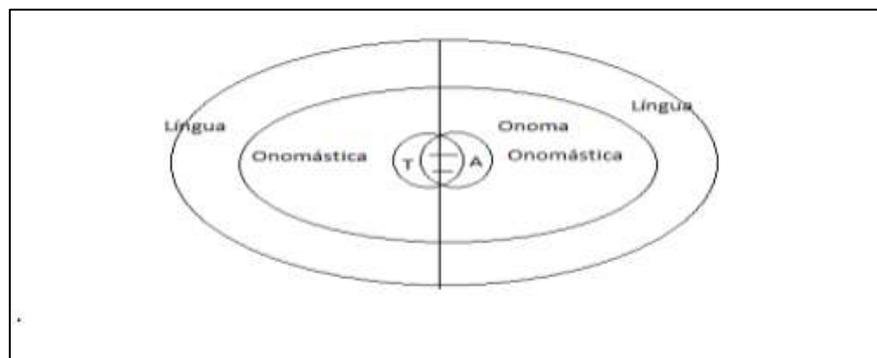
principais: a Antroponímia (relacionada às pessoas) e a Toponímia (relacionada aos lugares), que em seu estudo etimológico, subdivide-se em Fitonímica (nomenclatura taxonômica botânica); Geomorfonímia (formas do relevo terrestre); Zoonímia (nome designativo de animais), entre outras tão importantes quanto as aqui citadas.

Nas palavras de Dick, a Onomástica “[...] contribui para sua própria expansão terminológica, difundindo expressões regionalistas e formas individualizadas do fazer nominativo” (2007, p. 463), e como ciência, incorpora a Toponímia:

Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira ‘relação de inclusão’, em que aquela será sempre desta, ‘uma parte de dimensões variáveis’. Logo, apenas o emprego dos signos linguísticos é que se torna especial nas ciências onomasiológicas; ou, em outras palavras, a função significativa dos mesmos é que se diferenciam quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo (DICK, 1980, p. 287-288).

A partir da Figura 01, a seguir, é possível perceber essas inter-relações entre língua e Onomástica e, numa perspectiva mais aprofundada, as relações entre língua, Onomástica, Antroponímia e Toponímia no processo denominativo, representadas da seguinte forma:

Figura 01: Onomástica



Fonte: DICK (1999, p.145).

A Onomástica, portanto, se ocupa do *nome* na função de demonstrar e explicar as causas e motivações denominativas, considerando tanto valores linguísticos, quanto valores extralinguísticos.

Dentre os diversos estudiosos que se dedica(ram) à Onomástica, estão José Leite de Vasconcelos (1928), voltado principalmente para a Antroponímia; Dauzat (1951) e Dick (1990, 1992), para a Toponímia.

Este trabalho é de caráter onomástico, pois está ligado aos nomes sul maranhenses, particularmente à toponímia, visto que tem como objeto de estudo os nomes de lugares que compõem nosso espaço, mais especificamente os orônimos, nomes de acidentes físicos que

embelezam a natureza local, registrados no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA).

2.4.1 O nome próprio e seu referente

O nome próprio¹² funciona como um designativo, pois singulariza o lugar que nomeia partindo de motivações que impulsionaram sua escolha. Ullmann (1964, p. 155) afirma que “a função do nome próprio é apenas ‘identificar’, porque serve somente para singularizar uma pessoa ou objeto em relação às entidades semelhantes”.

Quadro 01 – Fundamentos do conceito de nome próprio em Ullman

Unicidade	“No século II a.C., o gramático Dionísio Trácio resumiu a diferença entre o nome próprio e o substantivo comum nos seguintes termos: ‘um nome é uma parte declinável da oração que significa um corpo ou uma actividade, um corpo como ‘pedra’ e uma actividade como ‘educação’, e que pode ser usada tanto comumente como individualmente. [...] O nome próprio significa um ser individual, como ‘Homero’” (ULLMANN, 1964, p. 151)
Identificação	“Um nome próprio serve apenas para identificar uma pessoa ou objeto, singularizando-os de entre as identidades semelhantes” (ULLMANN, 1964, p. 152).
Designação contra conotação	“Outro critério famoso sugerido por Mill é a função <designativa> dos nomes próprios, por oposição ao valor <conotativo> dos substantivos comuns. ‘Os nomes próprios’, diz, ‘não são conotativos: designam os indivíduos que por eles são chamados; mas não indicam nem implicam nenhum atributo como pertencente a estes indivíduos’” (ULLMANN, 1964, p. 153-154).
Som distintivo	“Sir Gardiner aceita a identificação como essência dos nomes próprios, mas acrescenta o critério do som distintivo”. (ULLMANN, 1964, p. 155).
Critérios gramaticais	“A diferença semântica e funcional entre nomes próprios e substantivos comuns variam de uma língua para outra refletindo peculiaridades gramaticais” (ULLMANN, 1964, p. 157).

Fonte: A autora, a partir dos conceitos em Ullmann (1964, p. 151-157).

Quanto à “identificação”, ressaltamos que, além de identificar uma pessoa ou objeto, singularizando-os entre as identidades semelhantes, o nome, quando em função toponímica, apresenta sentidos conceptuais que o inter-relacionam a essas entidades, pessoas e lugares. No que diz respeito ao lugar, o signo linguístico é característico a este espaço quando

¹² Nome próprio ou individual. É o nome dado no momento do batismo, ou do nascimento da pessoa. Tomemos por exemplo o nome do autor em questão, Leite de Vasconcelos, válido para todas as aplicações. Nesta acepção, o nome individual é José (CARVALHINHOS, 2007, p. 168).

está em função toponímica. Em situação peculiar, o nome funciona como “um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares” (Dick, 1992, p. 16). Isso porque o nome escolhido para topônimo passa de um designativo vocabular comum para funcionar como um signo linguístico de maior significação, pois reflete não só o lugar, mas também as características locais que compõem o espaço denominado, além de aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos do denominador e ou do denominado.

Na situação específica do topônimo, além de determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador (ISQUERDO, 1997, p. 31-32).

É possível, então, perceber que os nomes são atribuídos aos lugares de forma motivada e significativa, apontando a identidade dos lugares e, para além disso, funcionando como referência para aqueles que se debruçam sobre o nome próprio¹³ toponímico na busca de suas significações e motivações.

Diante disso, é notório que a relação entre palavra e aquilo que nomeia vai além do conceito de palavra, remetendo-nos a uma complexa identificação designativa que carrega traços culturais do denominador e individuais do lugar nomeado.

O nome próprio de caráter toponímico é uma forma de expressão linguística e representa um referente, o acidente físico, dando-lhe uma forma de evocação prática e, obviamente, uma individualidade e um significado claro, contribuindo para melhor evocação, expressão e associação do nome e lugar.

O nome toponímico, diferentemente das demais classes de nomes, cuja relação de referência é indeterminada, mantém um status que lhe dá o caráter de próprio daquele referente, o qual é especificamente atribuível a este nome por meio de suas formas de apresentação que o lugar traz em si (CASTRO, 2012, p. 43).

Significa dizer que essas lexias, quando passam a referir um lugar passam a ter uma função de identificação, o que lhes atribui uma identidade única para referir aquele lugar. Entretanto, com o passar do tempo, muitas vezes as inter-relações entre o referente e o nome que o identifica perdem clareza, o que os torna opacos. Dick defende que os nomes próprios se mantêm opacos, vazios de sentido:

¹³ O nome próprio é objeto de estudo da Lexicologia, “parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica (HOUAISS, 2001-2007).

Os nomes corporificam uma função significativa ou conotativa; quer dizer isto que o nome próprio (igual a topônimo e/ou antropônimo) não participa de um universo de significação por que é “opaco”, vazio de sentido, empregado sempre como referência, sem relação com a primitiva etimologia, o que não acontece com o substantivo comum, cuja significância é transparente. (DICK, 1992, p. 06).

A partir dessa discussão, podemos compreender que o nome não é dado de forma arbitrária e insignificante ao local, esses nomes possuem uma referência real, os acidentes que nomeiam, dando-lhes não só um contexto no meio em que são encontrados, mas também uma significação.

A linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo à estrutura da palavra, os elementos vivos da cultura de um povo. Para Menendez Pidal (1952, p. 05) “no es sólo la historia de los nombres propios más usuales en un idioma, pues encierra, además, un singular interés como documento de las lenguas primitivas, a veces los únicos restos que de ellas nos quedan”¹⁴. Assim, o estudo toponímico não diz respeito somente à significação dos nomes, mas à valorização de todos os aspectos que circundam uma sociedade, seu espaço e sua língua. Neste sentido, os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que revela que a língua é influenciada pelo meio ambiente.

As ações da vida humana e o pensamento do indivíduo estão interligados às influências do meio em que vive. Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo com os elementos vivos da cultura deste povo. Os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que a língua está inter-relacionada ao meio ambiente e seus referentes geográficos nomeados.

2.4.2 Toponímia: aspectos fundamentais

A Toponímia, enquanto ciência interdisciplinar, para alcançar seus objetivos necessita da associação com aspectos geográficos, históricos, culturais, biológicos e outros. Esta ciência parte inicialmente da Onomástica, ciência que trata do estudo dos nomes próprios, abordando origens, processo de denominação e etimologia do nome usado, e filia-se aos estudos linguísticos, possuindo forte vínculo com a História e a Geografia. Dick (1990, p. 36) define a

¹⁴ “não é só a história dos nomes próprios mais usuais num idioma, pois contém, além disso, um singular interesse como documento das línguas primitivas, às vezes os únicos resquícios que temos delas” (MENENDEZ PIDAL, 1952, p.05) **(tradução nossa)**.

Toponímia como “um imenso complexo língu-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. Nesse caso, ao pensar toponímia, percebemos que ela sempre caminhou em conjunto com a humanidade, visto que a nomeação sempre foi uma atividade inerente à vida humana:

A questão do nome, em si, já era pensada e havia sido formulada no segundo século antes de Cristo, pelo gramático Dionísio, responsável pela sistematização da primeira gramática ocidental. Várias questões pensadas sobre o nome próprio, pelos gregos, se refletem na atual definição de signo – e o nome, como signo que é, não pode deixar de ser regido exatamente pelas mesmas normas discursivas que regem todos os demais signos (CARVALHINHOS, 2008, p. 2).

Nesse sentido, os lugares têm seu nome atribuído a partir das atribuições dadas ao lugar com base em um nome já existente. É, por exemplo, a partir dessa premissa que cidades maranhenses como Carolina e Imperatriz recebem sua denominação, a partir da influência de uma figura pública escolhida para ficar historicamente marcada por meio de um topônimo.

Para esta pesquisa, tomamos como base os princípios da ciência Onomástica. Assim, ao nomear um acidente físico, o donominador interpreta o local em relação a seu significado dentro do meio ambiente, de sua cultura e seu saber, mediante as apreensões do universo que o cerca. Dessa forma, ele percebe sua própria realidade na medida em que dá nome a um acidente físico. A comunidade tende a privilegiar o detalhamento de sua própria região, do lugar onde vive, o referente, considerando principalmente seu espaço habitacional e o que o compõe, além da sua própria vida psíquica.

O entendimento do fenômeno linguístico cultural, inserido, portanto, em uma fenomenologia social, bem como a aproximação entre a realidade linguística e contextos antropológicos justificam a pertinência de uma descrição dos mecanismos que asseguram tais relações a partir de elementos linguísticos de modo que a linguagem, uma vez que espelha a experiência humana do viver, dispõe seus dados acerca do conhecimento universal ao estudo científico. (OLIVEIRA, 2008, p. 13).

Nesse sentido, esses fenômenos, relacionados aos nomes dos acidentes físicos, principalmente morros e serras, levam-nos a uma questão de transparência ou opacidade de sentido, visto que esses nomes geralmente não sofrem processos de transformação ou de mudanças em relação à nomenclatura.

É pela linguagem que o homem situa em seu meio aquilo que o cerca, e os motivos que designam o nome toponímico dependem desse contexto e, ainda, da cultura e formação histórico-social daquele que exerce a função de nomear. No século XVIII, já era feita a associação entre o estudo dos objetos e o das palavras, isto é, as formas como a palavra, por meio dos nomes próprios, estava ligada ao mundo físico, isto é, “o estudo das coisas com as palavras a que estavam relacionadas, na obra ‘Onomástico Etimológico de La Lengua Galega’

[1925 (1745-1757)]” (CASTRO, 2012, p. 63). Assim, é válido afirmar que as principais bases para os estudos toponímicos vieram a partir de Frei Martín Sarmiento, que “apresentou as primeiras e já bem definidas classificações das categorias dos topônimos” (CASTRO, 2012, p. 65). Vale ressaltar ainda que os estudos dos nomes caminham e evoluem ao passo em que a humanidade progride e se desenvolve.

Para tanto, mesmo sabendo que estudar os nomes de lugares seja algo que interessa a muitos, a organização em um sistema disciplinar só surgiu por volta de 1878 na França, conduzida a princípio por Auguste Longnon¹⁵. Com a morte de Longnon, só em 1922, os estudos onomásticos foram retomados por Albert Dauzat com ensaios e pesquisas sobre os nomes de lugares antigos. “Em 1938, Dauzat organizou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, com a participação de vinte e um países” (DICK, 1987, p. 94).

Na verdade, a Toponímia começou a ser considerada como disciplina autônoma em 1878, na França, a partir dos estudos de August Longnon e do curso, por ele ministrado, na *École Pratique des Hautes-Études* e no colégio de França. Após sua morte, alguns de seus discípulos publicaram, em 1912, a obra *Les noms de lieu de la France*, baseados no curso ministrado por Longnon (DARGEL, 2003, p. 63).

A ciência toponímica surgiu inicialmente no Brasil para os estudos de nomes de origem Tupi, levantada inicialmente por Levy Cardoso, Theodoro Sampaio e Carlos Drumond na obra “Contribuição do Bororo à toponímica basílica”.

No Brasil, a participação de especialistas em estudos toponímicos foi levantada por Levy Cardoso, pondo em evidência o caráter praticamente histórico das publicações, de preferência voltadas para a lexicografia indígena, ele próprio especialista nos topônimos brasílicos da Amazônia, notadamente os de origem caribe e aruaque. (DICK, 1992, p. 04).

Com a miscigenação no país e, como consequência, a junção de outras línguas e culturas, os topônimos também seguiram essa deriva histórica e a toponímia foi se ampliando em sua dimensão de área de conhecimento, até chegar ao que tem hoje, com Dick¹⁶ e sua proposta classificatória, utilizada até então por estudiosos que escolhem seguir a área toponímica. O modelo teórico-metodológico concebido por Dick para o Atlas Toponímico do Brasil – ATB e o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP orienta o desenvolvimento de várias outras pesquisas distribuídas pelo Brasil, como o Atlas Toponímico

¹⁵ A partir de um curso que ministrou na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França, seus alunos publicaram a obra tida como clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados, *Les nomes de*

¹⁶ Na contemporaneidade, a toponimista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo/USP, tem trazido grandes contribuições e avanços aos estudos já realizados e fornecido subsídios para muitos outros trabalhos que se realizam. Seus estudos e pesquisas resultaram em obras que fundamentam a maioria dos projetos e estudos toponomásticos desenvolvidos atualmente no Brasil (CAZAROTTO, 2010, p. 56)

de Estado do Tocantins – ATITO, Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS e o Atlas Toponímico do Estado do Maranhão – ATEMA, ao qual esta pesquisa se vincula.

Vale ressaltar que é possível, nos estudos toponímicos, pesquisar os nomes dos lugares de maior proporção (macrotoponímia), como países e estados, e lugares de menor dimensão (microtoponímia), como morros e rios. Essa delimitação pode ainda ser feita de forma mais específica: toponímia urbana, humana e física. Esta pesquisa limita-se à toponímia física, mais especificamente aos orônimos, referente aos nomes próprios de serras, morros e descampados.

2.4.3 O orônimo

Segundo Milton Santos, o espaço geográfico é um conjunto de sistemas de objetos e ações.

Sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico. Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico (SANTOS, 2006, p. 226).

Nesse caso, o autor refere-se aos elementos artificiais e às ações humanas que, somados, são capazes de construir e transformar o meio, seja ele natural ou social. É necessário, então, perceber o espaço como material (forma) e social (conteúdo). A Geografia estuda, os lugares, países e continentes e, ainda, as características naturais desses lugares, e é nesse sentido que ela está associada à oronímia, “parte da onomástica dedicada ao estudo e à etimologia dos nomes designativos de montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins; relação, lista de orônimos; estudo dos ou teoria sobre os orônimos” (HOUAISS, 2001-2007); de **or(i/o)**- “antepositivo, do grego *óros, óreos-ous* 'montanha, colina'” + **-ônimo** “do grego *ónoma, atos* 'nome designativo de uma pessoa ou de uma coisa’” (HOUAISS, 2001-2007).

É imprescindível ressaltar aqui que a Toponímia, como subdivisão da Onomástica, tem sua estrutura organizada em diversas ramificações, dentre elas, a oronímia, objeto e fonte de pesquisa desse trabalho.

A toponímia mostra que a geografia física, através de seu espaço topográfico, contribui não só com a beleza local, mas também com a manutenção da cultura, da história e dos aspectos sociais de um povo através do nome que se mantém fixo. Nesse sentido, surge a necessidade de se nomear esses espaços que dizem respeito às elevações (ou depressões) de

terra. Segundo Prieto (1977, p. 136) “da necessidade de particularização e diversificação terminológica é, mais uma vez, em língua francesa, testemunha A. Dauzat, entre outros, com o termo *oronyme* (*orónimo*, termo para designar nome próprio de serra, montanha, elevação de terreno).” Isso ocorre porque, quando um grupo ocupa um espaço, surge a necessidade de nomear os pontos que o compõem, pontos esses que, diante das suas características, servem como referência e, conseqüentemente, esses aspectos geográficos recebem um nome para sua identificação, passando a valer, dessa forma, como referência toponímica.

A estrutura lexical toponímica é organizada segundo suas interpretações semânticas; separam-se os topônimos de acordo com o grupo de que faz parte. Assim, o campo lexical “elevação de terreno” (ou depressão de terreno) faz parte da chamada oronímia. A toponímia é, portanto, a ciência que estuda os nomes dos lugares, voltando-se para várias divisões do conhecimento. A Oronímia¹⁷ é uma parte da toponímia que estuda os nomes de lugares menores, nesse caso, montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins. Tais lugares geralmente são afastados das cidades e cada um recebe um nome motivado por santos, pessoas, rios, entre outros, mostrando parte do conhecimento linguístico e a cultura do nomeador.

Este estudo apresenta nomes de acidentes físicos, como serras, montanhas, morros e afins, os quais foram denominados em determinadas épocas e espaços por motivações específicas de seus denominadores.

2.4.3.1 Motivação oronímica

Uma das principais perguntas feitas por pesquisadores da área toponímica diz respeito à motivação no processo de nomeação dos lugares. É fato que a necessidade de dar nomes aos acidentes sempre existiu, o que nos move agora é a tentativa de entender os mecanismos que impulsionam os seres humanos em suas escolhas lexicais para constituir o orónimo.

Há diversas formas de se investigar as motivações toponímicas, partindo de suas características. A função do topônimo, enquanto um nome próprio de lugar, é distinguir um lugar entre os outros. Entretanto, as motivações dos nomes são, por vezes, desconhecidas pela comunidade local, podendo ser vistas apenas como um nome comum, um nome vazio/opaco.

No início desta pesquisa, ao questionar algumas pessoas do ciclo comum de

¹⁷ Ainda são poucos os estudos voltados para essa divisão da toponímia.

amizade sobre os nomes dos acidentes físicos que conhecem, muitos disseram não saber o nome ou sua motivação, assim, muitos topônimos e, principalmente, os orônimos são desconhecidos pelos moradores, justificando que as forças motivacionais e as influências que antes cercavam os acidentes físicos podem se apagar diante das marcas do tempo. Estas discussões se fazem, neste caso, de extrema importância para que esses fatores permaneçam vivos na memória social. É necessário, portanto, buscar e interpretar seus significados e motivações para que este conhecimento não fique apenas no passado e possa seguir com as novas gerações.

É a partir dessa ação (nomear) que a humanidade categoriza e organiza sua realidade, fazendo uso de elementos linguísticos capazes de referenciar os acidentes físicos (e humanos) de uma região. Assim, é possível afirmar que existe uma relação icônica entre lugar e nome próprio, como um “princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana” (NEVES, 2004, p. 103). Para esta autora, a forma linguística implica numa motivação icônica refletida no lugar representado. Isso porque o denominador lança mão de aspectos descritivos do lugar, como em morro *do Elefante* cujo nome, o orônimo, é dado segundo a semelhança das características físicas que o referente aparenta ter com o animal; e ainda de aspectos associativos como em morro *do Galheiro*, referente à fauna local, ou morro *da Mata*, referente à flora, demonstrando que, tanto aspectos puros (descritivos) quanto aspectos associativos contribuem com a motivação nominal.

É o caso da vegetação brasileira, que contribuiu com tantos nomes para a toponímia fitonímica, ou dos próprios animais que, independente de um determinado espaço, definido como habitat próprio, o distinguem pela sua presença, isolada ou em bandos (DICK, 1990, p. 41).

Isso significa que há, além de tudo, uma relação entre **o homem** (nomeador), **a língua** (léxico) e seu **ambiente** (aspectos motivacionais), como defendem Sapir (1969) e Couto (2007; 2014). Nesse sentido, Frago Garcia assinala que, após um referente geográfico ter recebido um nome próprio, “lo conservan en la actualidad, sí se registrará, en cambio, la abrumadora mayoría de los topónimos específicos de elevaciones del terreno, o de los que, bien por metaforización tardía bien por motivación semántica originaria, son orónimos en el sentido estricto de la palabra”¹⁸ (FRAGO GRACIA, (1982, p.27). Nesse caso, o orônimo funciona como signo linguístico que traduz a imagem do lugar propriamente, ou ainda de elementos que compõem o espaço em sua totalidade e de seus aspectos semântico-metonímicos e semântico-

¹⁸ O conservam na atualidade, como registro da maioria dos topônimos específicos de elevações do terreno, ou daqueles que, seja por metaforização tardia ou por motivação semântica original, são orônimos no sentido estrito da palavra (tradução nossa).

metafóricos.

Também é comum compararmos uma coisa a outra, fazendo analogia a um nome existente e dando significado ao acidente físico. “O povo transporta para objetos inanimados adjetivos cuja ideia empresta ao homem” (BRÉAL, 2008, p. 95). É o processo de significação que atribui um nome em analogia a outro já existente, conhecido como metáfora. Através da metáfora transpomos novos significados que, mediante uma palavra, designa um novo objeto, nesse caso, um acidente físico tido como topônimo. Por sua vez, “A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar [...] O signo é portanto um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo.” (GUIRAUD, 1986, p. 15).

[...] o elemento lingüístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada (DICK, 1990b, p. 34).

Percebe-se ainda que a motivação do nome do lugar considera, além da relação homem-língua-ambiente, aspectos sociais, históricos, lingüísticos e culturais que impulsionam a escolha lexical. A toponímia é, portanto, uma forma de expressão lingüístico-social e histórico-cultural de um grupo da região em que o orônimo está localizado.

[...] O lingüista italiano Mario Alinei argüiu a questão da motivação no processo de nomeação dos elementos da realidade. Mostrou como o signo é motivado no momento de sua criação. Nesse momento de gênese, as características distintivas do referente serão individualizadas e ressaltadas, motivando o nome apostro a esse referente (BIDERMAN, 1998, p. 110).

Nesse contexto, os nomes transparecem suas causas motivacionais de duas formas: causas motivacionais transparecem em dois momentos; no primeiro, o nomeador, a partir das motivações/interferências locais, sugere/escolhe um nome; no segundo, essa motivação é intrínseca ao ser, fazendo com que o sujeito-nomeador escolha a partir de suas experiências.

A respeito do caráter icônico na toponímia, é notória a construção de uma imagem visual a partir do nome que representa o lugar. Segundo Dick (1994a) “a relação dialética nome/lugar desencadeia no usuário um processo de construção de uma imagem visual que reproduz o que os símbolos icônicos do aglomerado (...) denotam” (p. 874). É partindo dessa perspectiva que ressaltamos a iconicidade em nomes como *Morro do Garrafão* e *Morro do Chapéu*, lugares que refletem em seu aspecto físico a mesma forma daquilo que motivou a atribuição de um nome, um termo fonte. Diante disso, verificamos que a nomeação de um acidente físico é conceptualmente motivada, envolvendo diversos aspectos associativos e de

inter-relação que dizem respeito tanto à vida do nomeador, quanto ao lugar de seu referente, além das interações entre esse indivíduo para com o ambiente.

Ainda nessa perspectiva, é importante ressaltar que a relação de cada topônimo é disposta por dois elementos básicos que nos remetem ao tipo de acidente e ao nome que carrega. São eles: *termo genérico* e *termo específico*.

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores. (DICK, 1992, p. 10)

O primeiro nome, leva-nos à indicação e classificação dos tipos de elementos geográficos; o segundo, ao próprio topônimo, facilitando a classificação taxonômica dos acidentes, a exemplo de Serra *da Enxada* (elemento da cultura material humana), Serra *do Caititu*, Morro *da Macaca* e Serra *dos Porcos* (acionamento da fauna), Morro *Vermelho* (aciona as cores do solo), Vão *do Buriti* (aciona a flora circundante). O primeiro termo (serra, morro, vão) refere-se aos genéricos, os quais nos indicam os tipos de acidentes e não são levados em consideração dentro das taxonomias classificatórias dos nomes. Por conseguinte, os nomes que vêm após o termo genérico, em itálico (enxada, caititu, porcos, vermelho, macaca, buriti), referem-se ao termo específico, é ele quem identifica, particulariza e singulariza o local denominado diante dos outros acidentes, relacionando-o, muitas vezes, ao próprio meio ambiente que está inserido.

Olhando a história da humanidade, é possível perceber que, desde o princípio dos tempos, a humanidade se relaciona com seu meio, e faz menção dos objetos com seus nomes. Para Saussure, signo linguístico é “a união do sentido e da imagem acústica. Uma entidade psíquica de duas faces composta por um significado e por um significante” (SAUSSURE, 1916, p. 80). Assim, o significado está para as ideias (sentido/conceito) enquanto o significante está para a expressão (imagem). Para Blikstein (1985), “o signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas, isto é, a realidade” (p. 20). É possível ainda a afirmativa de que é necessário considerar fatores extralinguísticos, uma vez que esses fatores serão responsáveis por representar esta realidade.

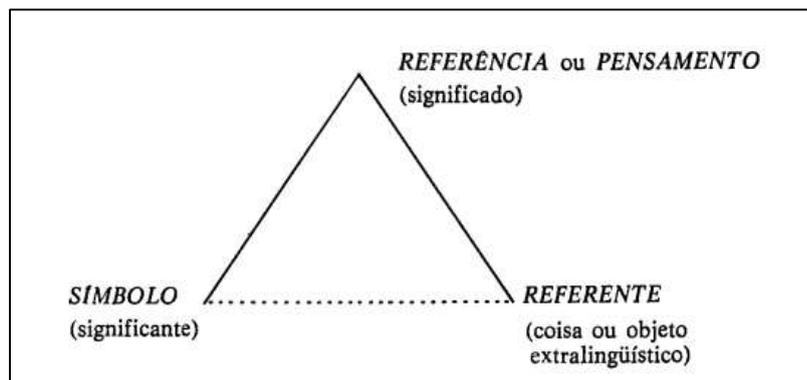
Relacionado a isso, o “triângulo semiótico”, assim chamado por Ogden e Richards (apud BLIKSTEIN, 1985, p. 23), constitui-se de uma nova significação para a teoria de Saussure. Assim, foram acrescentados ao significante e significado a coisa (ou referente):

C. K. Ogden e Richards lançaram a figura do *referente*, isto é, a *coisa* extralinguística, que distinguem nitidamente de *referência* ou significado linguístico; ficavam assim

superadas, aparentemente, as relações dicotômicas entre significante e significado, ou entre signo e realidade, ou ainda entre signo e pensamento, na medida em o *símbolo* (signo, ou melhor, significante para Saussure), *referência* ou *pensamento* (significado para Saussure), e *referente* (coisa ou objeto extralinguístico) passavam a figurar numa relação triádica, esquematizada num triângulo que ficaria clássico na linguística e na semiologia (BLIKSTEIN, 1985, p. 23).

Para tanto, a Figura 23, representação do triângulo, é capaz de ajudar na compreensão e interpretação dos topônimos:

Figura 02: Triângulo de Ogden e Richards



Fonte: Blikstein (1985, p. 25).

Entretanto, mesmo após a inserção desses novos termos na teoria linguística, os fatores extralinguísticos continuaram à mercê do esquecimento na pesquisa e análise. Mas Blikstein (1985, p. 39) acrescenta e insiste que há a “necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado”. O topônimo funciona como signo linguístico ao atuar como a identificação do espaço geográfico e por transmitir a relação existente entre o denominador e sua realidade, sendo, portanto, motivado por fatores extralinguísticos como: “características físico-geográficas e características antropoculturais, ligadas a aspectos psíquicos, históricos e culturais que o homem apresenta, enquanto ser individual e social” (SANTOS, 2019, p. 55), esclarecimento endossado por Andrade (2010, p. 134), ao afirmar que “o signo toponímico é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador”.

2.4.3.1.1 Significado opaco e transparente

Ao nomear um acidente físico, o ser humano interpreta o local em relação ao seu significado dentro do meio ambiente social, de sua cultura e saber, mediante as apreensões do universo que o cerca. Dessa forma, o ser humano percebe sua própria realidade ao passo em

que dá nome a um acidente físico. A comunidade visa privilegiar o detalhamento de sua própria região, considerando principalmente seu espaço habitacional e o que o compõe, além da sua própria vida psíquica.

O entendimento do fenômeno linguístico cultural, inserido, portanto, em uma fenomenologia social, bem como a aproximação entre a realidade linguística e contextos antropológicos justificam a pertinência de uma descrição dos mecanismos que asseguram tais relações a partir de elementos linguísticos de modo que a linguagem, uma vez que espelha a experiência humana do viver, dispõe seus dados acerca do conhecimento universal ao estudo científico (OLIVEIRA, 2008, p. 13).

Esses fatores, relacionados aos nomes dos acidentes físicos, principalmente morros e serras, nos levam a uma questão de transparência no sentido, visto que esses nomes geralmente não sofrem processos de transformação ou de mudanças em relação à nomenclatura.

O nome próprio toponímico é uma forma de expressão linguística e representa seu referente, o acidente físico, dando-lhe uma forma de evocação prática e, obviamente, um significado claro, contribuindo para melhor expressão e associação de nome e lugar.

O nome toponímico, diferentemente das demais classes de nomes, cuja relação de referência é indeterminada, mantém um status que lhe dá o caráter de próprio daquele referente, o qual é especificamente atribuível a este nome por meio de suas formas de apresentação que o lugar traz em si. (CASTRO, 2012, p. 43).

Significa dizer que essas lexias, quando passam a referir um lugar, passam a ter uma função de identificação, o que muitas vezes apaga a opacidade que tem o termo antes de ser atribuído a um lugar. Outras vezes, no caso de línguas indígenas, por exemplo, essa opacidade continua pelo desconhecimento dessa língua.

O toponimista Piel (1979) analisou os topônimos, além de outros caracteres classificatórios, em que criou taxonomias atualmente utilizadas na Toponímia, com base em dois aspectos fundamentais, a forma e as motivações de formação desses nomes. Com base nesses aspectos, ele classificou os topônimos em duas categorias de significação: nomes de significação “transparente”, aqueles que possuem clareza, a que ele também chamou de nomes falantes; e nomes de significação “opaca”, aqueles cuja significação é ininteligível à primeira vista, a que ele denominou de nomes mudos, os quais não se relacionam de imediato com os elementos do léxico comum.

Dick defende que os nomes próprios se mantêm opacos, vazios de sentido:

Os nomes corporificam uma função significativa ou conotativa; quer dizer isto que o nome próprio (igual a topônimo e/ou antropônimo) não participa de um universo de significação por que é “opaco”, vazio de sentido, empregado sempre como referência, sem relação com a primitiva etimologia, o que não acontece com o substantivo comum, cuja significância é transparente. (DICK, 1992, p. 06).

Compreendemos que o nome não é dado de forma arbitrária e insignificante ao local, esses nomes possuem uma referência real, os acidentes que nomeiam, dando-lhes não só um contexto no meio em que são encontrados, mas também uma significação.

Nesse sentido, o indivíduo, ao dar um nome, dispõe de uma gama de palavras em seu vocabulário e um vasto conhecimento acerca de cada uma. A sua função seria, então, escolher um nome para identificar um determinado acidente físico. Obviamente que essa atividade não é feita de forma arbitrária, pois o ser utiliza-se da linguagem, das palavras, muitas vezes tornando transparente o significado do lugar e, diante dessa ação, releva as características naturais do ambiente e as próprias vontades que a pessoa carrega em seu espírito. “Há para cada coisa um nome que lhe pertence por natureza. [...] A propriedade do nome reside no consentimento dos homens”, afirma Bréal (2008, p. 124). Nesse sentido, Castro comenta que: “os topônimos representam os lugares, ao portarem em sua forma os traços representativos das qualidades que significam os lugares, além de indiciarem a aproximação ou presença do lugar, ou ainda, a existência do lugar numa determinada localidade espacial” (CASTRO, 2012, p. 47). Portanto, é crucial afirmarmos aqui o caráter simbólico da linguagem ao se tratar de topônimos que estão expressamente ligados às relações icônicas que nos atestam que não há arbitrariedade na escolha de um nome.

2.4.4 Primeiras classificações

Dick (1992, p. 25) nos traz uma tabela apresentada por George Stewart, em 1954, com uma classificação toponímica, uma das primeiras a serem utilizadas na classificação taxonômica de termos estudados:

Tabela 01: Primeiras classificações

<i>1 – Descriptive names</i>	<i>2 – Possessive names</i>
<i>3 – Incident names</i>	<i>4 – Commemorative names</i>
<i>5 – Euphemistic names</i>	<i>6 – Manufactured names</i>
<i>7 – Shift names</i>	<i>8 – Folk etymologies</i>
<i>9 – Mistake names</i>	

Fonte: Dick (1992).

Essa autora ressalta que essas taxonomias, com relação à macrotoponímia brasileira, não satisfazem a todos os tipos de topônimos. Precisava-se de algo que pudesse designar os acidentes físicos (e geográficos) em toda a sua amplitude, de forma definitiva e sem erros.

A percepção visual, sensorial, psíquica e momentânea são as principais fontes e principais fatores de “inspiração” para a execução do ato de nomear. Há, pois, uma ligação entre o objeto denominado e seu denominador. Além disso, a nomeação sofre influências com base nos fatores ambientais e suas próprias características físicas, isso quando se pensa na interligação entre palavra – indivíduo – lugar. Implica dizer que os nomes ressaltam uma área cultural, ideológica, física e idiomática.

2.4.4.1 Sistema de classificação taxonômica

Esta pesquisa, assim como as pesquisas mais recentes relacionadas à Toponímia brasileira, tem mais embasamento em Dick (1990, 1992). Essa autora traz em sua obra “Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos”, o quadro “Sistema de Classificação Toponímica”, constituído por dois grandes grupos, os de **natureza antropocultural**, aqueles acidentes que têm seu nome com base em atitudes/ações humanas: *Animotopônimos ou Nootopônimos* – relacionados à vida psíquica e à cultura espiritual; *Antropotopônimos* – relativos a nomes próprios individuais; *Axiotopônimos* – referentes a títulos e dignidades; *Corotopônimos* – relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes; *Cronotopônimos* – indicadores cronológicos representados por: novo(a), velho(a); *Ecotopônimos* – relacionados às habitações em geral; *Ergotopônimos* – elementos da cultura material; *Etnotopônimos* – elementos étnicos (povos, tribos, castas); *Dirrematopônimos* – frases ou enunciados; *Hierotopônimos ou Hagiopônimos* – relativos aos nomes sagrados e aos nomes de santos e santas; *Historiotopônimos* – relativos aos movimentos de cunho histórico-social e a seus membros, assim como às datas correspondentes; *Hodotopônimos* – relacionados às vias de comunicação rural ou urbana (estrada, avenida, travessa); *Númerotopônimos* – relativos aos adjetivos numerais; *Poliotopônimos* – nomes constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; *Sociotopônimos* – relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e pontos de encontro; *Somatotopônimos* – nomes que metaforizam partes do corpo humano ou animal. O segundo grupo é o de **natureza física**, aqueles que têm seus nomes relacionados às características físicas do local: *Astrotopônimos* – relativos aos corpos celestes; *Cardinotopônimos* – referentes à posição geográfica; *Cromotopônimos* – referentes à escala cromática; *Dimensiotopônimos* – relativos às características dimensionais dos acidentes; *Fitotopônimos* – referentes a topônimos de caráter vegetal; *Geomorfotopônimos* – relativos às formas topográficas (elevações, depressões e formações litorâneas); *Hidrotopônimos* – topônimos advindos de acidentes hidrográficos em

geral; Litotopônimos – referentes aos minerais; *Meteorotopônimos* – relativos a fenômenos atmosféricos (vento, neve); *Morfotopônimos* – aqueles que refletem o sentido de forma geométrica; *Zootopônimos* – referentes a animais, domésticos ou não.

Além das 27 (vinte e sete) classificações apresentadas por Dick, há ainda duas novas categorias: *Igneotopônimo* – referente ao fogo, apresentada por Aparecida Carvalho em sua tese de doutorado de 2010; e *Siglatopônimo* – referente a topônimos formados por siglas, apresentada por Heloísa Reis Curvelo-Matos em sua tese de doutorado de 2014. Esse fato nos faz pensar que os estudos toponímicos estão sempre caminhando e evoluindo em relação ao tempo, com categorias que respondam a todos os nomes encontrados no decorrer dos estudos da área.

A tentativa de abranger todos os seres denominados com um sistema taxionômico revela quão amplo é este campo de estudo e em quais campos se podem aplicar esses saberes tão naturais ao indivíduo denominador dos objetos, de seus parceiros e dos espaços onde vive e os quais aprecia. Certamente que pensar em aplicar esses estudos no ensino básico é uma necessidade, posto que desde sua tenra infância, é com os nomes das coisas e das pessoas com quem convive que o homem começa seu processo de aquisição da linguagem, particularmente, do léxico.

2.5 Inter-relações oronímicas: um olhar para a cultura e para o ensino

Inserida no ramo da Lexicologia, a Onomástica, ciência que estuda os nomes próprios, constituída principalmente por dois grandes ramos, Antroponímia e Toponímia, tem se mostrado a principal forma de investigação para demonstrar como o nome é capaz de singularizar uma pessoa e um lugar levando em consideração seu campo interdisciplinar, notadamente no que se refere aos aspectos antropoculturais e naturais:

a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atenuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (DICK, 1990, p. 19).

Nesse sentido, a Oronímia, enquanto divisão da toponímia, evidencia o fato de que seus estudos podem ser associados à Linguística Ecológica, à Linguística Cognitiva, bem como às conquistas territoriais, à apreciação dos aspectos naturais e do modo de vida dos habitantes locais, além de seus aspectos identitários, e à vasta formação do campo lexical do quais os nomes oronímicos fazem parte. Portanto, associada à cultura em geral em virtude de

seu caráter interdisciplinar.

Na opinião de Seabra (2015, p. 68), “a cultura é aprendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, mas não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive”. Essas práticas, herdadas e repassadas culturalmente entre as gerações perpassam os séculos através da linguagem enquanto fator categorizador das coisas que circundam os espaços e as vivências.

Para esta autora, a cultura é também ferramenta de conhecimento:

os membros de uma cultura devem compartilhar certos modelos de pensamento, maneiras de ver o mundo, de fazer inferências e suposições. Esse conhecimento é socialmente distribuído, o que significa reconhecer que o indivíduo não é sempre o ponto final nos processos de aquisição, isto é, o conhecimento não se encontra totalmente na mente de uma pessoa, pois reside, também, nas “ferramentas” que a pessoa utiliza. Além disso, nem todos têm acesso à mesma informação e se têm, nem sempre a utilizam (SEABRA, 2015, p. 69).

Esses modelos de pensamento ou formas de ver o mundo são compartilhados socialmente também via processo educativo, por meio do ensino em sala de aula, onde todos poderiam ter acesso a essas informações que vão para muito além da língua, um conhecimento sobre a língua e a cultura local/regional que envolve fatores extralinguísticos tais como os geográficos, históricos, cartográficos, etnográficos e outros.

Assim, dada a sua interdisciplinaridade, a Toponímia, relacionada a diversas áreas do conhecimento, vai ao encontro dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que afirmam que é necessário “conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País (PCN, 1998, p. 07). O estudo acerca da toponímia contribui na formação do alunos quanto ao seu conhecimento tanto da cultura, quanto do léxico local, sendo, portanto, fundamental para a sua formação.

Ademais, o aluno deve: “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente” (PCN, 1998, p. 07). Essa proposição retoma os propósitos dos estudos ecossistêmicos de zelar e preservar o meio ambiente tendo uma vivência voltada para a sustentabilidade. A respeito disto, as ações para o ensino devem trabalhar para cumprir os 17 (dezessete) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos no plano de ação global, em que o Brasil está incluído, para preservar a natureza, eliminar a pobreza e oferecer educação de qualidade a todos, até o ano 2030.

Assim, o corpo discente deve atuar como agente transformador de seu meio, mas, para isso, deve antes compreendê-lo “ampliando o contato dos estudantes com gêneros textuais

relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas” conforme propõe o novo documento que rege o ensino básico, a BNCC (2018, p. 139). Dessa forma, o corpo discente deve atuar como agente transformador de seu meio, intermediados com o auxílio dos docentes. Mas, para isso, deve antes compreender esse meio ambiente.

A forma de ensino nas escolas vem se atualizando, ganhando novas fórmulas, assim, a língua portuguesa, além de se adaptar ao povo que a fala, também se modifica didaticamente, pois as informações são, agora, de mais fácil acesso. Em vista disso, a Toponímia funciona como importante ferramenta interdisciplinar, isso porque, além de valorizar os espaços, de singularizar os lugares e de preservar aspectos culturais de um povo, ela é um fator linguístico, podendo contribuir com os alunos nos estudos da língua e na avaliação do léxico em uso. Assim, a BNCC traz o que cabe ao componente Língua Portuguesa “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BNCC, 2018 p. 68). Nesse sentido, ao apresentar os nomes dos acidente físicos, podemos propiciar aos estudantes o conhecimento linguo-cultural de sua própria localidade, contribuindo para a valorização dos espaços.

Assim, a toponímia, sob a particularidade da oronímia, traz os referentes naturais a partir dos acidentes físicos que fazem parte de nosso meio, não só como acidentes físicos e relevo, mas também como fixadores de uma cultura, de um léxico, da natureza componente local de um lugar e, claro, de um povo. Nesse sentido, o contato dos alunos com a toponímia, por meio de produções onomásticas (textuais) facilita a compreensão dos topônimos locais, contextualizados na sala de aula.

O Maranhão, localizado na região Nordeste do Brasil, cuja capital é considerada patrimônio cultural da humanidade, abriga distantes e distintas cidades, ricas em belezas ecológicas que são capazes de despertar a curiosidade daqueles que desejam conhecer mais sobre suas riquezas naturais. O Estado, cujo relevo é formado por uma extensa área de planície litorânea e por regiões de planalto no interior do estado, está organizado em cinco mesorregiões: Centro, Leste, Oeste, Norte e Sul, ocupando, segundo o IBGE, uma área de 331.983,293 km², sendo o 2º maior em extensão do Nordeste e o 8º do Brasil. Dessas cinco mesorregiões, o estudo aqui apresentado nesta subseção refere-se à aplicação da oronímia no contexto escolar, levando em consideração os nomes dos acidentes físicos referentes às formas de relevo das cidades sul maranhenses.

Assim, o que se busca é a construção de um diálogo em torno da cultura existente entre os povos, que se estabelece como singularizador de cada um e como um fator identitário

daqueles que compõem um grupo. Ligada a isso, a Onomástica, ao compreender os nomes dos lugares, consegue estreitar os laços entre os grupos sociais, isso porque o nome, enquanto topônimo, pode ser levado a qualquer parte do globo e, com ele, os fatores socioculturais do denominador e de todos aqueles que este representa.

Nesse caso, nomes como *vão da Caraíba* e *vão dos Porcos* exemplificam nossa cultura linguística herdada do Tupi “tronco linguístico que compreende, no Brasil, dez famílias vivas, distribuídas por 14 estados” (HOUAISS, 2001-2007), e ainda nossa cultura de valorização à fauna, fazendo, nesse caso, uso dos nomes de um conjunto característico de animais que habitam (ou habitavam) o local em específico ou suas proximidades, temas instigantes para serem discutidos em sala de aula.

2.5.1 Os topônimos em sala de aula

A toponímia tem sido utilizada como uma completa ferramenta para o conhecimento, visto sua interdisciplinaridade e, portanto, sua facilidade de se relacionar às outras áreas do saber.

A proposta apresentada, visa trabalhar a Oronímia em sala de aula, com seu início a partir da definição dos nomes próprios de lugares, englobando aspectos relacionados à Onomástica e seus conhecimentos teórico-práticos. É de conhecimento dos alunos a existência desses acidentes físicos oronímicos, isso porque alguns desses locais são pontos de visitação, entretanto, para eles ainda não há um saber mais profundo sobre o nome que esses lugares carregam nem sobre suas motivações. Assim, torna-se necessário apresentar-lhes como os aspectos toponímicos (a partir da oronímia) são relevantes para a manutenção do léxico, da memória/história e da identidade daqueles povos que habitavam o local, bem como mostrar a inter-relação entre a linguagem e o meio ambiente.

2.6 Inter-relações oronímicas: um olhar para a sustentabilidade social

No âmbito das alterações históricas verificadas na transição do modo de produção feudal para o modo de produção mercantil, algumas necessidades começaram a se impor no contexto social e econômico mundial. Com a consolidação do capitalismo no século XX, a urgência em aliar as questões ambientais às demandas sociais e à produtividade se tornaram inevitáveis. E uma nova cultura precisou se impor como modelo inovador de produção e preservação: a sustentabilidade.

Nesse novo modelo, o meio ambiente se apresenta como fundamental na sociedade e a conservação dos recursos naturais se alia à produtividade e à qualidade de vida das pessoas, tornando a contemporaneidade aliada das questões ambientais. O termo *sustentabilidade* não remete somente ao meio ambiente, aliado a isso há três dilemas da existência humana em sociedade: a produção, para manter nossas necessidades contempladas; o meio ambiente, para que os recursos possam estar preservados e as gerações futuras possam usufruí-los; e o contexto social, que possibilita uma harmonia cultural e a existência de uma sociedade mais justa, mais saudável e menos desigual. Atrelado aos estudos linguístico-toponímicos, é notório que o povo exalta a sua natureza, sua flora e fauna, seus rios. O denominador vê o ambiente e o sente como seu lugar, sua identidade e cultura e se inter-relacionam com o espaço. O ambiente rural condiciona o sentido de pertencimento aos seres com a terra a partir da sua visão-percepção, nesse caso, o sertanejo compartilha o seu espaço natural com a sua posterioridade com base no nome e no que sente como seu, já que é o que garante seu sustento, sobrevivência, manutenção cultural, proteção e referência.

As forças sociais e físicas (ambiente) de uma determinada sociedade influenciam no léxico local, pois as condições ambientais se sobressaem e refletem na língua. Dick (1992, pág. 37) enfatiza essa questão homem/meio ambiente, ao mostrar a pesquisa de Drummond (1965) que traz a forma como os índios Bororo nomeavam, em que, na maioria das vezes, usavam nomes relacionados ao meio em que viviam, usando de base, para os topônimos, os elementos ergológicos, próprios do uso, e animológicos, preservando, através da Toponímia, seu patrimônio cultural dentro da língua. Lembrando que, no início, no Brasil, a Toponímia estudava apenas esses nomes de origem indígena, em que o mais recorrente era o Tupi. O sistema léxico-tupi trouxe uma grande contribuição linguística ao português, o qual vem sendo preservado através da Toponímia, mantendo vivas as tradições indígenas. A Onomástica dá corpo às aparências físicas de um local e à cultura da sociedade ali inserida, estabelecendo relações entre nome e acidente, levando em conta as suas características.

3 CAPÍTULO II - VISITANDO O MARANHÃO

*[...] Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céus:
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço – são meus!
Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.
(Gonçalves Dias)*

Neste capítulo, em uma visita ao estado do Maranhão, terra de sol que aclara, de brisa, de céus, praias, bosques e fontes, convidamo-lo a conhecer este estado, precisamente o sul do Maranhão, com suas fontes, suas cachoeiras, e com isso, como sugere Gonçalves Dias, mais o ame quando o conhecer, aprender e o vir. Para isso, buscamos abarcar as informações toponímicas das cidades maranhenses e os estudos acerca dessa ciência no Estado. Para tanto, é necessário entendermos alguns aspectos linguísticos deste povo e de como a sua história se liga à Onomástica.

Sapir (1969), associa a fala a um traço de personalidade, isso porque, a partir da comunicação, transmitimos, nas entrelinhas, aspectos característicos à nossa cultura. Se comparado à toponímia maranhense, esse grau característico não é próprio apenas da personalidade, mas também dos caminhos, conquistas e evoluções percorridos por esse povo, os quais são agora fixados no léxico a partir dos nomes próprios dos lugares. Segundo Castro (2012), "não oferece dúvidas afirmar o fato de os topônimos maranhenses possuírem suas raízes significativas ligadas à própria história do Estado" (CASTRO, 2012, p. 319). Assim, podemos assegurar que a história toponímica nesse Estado percorre todo o espaço de sua criação e colonização.

Nessa perspectiva, apresentam-se no capítulo a seguir, os estudos desenvolvidos no Estado sobre as várias vertentes da Toponímia; o local *corpus* dessa pesquisa, seguido de mapas das cidades e um pequeno histórico de cada uma delas.

3.1 Os estudos toponímicos no Maranhão

A prefeitura de São Luís - MA, a partir da Lei nº 2.151 de 04/02/1975, estabelece a criação da Comissão Permanente de Toponímia do Município de São Luís e dispõe normas para a nomeação dos logradouros microtoponímicos. Nesse sentido, esses estudos têm ganhado grande relevância no espaço brasileiro durante a passagem dos anos e a partir das evoluções na

pesquisa científica. No contexto maranhense, esta ciência, ainda pouco explorada, tem adquirido força e muitas contribuições a partir dos trabalhos desenvolvidos por Curvelo (2014); Castro (2012); Pereira (2017).

A primeira, Heloísa Reis Curvelo-Matos, em sua tese de doutorado intitulada *análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA*, apresenta a capital maranhense sob uma perspectiva histórica com um olhar direcionado para suas origens. A segunda, Maria Célia Dias de Castro, em sua tese de doutorado (2012) intitulada *Maranhão: sua toponímia, sua história*, nos mostra o Estado sob seu olhar analítico em relação às cidades que o compõem. O terceiro, Edson Lemos Pereira, em sua dissertação intitulada *Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da mesorregião norte maranhense*, traz a expansão do espaço maranhense por meio das áreas hídricas.

Castro (2017), partindo da necessidade de dar seguimento aos estudos toponímicos no âmbito acadêmico, traça e imagina o Atlas Toponímico do Estado do Maranhão – ATEMA, projeto inspirado no Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul - ATEMS. As pesquisas seguem ainda com estudos monográficos e dissertativos que visam contribuir com o avanço das teorias que cercam a toponímia do Estado e outras contribuições que colaboram com a construção e com o desenvolvimento do Atlas. Esta pesquisa está voltada para a microtoponímia da microrregião Sul Maranhense, cujo enfoque são os estudos oronímicos dos acidentes físicos que compõem a natureza dessa região.

3.2 Panorama histórico do sertão

É nas primeiras décadas do século XVII, objetivando que a burocracia hispano-lusa assegurasse a posse das imensas regiões ultramar, que no Estado do Brasil cria-se novas unidades administrativas: Estado do Maranhão¹⁹ e Grão-Pará. Entretanto, antes disso, o Maranhão, segundo Cardoso (2011) “era conhecido por diversos nomes e títulos: ‘terra do rio das Amazonas’, ‘terra dos tupinambás’, ou mesmo ‘terra dos caraíbas’” (CARDOSO, 2011, p. 319). Assim, traçamos uma pequena rota sobre o território maranhense, rico em seus espaços físico-geográficos e carregado de construções histórico-identitárias que colaboram com a sua riqueza toponímica.

A expansão do Maranhão se deu a partir de duas vertentes econômicas: a primeira, agroexportação; e a segunda, a pecuária. Vale ressaltar que essa condução foi feita de forma

¹⁹ Jerônimo de Albuquerque, em homenagem à terra que conquistou, acrescentou a seu nome a alcunha Maranhão (CASTRO & CARDEIRA, 2020, p. 172)

separatista; a primeira vertente econômica teve sua frente ampla na região litorânea e, somente anos depois, o interior²⁰ do Estado teve seu espaço ocupado a partir da pecuária. Assim, a ocupação dessa vasta região é feita a partir da corrente pastoril baiana.

A ocupação do sul do Maranhão, se dá, portanto, a partir de Pastos Bons²¹, assim chamado pelos campos naturais que enriqueciam sua paisagem.

Figura 3: Mapa do Sertão dos Pastos Bons



Fonte: CABRAL, 1992, p. 110.

Nesse sentido, é possível perceber que o local, a partir de suas inter-relações entre o meio e o seu colonizador se coloca em função de inspiração não só para as novas moradias a partir das fazendas instauradas, mas também a partir da sua toponímia, dos nomes que passam agora a representar esses lugares.

²⁰ Os sertões do Brasil durante muito tempo de nossa história não eram vistos com bons olhos, principalmente pelos primeiros agentes oficiais da Coroa portuguesa que vieram cartografar e realizar o conhecimento dessa vasta faixa territorial (VIEIRA, 2015, p. 20).

²¹ A designação *Pastos Bons* foi atribuída pelos ocupantes vindos do interior da Bahia e do agreste pernambucano, os quais ficaram maravilhados diante da imensidão de campos verdes que serviam de pasto natural para o gado. Esses campos, naturalmente umedecidos pela grande quantidade de rios ali existentes (o Itapecuru, o Manoel Alves Grande, o Balsas, o Alpercatas, o Codozinho, o Corda, o Pindaré, o Mearim e o Grajaú), formam essa “mesopotâmia” fascinante para os migrantes vindos de regiões cujo padecimento era secular com a falta de água (PACHÊCO FILHO, 2011, p. 29)

Nova, Riachão e Tasso Fragoso; **Porto Franco**, composta por Campestre do Maranhão, Carolina, Estreino, Nova Colinas, Porto Franco, São João do Paraíso e São Pedro dos Crentes.

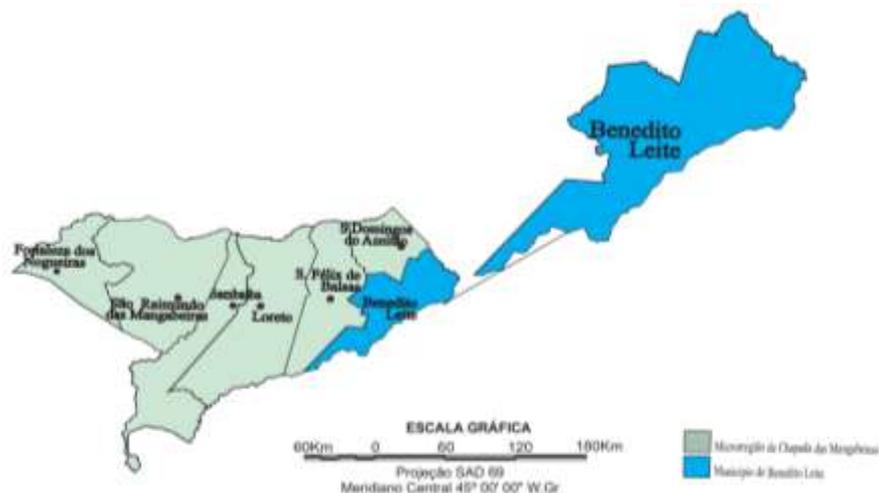
3.4 Microrregião: Chapada das Mangabeiras

Composta por regiões de serras, a chapada se configura como uma planície de vegetação rasteira. Segundo o dicionário Houaiss e Villar (2001-2007), a chapada é uma “área de terra de dimensões consideráveis, situada a uma certa altitude, cujo topo é relativamente plano e cujos flancos podem ter diferentes inclinações; altiplano, planalto”. É nesse contexto que encontramos a primeira microrregião sul maranhense: Chapada das Mangabeiras²², cuja localização, origem e vegetação constituem uma porta de entrada para os acidentes físicos que aqui se fixam como um passaporte para o início dessa viagem toponímica através dos nomes. As fontes das figuras a seguir: todos os mapas foram retirados da base de dados do Atlas Toponímico do Estado do Maranhão.

3.4.1 Benedito Leite

Após a criação de uma repartição para arrecadar coletas, o povoado surgiu sob o intuito de garantir e assegurar que os produtos agrícolas da região fossem escoadas sem o pagamento de impostos.

Figura 05: Mapa da cidade de Benedito Leite



Fonte: ATEMA.

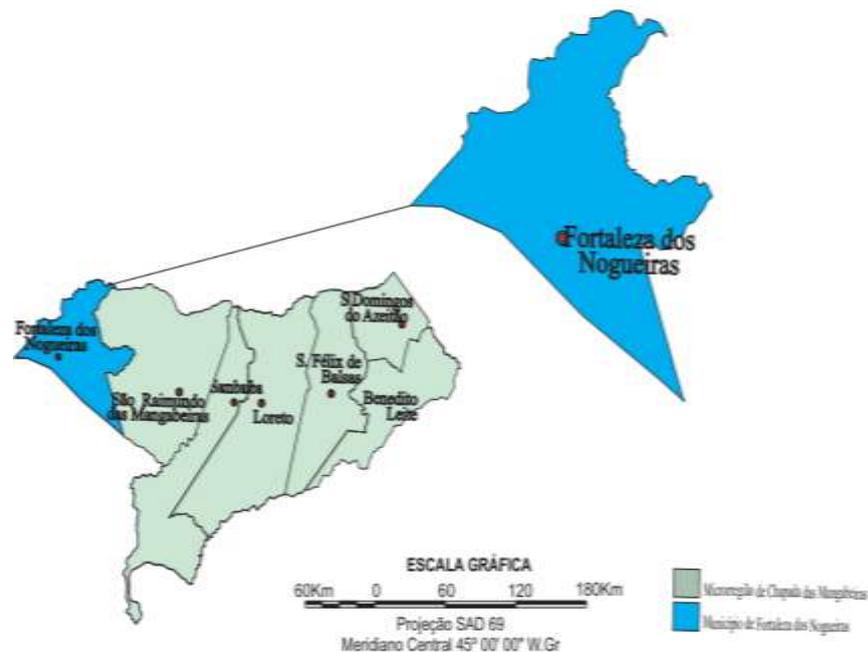
²² Abrange parte das chapadas, de clima semiárido, e está orientada para a atividade agrícola, com ênfase na rizicultura, maior força econômica da área. A pecuária constitui-se numa atividade complementar, praticada em caráter extensivo, com a criação do gado bovino e caprino (IBGE, 1992, p. 40).

A então vila nomeada como *Foz do Balsas* tem participação no desenvolvimento econômico do Estado, isso porque os rios Balsas e Parnaíba, que a cercam, eram a principal via de passagem, com produtos para outras localidades. Por influência política, Foz do Balsas tem seu topônimo alterado para *Benedito Leite*²³.

3.4.2 Fortaleza dos Nogueiras

O solo fértil, as diversas espécies vegetais e o grande número de animais foram alguns dos aspectos que atraíram moradores de outras regiões a se sentirem atraídos por esse lugar. O desenvolvimento da pequena cidade veio a partir do cultivo de cana-de-açúcar, arroz e algodão, porém, de forma lenta até sua caminhada para a qualificação de município, que viria a ser somente em 22 de novembro 1961, pela lei estadual nº 2155, sob a denominação de *Fortaleza dos Nogueiras*.

Figura 06: Mapa da cidade de Fortaleza dos Nogueiras



Fonte: ATEMA.

Foi, segundo Castro (2012), “assim denominado pela localização do lugar, situado entre três serras, o que lhe dava o caráter de uma fortaleza natural para os antigos possesores, devido à sua posição estratégica, às escondidas” (p. 219). É, como podemos perceber, exemplo de como o nome e o lugar estão atrelados ao ambiente físico e à visão daquele que lança mão

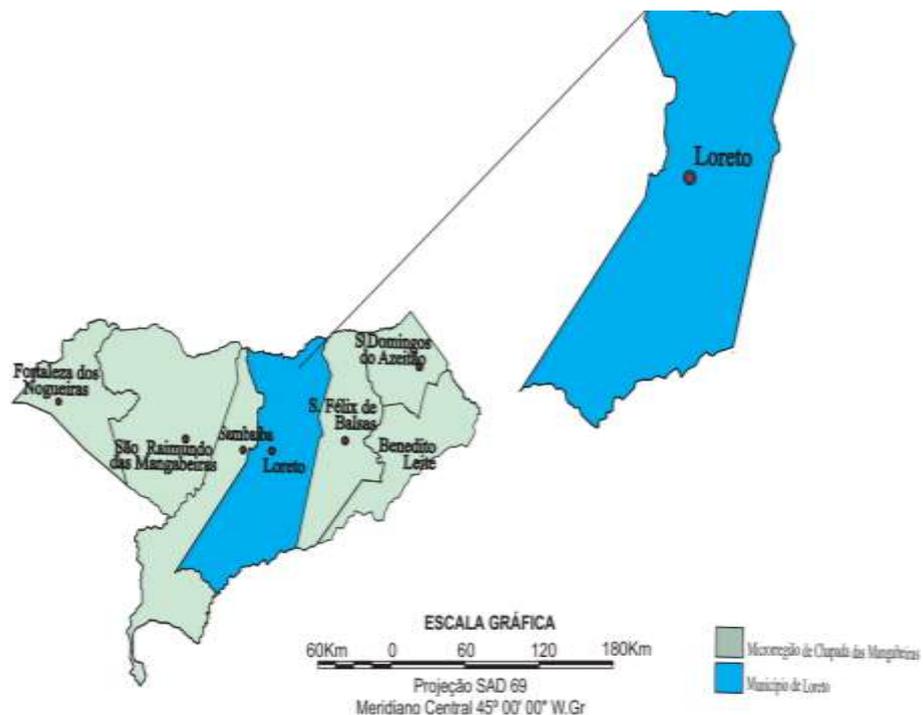
²³ Homenagem a Benedito Pereira Leite, que teve a primeira iniciativa para o surgimento do povoado.

de seu repertório lexical na criação toponímica.

3.4.3 Loreto

É natural do brasileiro, em específico o homem nordestino, ser, por sua natureza, de Fé. Isso significa que a religiosidade sempre foi um dos principais pontos que caracterizam o sertanejo, seja em seu cotidiano, seja na sua prática ou ainda na maneira de dar nomes às coisas, a seus pares e aos lugares. É nesse contexto, que a cidade de Loreto, parte do corpus desta pesquisa, “retoma este nome por influência dos primeiros religiosos a chegarem para a localidade que veneravam a santa da cidade italiana. A freguesia era a de Nossa Senhora de Loreto” (CASTRO, 2012, p. 221).

Figura 07: Mapa da cidade de Loreto



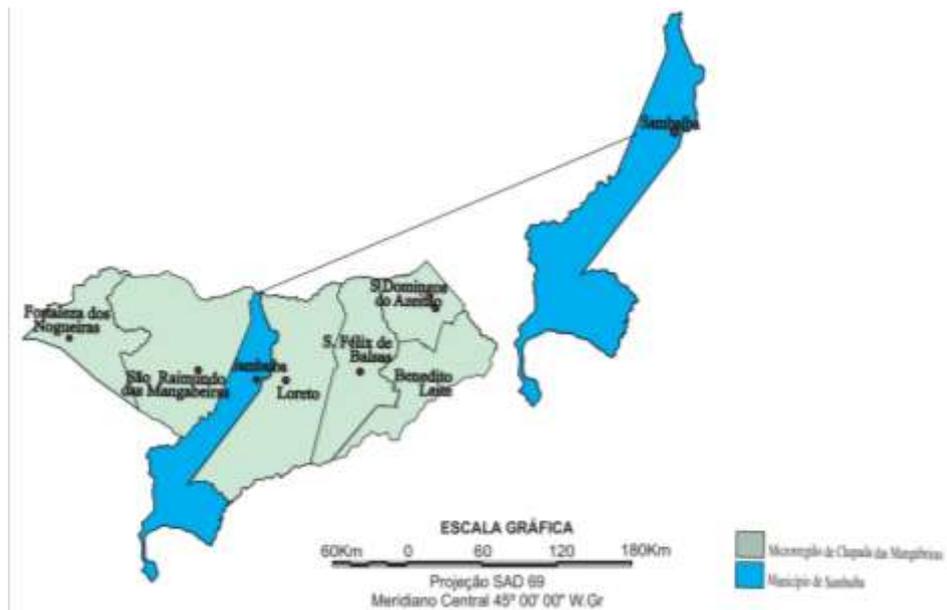
Fonte: ATEMA.

O topônimo é capaz de manter fixa na memória coletiva os seus predecessores, as suas escolhas e motivações; é ainda a manutenção dessa Fé que anima o povo enquanto comunidade e o seu lugar no mundo.

3.4.4 Sambaíba

O ser humano verbaliza a imagem-visão através da palavra, é assim que o meio físico se integra à linguagem e vice-versa.

Figura 08: Mapa da cidade de Sambaíba



Fonte: ATEMA.

A cidade de Sambaíba é um exemplo da toponímia empregada em função metonímica, isso porque as terras onde a cidade nasceu eram cercadas por chapadas, uma vegetação rica em número de espécies, mas o que predominava era a presença de sambaibas²⁴, fato esse que influencia na referência nominal que representa o lugar.

3.4.5 São Domingos do Azeitão

O conjunto de conhecimentos, os padrões, as tradições, os costumes são aspectos que podem facilmente definir a cultura de um grupo social, de uma comunidade. É a cultura que um povo carrega que o faz ser, evoluir e crescer em sociedade.

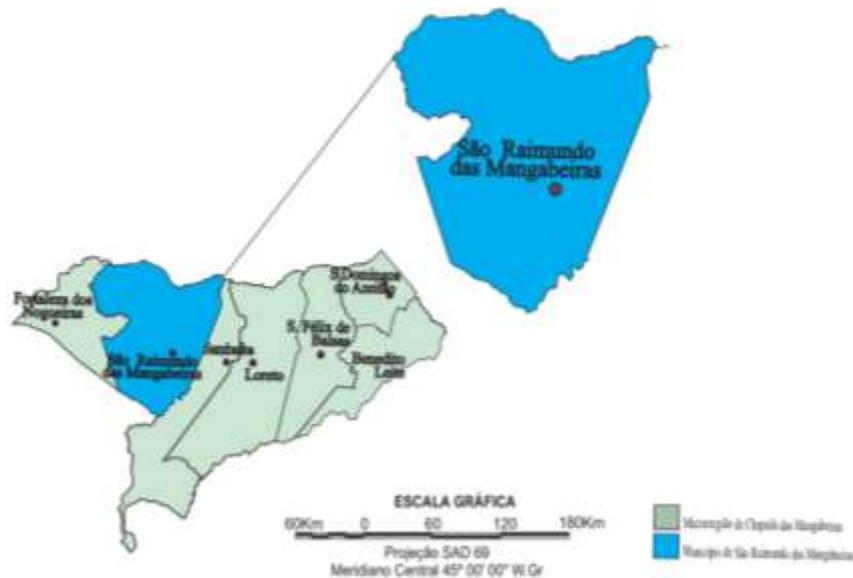
²⁴ Tupi *samba'íwa* (arbusto sarmentoso, com folhas elípticas, coriáceas, e flores em racemos compostos) (HOUAISS & VILLAR 2001-2007)

São Félix de Balsas, nome dado em “homenagem religiosa a este santo e ao filho do desbavador” (CASTRO, 2012, p. 228), pequeno sertão maranhense, tem, a partir de uma imagem de São Félix de Valois encontrada pelo primeiros moradores, seu nome como símbolo de recomeço e, acima de tudo, de Fé.

3.4.7 São Raimundo das Mangabeiras

A vegetação é (ou poderia ser) parte integrante do homem sertanejo, é desse meio que o homem dá início à sua vida, sua história, seu lugar. A cidade de São Raimundo das Mangabeiras surge como *São Raimundo do Rio Neves*, isso porque a pequena comunidade começa a se desenvolver na ribeira do rio Neves, tendo seu nome modificado somente quando elevanda à categoria de vila.

Figura 11: Mapa da cidade de São Raimundo das Mangabeiras



Fonte: ATEMA.

A religiosidade continua firme na presença do nome, e agora o espaço hídrico (rio Neves) dá espaço à vegetação predominante do lugar (mangabeiras). Nas palavras de Castro (2012), a cidade recebe o nome como uma “homenagem religiosa a São Raimundo Nonato e à localidade cujo nome já referenciava a vegetação da chapada local” (CASTRO, 2012, p. 227).

3.5 Microrregião: Gerais de Balsas

Constitui a área de chapadas revestidas de campos cerrados, de ocupação rarefeita, que vem passando por um processo de dinamização com a modernização e mecanização das lavouras de arroz e soja. Tal processo se verifica pelo fluxo migratório de sulistas, que passaram a ocupar as áreas agrícolas, às margens dos rios e riachos e nos baixios mais úmidos, com a lavoura de arroz. A principal atividade da microrregião, no entanto, consiste na pecuária bovina extensiva voltada para o corte (IBGE, 1992, p. 40).

Com o advento do plantio de soja nessa microrregião, a área acaba por se caracterizar como importante pólo agrícola no Nordeste do país, reorganizando o território e influenciando no crescimento do povo que reside nas cinco cidades que se dividem entre a produção rural e o desenvolvimento humano.

3.5.1 Alto Parnaíba

Situada na margem esquerda do Rio Parnaíba, onde primitivamente habitaram os índios “Tapuias”. “Residia, em Santa Filomena – PI, Francisco Luís de Freitas, que foi o primeiro povoador de Alto Parnaíba, visto haver penetrado no território com a finalidade de praticar a agricultura. Ali instalado, deu-lhe o nome de Barcelona”. (IBGE, 1959, p. 34). Teve na pessoa de Francisco Luís de Freitas, seu primeiro povoador quando, em busca de uma área adequada ao cultivo agrícola, ali se instalou, dando-lhe o nome de *Fazenda Barcelona*.

Figura 12: Mapa da cidade de Alto Parnaíba



Fonte: ATEMA.

A Fazenda Barcelona, tempos depois, é elevada à categoria de vila com a denominação de *Vitória do Alto Parnaíba*. Em 1943, com o Decreto-lei nº 820, de 30 de

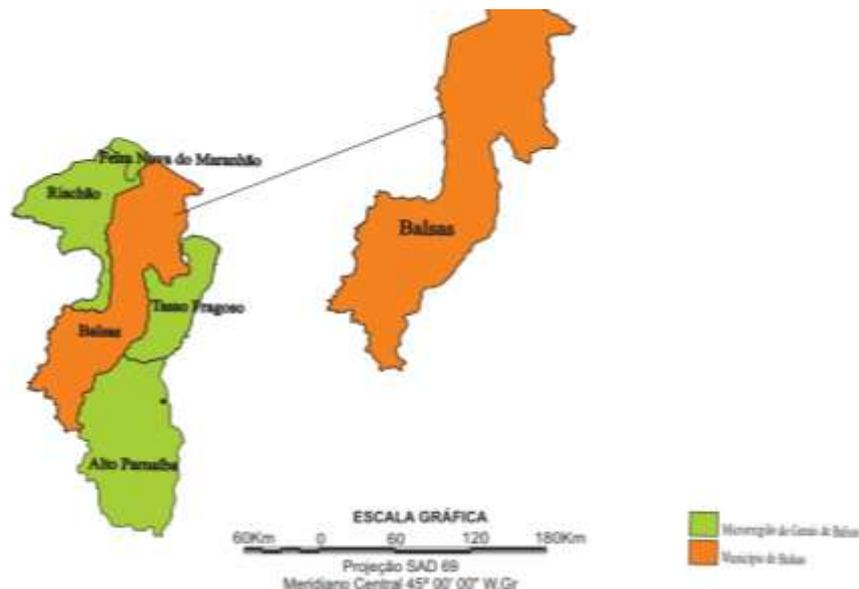
dezembro fixou-se sua divisão administrativa, passando a ter o nome de *Alto Parnaíba*²⁵.

3.5.2 Balsas

A vila de Santo Antônio de Balas “localizada no termo da navegação do Balsas, transformou-se em novo entreposto do sal” (CABRAL, 1992, p. 165), pertencia ao município de Riachão partindo de fazendeiros que implantaram novas fazendas nos solos balsenses. Segundo informações do IBGE, o contínuo movimento de viajantes despertou interesse pelo local, fazendo com que surgisse ali pequena casa de comércio seguida de outras moradas.

Para as excursões às suas fazendas, procuravam, como ponto mais acessível, o porto das Caraíbas, no rio Balsas, localizado cerca de 15 quilômetros a montante da foz do rio Cachoeira. E o contínuo movimento de viajantes ali – patrões e vaqueiros -, despertou o interesse pelo local e o primeiro morador, além do canoeiro que fazia travessia no rio, logo ali se estabeleceu com uma pequena casa de comércio (quitanda) onde vendia cachaça, rapadura, farinha de mandioca, milho e outros artigos de que necessitavam os viajantes. (IBGE, 1959, p. 58).

Figura 13: Mapa da cidade de Balsas



Fonte: ATEMA.

A localidade passou a se chamar *Vila Nova*, tendo o nome mudado para *Santo Antônio de Balsas* com a criação da capela de devoção a Santo Antônio. Sendo, mais tarde, elevada à categoria de cidade, passou a se chamar simplesmente *Balsas*.²⁶

²⁵ O que tem acionado a escolha do nome determinado *Alto* é justamente o sentido de direção com a posição geográfica em que se situam os lugares (CASTRO, 2012, p. 242)

²⁶ A denominação da cidade é uma homenagem ao rio que banha e que divide as duas partes, sendo a menor, denominada Tresidela. No entanto, verificamos que o rio Balsas recebeu esta denominação não simplesmente por causa do meio de transporte nele mais navegável, como de conhecimento geral, mas pelo fato narrado por Ribeiro,

3.5.3 Feira Nova do Maranhão

Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Feira Nova do Maranhão, “o recém-criado município de Feira Nova do Maranhão recebeu este nome em função de uma feirinha que ocorria naquela região, mais conhecida como Feira do Canto de Barro” (CASTRO, 2012, p. 2019).

Figura 14: Mapa da cidade de Feira Nova do Maranhão



Fonte: ATEMA.

Não só o nome, mas a sua motivação de mudança, a necessidade de trabalho e a esperança de um povo, fizeram com que essa nova localidade surgisse dando vez e voz para aqueles que davam vida à feira. É ação sociocultural em função do nome.

3.5.4 Riachão

O município de Riachão teve seu primeiro registro com a fixação de Elias Ferreira Barros e Manoel Coelho Paredes, em 1808, vindos da cidade de Pastos Bons, que fundaram o povoado que mais tarde receberia o nome de *Riachão*. Mais tarde, ao se firmar como vila, a localidade passou a se chamar *Nossa Senhora de Nazaré de Riachão*. “Denominou-se Riachão por situar-se à margem de um riacho de águas cristalinas, chamado Riachão e posteriormente

F. (2002 [1815-1819]) em virtude de os índios terem aprisionado as *balsas* nesse rio, mais ou menos do final do século XVII ao início do século XVIII. (CASTRO, 2012. pág. 187).

Maravilha. Os antigos moradores denominavam esse riacho de Riachão Velho” (CASTRO, 2012, p. 209).

Figura 15: Mapa da cidade de Riachão



Fonte: ATEMA.

O município é conhecido por suas belezas naturais possui diversos locais turísticos, como as cachoeiras mais conhecidas como Cocal, onde há um Poço Azul com águas cristalinas.

3.5.5 Tasso Fragoso

O primeiro morador e dono da primeira casa do lugar, que ficava à frente de um riacho, deu ao território o nome de *Brejo da Porta*, retomando os conceitos de visão-percepção em relação aos nomes que os lugares recebem.

Distrito criado com a denominação de *Brejo da Porta*, pela lei estadual nº 269, de 31-12-1948, subordinado ao município de Alto Parnaíba. Elevado à categoria de município com a denominação de *Tasso Fragoso*, pela lei estadual nº 2108, de 19-12-1961, desmembrado de Alto Parnaíba. Sede no atual distrito de Tasso Fragoso ex-Brejo da Porta. Constituído do distrito sede. Instalado em divisão territorial datada de 31-XII-1963. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Alteração toponímica distrital *Brejo da Porta* para *Tasso fragoso*, alterado pela lei estadual nº 2108 de 19-12-1961. (IBGE, 2010)

Figura 16: Mapa da cidade de Tasso Fragoso



Fonte: ATEMA.

Segundo o IBGE cidades, o nome atual foi dado em homenagem ao ilustre maranhense Augusto Tasso Fragoso, nascido em São Luís, em 28 de agosto de 1869:

3.6 Microrregião: Porto Franco

Em virtude do desenvolvimento recente da atividade pecuária, a microrregião vem passando por um processo de modernização, tanto na atividade criatória, com o plantio de gramíneas para formação de pastos, como na produção de rizicultura mecanizada, gerando com isto, a ampliação progressiva do espaço de cultivo (IBGE, 1992, p. 40).

Situado a Noroeste da mesorregião Sul Maranhense, esse lugar de belas paisagens e grandes aspectos naturais tem importante papel na economia local e estadual. Isso porque parte de suas cidades participam da agricultura que movimenta o sul do Maranhão, além daquelas que são pontos turísticos e lugares de descanso e busca por paz e tranquilidade por meio da beleza física e natural do lugar.

3.6.1 Carolina

Às margens do rio Tocantins, deu-se início às primeiras caminhadas rumo à cidade de Carolina. O lugar, sob a nomenclatura de *São Pedro de Alcântara*, partiu da iniciativa de mercadores e garimpeiros em fazer ali território, pois era um local considerado estratégico. Nas palavras de Cabral “foi erigida em local aprazível, numa das curvas do grande rio e próximo a uma florescente zona criatória” (CABRAL, 1992, p. 114-115).

Figura 17: Mapa da cidade de Carolina



Fonte: ATEMA.

O lugar tornou-se mais tarde de grande influência cultural e comercial, tendo seu nome alterado para *Carolina*²⁷ como uma preservação da memória à primeira imperatriz do Brasil.

3.6.2 Estreito

A partir do rio Tocantins, grande foi o desenvolvimento daquela região, com o comércio e as novas povoações surgidas com a vinda de pessoas em busca de tranquila moradia. É dessa forma que, a partir das terras de Carolina, fazendeiros migram para essa região e se fixam nas terras ali presentes e abundantes, com a denominação de Presidente Vargas.

²⁷ O nome da cidade de Carolina presta homenagem à primeira Imperatriz do Brasil, Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda Beatriz de Habsburgo-Lorena, Arquiduquesa da Áustria, Princesa Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, Duquesa de Bragança, primeira esposa de dom Pedro I, primeiro Imperador do Brasil (Museu Histórico de Carolina).

Figura 18: Mapa da cidade de Estreito



Fonte: ATEMA.

O nome se dá pelo fato de a cidade “situar-se no lugar em que o canal do rio Tocantins é bastante estreito” (CASTRO, 2012, p. 219), tendo se tornado um dos lugares de grande produção agrícola e importante fonte econômica para a região e, obviamente, seu povo.

3.6.3 Nova Colinas

Conhecido como *Canto dos Currais* pela presença de muitas fazendas e, conseqüentemente, de currais, o povoado passa à categoria de município com denominação de *Nova Colinas*, assim “designado para distinguir da antiga cidade de Colinas” (CASTRO, 2012, p. 203).

Figura 19: Mapa da cidade de Nova Colinas



Fonte: ATEMA.

Criado então a partir da Lei nº 6.135, de 10 de novembro de 1994, desmembrando o povoado da cidade de Fortaleza dos Nogueiras e subordinando-o à comarca de Balsas como município maranhense.

3.6.4 Porto Franco

Vila de Porto Franco, assim foi denominado o local que surgiu como ponte limítrofe entre Goiás e Maranhão. O lugar localizava-se então “em área de transição, entre a grande floresta e os campos contínuos [...]” (CABRAL, 1992, p. 118).

Figura 20: Mapa da cidade de Porto Franco



Fonte: ATEMA.

Tendo seu nome partido das boas intenções e recepções daqueles que ali se encontravam: “o comércio de mercadorias trazia a atenção dos moradores para o porto, que dava ancoragem às embarcações que por ali trafegavam para negociar e difundir a fama da hospitalidade do lugar, onde eram bem recebidos por aqueles que viviam à sua margem. (CASTRO, 2012, p. 224).

3.6.5 São João do Paraíso

Entre uma fazenda chamada *São João* e um terreno tido como fértil para lavoura e criação, deu-se início ao povoado arraial de Paraíso, tendo São João como seu padroeiro.

Figura 21: Mapa da cidade de São João do Paraíso



Fonte: ATEMA.

O lugar é então, pela Lei Nº 6.158, de 10 de novembro de 1994, desmembrado de Porto Franco e elevado à categoria de município com o topônimo de *São João do Paraíso* como uma “homenagem religiosa ao santo protetor do lugar, que seria um paraíso” (CASTRO, 2012, p. 228).

4 CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS DESTA VIAGEM

[...] o interesse e necessidade da pesquisa, superam todos os empecilhos perturbadores do processo de análise, principalmente se se considerar que uma Toponímia científica, sólida e eficaz só se consolida pelo conhecimento seguro das fontes documentais que a amparam
(DICK, 1996)

Como assinala a epígrafe acima acerca da análise de uma Toponímia científica, sólida e eficaz, é necessário um conhecimento consolidado e seguro oriundo de fontes documentais sustentáveis. Para a realização desta pesquisa, tomou-se como base os princípios da ciência Onomástica, segmentada na Toponímia. Este foi o passo inicial para a construção dos saberes e delimitação dos temas abordados nesta pesquisa, além de darem base teórico-metodológica pautados nos saberes científicos atuais deste campo. Assim, a metodologia aqui traçada descreve os métodos, as técnicas, os instrumentos e os procedimentos que levam à coleta, ao corpus e à organização e análise de dados.

4.1 Caracterização da pesquisa

Na busca de respostas aos questionamentos aqui elencados, trabalhamos de forma sistemática com a cientificidade dos dados disponíveis para esta análise. Assim, utilizamos o **método Indutivo**. Para Dick (1999) “o método que (a Onomástica) emprega nas pesquisas é uma combinatória da leitura documental e da investigação de campo: por isso mesmo, não se desvincula da indução, seguindo os parâmetros etno-lingüísticos” (DICK, 1999, p.1). Para Lakatos e Marconi:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (LAKATOS E MARCONI 2003, p. 86).

Partimos da observação e análise de alguns fatos para chegarmos a uma conclusão geral, de dados particulares na tentativa de chegarmos a uma conclusão genérica.

Essa perspectiva possibilitou a análise do corpus aqui apresentado de forma descritiva, pautados nas teorias da Onomástica > Toponímia > Oronímia.

Nesta pesquisa, utilizamo-nos tanto de uma **abordagem quantitativa**, apontando a frequência e a intensidade das taxionomias recorrentes no decorrer da pesquisa, recorrendo a

conhecimentos matemáticos para descrição dos fenômenos onomásticos; quanto da **abordagem qualitativa**, em relação ao levantamento de dados e às suas motivações.

Para tanto, a técnica adotada para o levantamento de dados foi a investigação de documentação indireta realizada em documentos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Atlas Toponímico do Estado do Maranhão, com pesquisa documental, a partir de mapas; e pesquisa bibliográfica, por meio de artigos, teses, dissertações e monografias acadêmicas.

Quanto à **forma ou meio de análise**, esta pesquisa caracteriza-se como **bibliográfica de cunho teórico e documental** e foi realizada com base nos pressupostos de Dick (1992) e Castro (2012), fazendo uso de suas taxionomias motivacionais de natureza física e natureza antropocultural. Em seguida, fazemos a descrição dos nomes e a classificação desses dados com a pesquisa etimológica das palavras com base nos dicionários a seguir:

- Dicionário caldas aulete / Francisca da Conceição Caldas e Francisco José Aulete. Meio digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>;
- Dicionário etimológico da língua portuguesa / Antônio Geraldo da Cunha. -4.ed. 2010;
- Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi / Antônio Geraldo da Cunha, 1978;
- Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi / Antônio Geraldo da Cunha. -5.ed. 1999;
- Dicionário etimológico dos nomes e sobrenomes / Rosário Farâni Mansur Guérios. - 2.ed. 1973;
- Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi / Luiz Caldas Tibiriçá. -1.ed. 1985;
- Dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. -5.ed. 2010;
- Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa / José Pedro Machado I, II, III. 3.ed. 2003;
- Dicionário etimológico da língua portuguesa / Antenor Nascentes I, II. 2.ed. 1995;
- Dicionário Houaiss eletrônico / Instituto Antônio Houaiss, 2001-2009;

Além disso, a análise segue com base em artigos, resumos, monografias, dissertações, teses, entre outras publicações que, como material bibliográfico, ajudam no detalhamento da análise, da pesquisa e do resultado dos dados aqui apresentados.

4.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Além disso, consideramos alguns procedimentos práticos, como a organização da pesquisa para orientar e organizar os aspectos aqui apresentados. Para tanto,

Ao se falar em organização do material de pesquisa, dois aspectos devem ser apontados:

- a) Organização do material para investigação, anteriormente referido.
- b) Organização do material de investigação, que seria o arquivamento de idéias, reflexões e fatos que o investigador vem acumulando no transcurso de sua vida (LAKATOS E MARCONI 2003, p. 164).

A partir desse passo a passo, iniciamos então os estudos que embasam esta pesquisa com a finalidade de alcançar os objetivos propostos e de responder aos questionamentos iniciais que norteiam o trabalho de análise.

4.2.1 Instrumentos de pesquisa

A ferramenta de pesquisa caracteriza-se como **análise de conteúdo**, com a sistematização dos dados elencados:

Os instrumentos e procedimentos para a **abordagem quantitativa** foram análises do material coletado a partir da base cartográfica do IBGE, computadores para a distribuição dos dados em tabelas de excel e word e uso de cálculos matemáticos para o apontamento da frequência e da intensidade das taxionomias recorrentes no decorrer da pesquisa.

Os instrumentos e procedimentos para a **abordagem qualitativa** compreenderam as motivações dos nomes que compõem o corpus a partir de suas classificações, seguindo, principalmente, o modelo de Dick (1992). Além da interpretação desses dados e do reconhecimento da iconidade motivacional dos topônimos aqui apresentados.

4.2.2 Universo da Pesquisa

Compreende o universo desta pesquisa a mesorregião Sul Maranhense, cujas cidades que representam o corpus são Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix de Balsas, São Raimundo das Mangabeiras, Alto Parnaíba, Balsas, Feira Nova do Maranhão, Riachão, Tasso Fragoso, Porto Franco, Carolina, Estreito, Nova Colinas e São João do Paraíso, já no capítulo anterior. Esta mesorregião caracteriza-se pelo acentuado desenvolvimento do setor agrupecuário e, ultimamente, do setor turístico. Tendo, portanto, suas belezas naturais como cartão postal e foco principal de turistas que vislumbram por estas terras.

4.2.3 Delimitação do corpus

A lista de orônimos que compõem os acidentes físicos desta mesorregião equivale a 305 (trezentos e cinco) nomes, distribuídos da seguinte forma: microrregião da Chapada das Mangabeiras, 71 (setenta e um); microrregião do Gerais de Balsas, 98 (noventa e oito) e microrregião de Porto Franco, 136 (cento e trinta e seis) acidentes entre morros, serras e vãos. O número significativo de nomes na microrregião de Porto Franco é justificado pelo montante de 107 (cento e sete) acidentes presentes somente na cidade de Carolina, portal da chapada das mesas, grande área ecológica, rica em suas elevações de terra.

Quadro 02: Lista de orônimos distribuídos por microrregião

MICRORREGIÃO	CIDADES	Nº DE ORÔNIMOS
Chapada das Mangabeiras	Benedito Leite; Fortaleza dos Nogueiras; Loreto; Sambaíba; São Domingos do Azeitão; São Félix de Balsas; São Raimundo das Mangabeiras.	71
Gerais de Balsas	Alto Parnaíba; Balsas; Feira Nova; Riachão; Tasso Fragoso.	98
Porto Franco	Carolina; Estreito; Nova Colinas; Porto Franco; São João do Paraíso.	136
TOTAL		305

Fonte: A autora.

A partir desse recorte da mesorregião Sul Maranhense, foi possível perceber as principais motivações toponímicas que qualificam os nomes desses lugares que ocupam o espaço físico local.

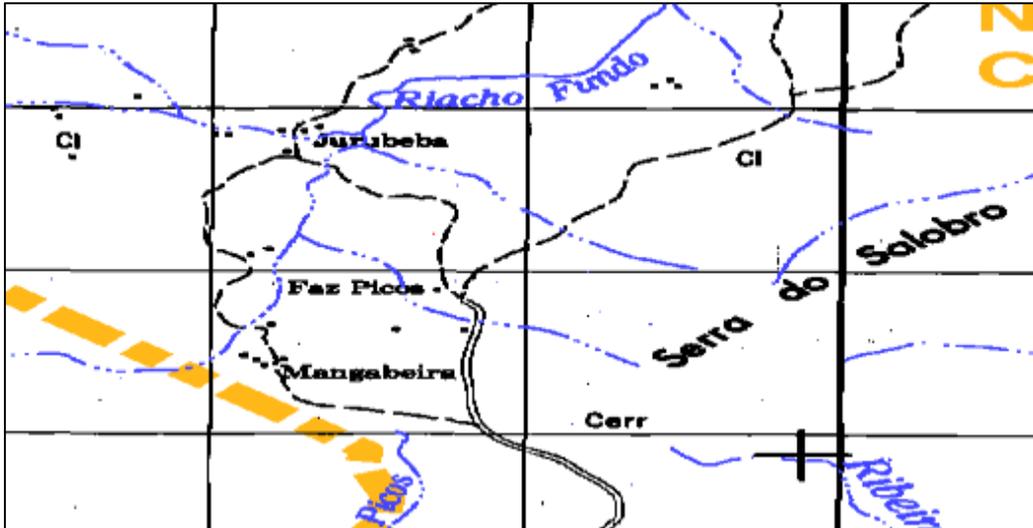
4.3 Etapas da pesquisa e tratamento dos dados

A pesquisa se desenvolveu em várias etapas, como segue explicitado.

4.3.1 Busca das fontes

Para realizarmos esta análise, inicialmente fez-se necessária uma **busca em fontes oficiais** confiáveis fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010), em mapas disponíveis no link <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais.html>>, como ilustrado a seguir.

Figura 22: Mapa ilustrativo - topônimos das cidades



Fonte: IBGE (2010).

A identificação dos nomes foi realizada a partir de coleta em mapas como o ilustrado na Figura 1. Depois, só foi feita uma pesquisa documental para averiguar as informações obtidas na plataforma IBGE por meio dos dados oferecidos pelo Atlas Toponímico do Estado do Maranhão para comparação e confirmação dos nomes coletados.

4.3.2 Registro dos dados

O passo seguinte diz respeito à categorização dos orônimos que compõem o corpus da pesquisa e o registro desses nomes em tabelas toponímicas contendo as seguintes informações: (i) *termo genérico* - morro, serra, vão; (ii) *orônimo* - nome toponímico; (iii) *língua* – língua em uso; (iv) *etimologia* – origem do nome; (v) *descrição etimológica* – significado e etimologia do nome toponímico; (vi) *taxo* – taxonomia (classificação toponímica). São 305 nomes classificados segundo as categorias de Dick (1992), apresentados da seguinte forma:

Quadro 03: Exemplo de ficha catalográfica

Nº	Termo Genérico	Orônimo	Língua	Etim.	Desc. etim.	Taxo
01	Morro	do França	Port.	Latim	<i>França</i> - sobrenome português, geográfico. Primitivo Indicava a procedência: de França. (GUÉRIOS, 1973, p. 110). Do francês <i>france</i> , este do latim (MACHADO, 2003, p. 665)	Antropo

Fonte: A autora, com base na ficha léxico-toponímica do ATEMA.

Na sequência, apresentamos uma tabulação para contagem dos elementos que compõem o topônimo de forma geral: elemento geográfico, etimologia, língua de origem,

taxonomia e estrutura morfológica, seguida do número de vezes em que cada elemento se repetiu:

Tabela 02: Exemplo de quadro geral classificatório

Elemento Geográfico		Etimologia		Língua de Origem		Taxonomia		Estrutura morfológica	
						Natureza Física	Natureza Antropocultural		

Fonte: A autora.

4.3.3 Classificação dos topônimos

Quanto à classificação do corpus desta pesquisa, levamos em consideração as categorias e o modelo tipológico de Dick (1990), o qual está organizado em dois grupos: categorias de natureza física e categorias de natureza antropocultural.

Os dados são analisados numa abordagem quantitativa, apontando a frequência e a intensidade das taxionomias recorrentes no decorrer da pesquisa, recorrendo a conhecimentos matemáticos para descrição dos fenômenos onomásticos. A pesquisa segue ainda com descrições e interpretações qualitativas em relação ao levantamento de dados e às suas motivações. Assim, buscamos o porquê das nomeações no que se refere aos acidentes físicos, compreendendo seus significados.

4.3.4 Análise dos dados

A descrição dos topônimos que nomeiam os lugares maranhenses equivale ao apontamento do léxico local. Desse modo, descrevemos os 305 orônimos com a finalidade de identificar suas motivações denominativas. Para tanto, consideramos os seguintes aspectos: (i) *fatores icônicos* que demarcam influências intra e extralinguísticas no processo de denominação toponímica conforme as taxes de Dick (1990); (ii) *distribuição quantitativa* das categorias físicas e antropoculturais em gráficos e tabelas para demonstrar as categorias de maior destaque nos nomes oronímicos; (iii) *depreensões* com base na análise dos resultados e dos contributos teóricos.

4.4 Procedimentos para a realização do Produto Técnico-Tecnológico

A elaboração deste guia se dá a partir da intenção de tornar a informação toponímica de fácil acesso. Nesse sentido, além de contribuir com o setor educacional, a disponibilização deste guia pode auxiliar no setor turístico agrocultural, pois trará informações acerca dos elementos que constituem os espaços geográficos sulmaranhenses, seus significados, suas classificações e, ainda, suas motivações.

Sobre a pesquisa

O guia definido para nosso trabalho tem como objetivo facilitar o acesso a esses nomes diante de pesquisas feitas por outros pesquisadores interessados na toponímia local; além de tornar acessível a busca pelos significados dos nomes e, ainda, a busca pelos nomes dos locais que compõem o espaço físico estudado. Todos os termos registrados por nosso corpus farão parte do Produto como um conjunto de nomes relativos às taxionômias diversas aqui elencadas.

ORÔNIMOS E SEUS REFERENTES

Existem também locais que recebem milhares de turistas que apenas passam pela localidade sem saber o significado que o patrimônio material ou imaterial possui.
(Lorena Angélica Mancini)

O capítulo que ora apresentamos diz respeito aos dados dos nomes toponímicos que compõem o corpus da pesquisa. O local analisado foi a mesorregião Sul Maranhense e reuniu 307 orônimos, organizados e classificados entre nomes de natureza física e de natureza antropocultural. A análise busca identificar padrões linguísticos e extralinguísticos que influenciam no processo denominativo dos lugares.

Para tanto, apresentamos agora os orônimos estudados organizados da seguinte forma: **1. Microrregiões:** Chapada das Mangabeiras, Gerais de Balsas e Porto Franco; **2. Cidades:** Benedito Leite, Fortaleza dos Nogueiras, Loreto, Sambaíba, São Domingos do Azeitão, São Félix de Balsas, São Raimundo das Mangabeiras, Alto Parnaíba, Balsas, Feira Nova do Maranhão, Riachão, Tasso Fragoso, Porto Franco, Carolina, Estreito, Nova Colinas e São João do Paraíso; **3. Corpus:** quadros com os nomes oronímicos de cada cidade.

O quadro para a descrição desses topônimos apresenta as colunas com os seguintes parâmetros: número de ordem em que são apresentados os topônimos, de acordo com o levantamento nos mapas do IBGE; termo genérico; orônimo; língua; língua de origem; descrição etimológica; taxionomia e entrada morfológica. Quanto às taxionomias, a terminação de cada uma é *-topônimo*, como segue: **fito** + *-topônimo* (= fitotopônimo). Entretanto, apresentamos apenas as formas contractas de cada classificação como *fito*, *hidro*, *somato*, *ergo* etc. Importa salientar que o termo considerado para a análise será o primeiro, assim em *Serra do Saco da Égua* o nome a ser levado em consideração para a taxionomia é “saco”.

Seguem os quadros com a descrição dos dados elencados, conforme proposto na metodologia, com base no levantamento nos mapas do IBGE (2010).

Quadro 04: Chapada das Mangabeiras - Bendito Leite

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Serra	do Couro	Português	Latim	<i>Couro</i> - Pele espessa e/ou curtida de certos animais, do latim <i>corium</i> , substância usada no curtume de couros. (CUNHA, 2010, p.186).	Somato	Simple
2	Vão	do Inferno	Português	Latim	<i>Inferno</i> - Do latim cristão <i>infernu</i> , lugar subterrâneo, onde estão as almas dos mortos, segundo o cristianismo, lugar ou situação pessoal em que se encontram os que morreram em estado de pecado. (FERREIRA,2010, p. 1156).	Hiero	Simple
3	Vão	da Mirindiba	Português	Tupi	<i>Mirindiba</i> - Do tupi - Árvore litrácea (<i>Lafaoensia glyptocarpa</i>) que habita a mata pluvial atlântica, cujas flores são grandes, vistosas e com estames muito longos, cujos frutos são cápsulas avantajadas, cujas folhas têm uma glândula apical que é muito característica, e cuja madeira é tida como de boa qualidade; mirindiba-rósea. [Cf. merendiba,]. (FERREIRA, 2010, p.1401).	Fito	Simple
4	Vão	Brejinho	Português	Orig. controv.	<i>Brejinho</i> - de brejo - De origem controversa - Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; urzal. Lugar úmido, frio e ventoso, terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. (FERREIRA, 2010. 5, p.348).	Hidro	Simple
5	Vão	da Mata	Português	Latim	<i>Mato</i> – [De Mata]. Substantivo feminino. ‘terreno onde nascem árvores silvestres’ ‘bosque, selva’ XXI. Talvez do latim tardio <i>matta</i> ‘esteira de junco’. (CUNHA, 2010, p. 415).	Fito	Simple
6	Vão	São Miguel	Português	Latim	<i>São</i> - [do latim <i>sanu.</i>] Adjetivo. Razoável, moderado. Puro, impoluto, imaculado. (FERREIRA, 2010.p. 1889). Santo – do latim <i>sanctu</i> , tornado sagado; espanhol e italiano santo; francês saint. (NASCENTES, I, p, 457). <i>Miguel</i> - do hebraico : "quem (<i>mikha</i>) é como Deus (El)"? (Daniel, 10;13:1) (GUÉRIOS, 1973, p. 157). <i>Miguel</i> – São Miguel, um dos três arcanjos mais conhecidos; modernamente, por influência do monarca absolutista D. Miguel (1802-1866) (MACHADO, 2003, p. 990).	Hagio	Composto

7	Vão	do Canto	Português	Latim	<i>Canto</i> – Do grego <i>kanthós</i> , pelo latim <i>canthu</i> . Lugar retirado, afastado; recanto, cantinho. (FERREIRA, 2010, p. 415). <i>Canto</i> – Substantivo masculino ‘ângulo, aresta’ ‘esquina’ XIII. Do latim <i>cantus</i> , talvez de origem céltica. (CUNHA, 2010, p. 122).	Cardino	Simple
---	-----	----------	-----------	-------	---	---------	--------

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 05: Chapada das Mangabeiras - Fortaleza dos Nogueiras

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	da Janela	Português	Latim	<i>Janelas</i> - [Janela + -s]. <i>Janela</i> - [Do latim vulgar * <i>januella</i> , diminutivo de <i>janua</i> , 'porta']. Abertura na parede dum edifício para deixar que nele entrem a luz e o ar. (FERREIRA, 2010, p. 1202).	Ergo	Simple
2	Serra	do Uruçu	Português	Tupi	<i>Uruçu</i> – Uruçuí, nome de uma abelha silvestre; do tupi <i>eurussú</i> . (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 118). <i>Uruçu</i> - [do tupi= abelha grande]. Abelha metropolitana (<i>Melipona scutellaris</i>) típica do N.E. brasileiro, com cerca de 11 mm de comprimento, coloração geral escura, pelos em diversos tons de amarelo, e que nidifica em ocos de árvores. (FERREIRA, 2010, p. 2121).	Zoo	Simple
3	Serra	do Centro	Português	Grego	<i>Centro</i> - [do grego <i>kéntron</i> , pelo latim <i>centru</i> .] substantivo masculino. Ponto interior equidistante de todos os pontos da circunferência ou da superfície de uma esfera. (FERREIRA, 2010, p. 463).	Cardino	Simple
4	Serra	do Arco	Português	Latim	<i>Arco</i> – [do latim <i>arcu</i> .] Substantivo masculino. Geom. Segmento de uma curva. Geom. Medida linear de um segmento de curva. (FERREIRA, 2010, p. 192).	Eco	Simple
5	Serra	Ipepaconha	Português	Tupi	<i>Ipepaconha</i> - Tupi <i>ipeka</i> - <i>kuana</i> , <i>i'peka</i> 'pato' + <i>a'kuana</i> 'pênis'. Planta da família da rubiáceas, de cujas raízes se extrai o alcalóide emetina, de propriedades medicinais (CUNHA, 1999, p. 156).	Fito	Simple
6	Serra	do Mirador	Português	Latim	<i>Mirador</i> - [de <i>mirar</i> + <i>douro</i>], variação de <i>miradoiro</i> . S. m. Ver <i>mirante</i> . <i>Mirante</i> , pavilhão situado em lugar alto e bastante desabrigado para que dele se possam apreciar vistas panorâmicas; observatório. (Ferreira, 2010, p. 1401). De <i>mirar</i> - do latim <i>miro</i> , <i>as</i> , <i>ávi</i> , <i>átum</i> , <i>áre</i> (HOUAISS 2001-2007).	Cardino	Simple

7	Serra	do Saco da Égua	Português	Latim	<i>Saco</i> - do latim <i>saccus -i</i> , derivado do grego <i>sákkos</i> 'receptáculo de papel, pano, couro, ou material plástico, aberto em cima e fechado no fundo e nos lados' (CUNHA, 2010, p. 574). <i>Égua</i> - [do latim <i>equa</i>]. A fêmea do cavalo. No Brasil, entre os sertanejos e a gente inculta, em geral, é a palavra considerada mais ou menos obscena. (FERREIRA, 2010, p.758).	Ergo	Composto
8	Serra	do Bravo	Português	Latim	<i>Bravo</i> - Do latim <i>barbaru</i> , selvagem; espanhol <i>bravo</i> (M. Lübke, REW, 945, A. Coelho, Nunes, Gram. Hist.,149). <i>Barbaru</i> teria dado <i>*brabaru</i> e por dissimulação <i>brabo</i> . Cornu aceita outras formas intermediárias: <i>*barbro-</i> <i>*babro-</i> <i>brabo</i> (Port. Spr., 157), <i>*bravro</i> (146) e <i>*bavro</i> (106). Da acepção de selvagem passou à de valente (M Lübke, Nunes, Digressões Lexicológicas,112). (NASCENTES,1955 p. 78). <i>Bravo</i> - 'corajoso, valente, intrépido' 'feroz, selvagem'. (CUNHA, 2010, p. 101).	Animo Disfórico	Simple
9	Serra	do Cajueiro	Português	Tupi	<i>Cajueiro</i> – [do tupi]. Variação a cajueiro, <i>cajueiro</i> , <i>cajoeiro</i> , <i>cajûeiro</i> , [<caju + -eiro]. Planta da família das anacardiáceas (<i>Anacardim occidentale</i>); cajuzeiro. (CUNHA, 1999, p. 88).	Fito	Simple
10	Serra	do Brinco	Português	Latim	<i>Brinco</i> - [do latim <i>vinculu</i>]. Adorno ou joia que se usa presa ao lobo da orelha ou pendente dela. (FERREIRA, 2010, p.351).	Ergo	Simple
11	Serra	do Campo	Português	Latim	<i>Campo</i> - planície, terreno plano, terreno para plantio ou exercícios XIII. Do latim <i>campus -i</i> (CUNHA, 2010, p. 119).	Geomorfo	Simple
12	Vão	da Areia	Português.	Latim	<i>Areia</i> – Substantivo feminino. Partículas de rochas em desagregação que se apresentam em grãos mais ou menos finos, nas praias, leito de rios, desertos, etc. (FERREIRA, 2010; p.194). <i>Areia</i> - do latim <i>arena</i> , espanhol <i>arena</i> , italiano <i>rena</i> . (NASCENTES, 1955, p. 41).	Lito	Simple
13	Vão	da Curica	Português	Tupi	<i>Curica</i> – substantivo masculino. Variação: 5 <i>coríca</i> , 5-7 <i>corica</i> , 6 <i>coriqua</i> , <i>coryca</i> , 9 <i>curica</i> [< Tupi <i>ku'ruka</i> ~ Cp. Ajurucurau, ajurucurica]. (CUNHA, 1999, p. 122.).	Zoo	Simple
14	Vão	Fundo	Português	Latim	<i>Fundo</i> – do latim <i>fundu</i> .] Adjetivo. Que tem fundura ou profundidade; profundo. Cavado, reentrante. Quem vem do mais fundo da alma. (FERREIRA, 2010. 5, p.996).	Dimensio	Simple
15	Vão	do Velame	Português	Latim	<i>Velame</i> - [de vela + -ame]. <i>Velame</i> - [de <i>velâmen</i> , com desnasalação]. Arbusto euforbiáceo (<i>Croton astrogynus</i>) muito ramoso e tomentoso, de folhas subsésseis, lanceoladas, ferrugíneas e tomentosas na página inferior, flores pequenas, unissexuais, com muitos estames e reunidas em racemos curtos, espiciformes, e cápsulas ovoides. (FERREIRA, 2010, p.2139). <i>Vela</i> - [do latim <i>vela</i> , plural de <i>velu</i> , véu]. (FERREIRA, 2010, p.2138).	Fito	Simple

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 06: Chapada das Mangabeiras - Loreto

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do Chapéu	Português	Latim	<i>Chapéu</i> – peça destinada a cobrir a cabeça, peo XV. Do francês <i>chapel</i> (hoje <i>chapéu</i>), derivado do latim popular <i>*cappelus</i> , diminutivo de <i>coppa</i> . (CUNHA, 2010, p. 145).	Ergo	Simples
2	Serra	do Penitente	Português	Latim	<i>Penitente</i> - Do latim <i>poenitente</i> , que se arrepende. (NASCENTESs, 1955, p. 389). Penitente - 2. Que faz penitência ou confissão de seus pecados. 5. Pessoa que acompanha procissões como penitente (3). (FERREIRA, 2010, p. 1603).	Animo Eufórico	Simples
3	Serra	do Inajá	Português	Tupi	<i>Inajá</i> - do tupi <i>ina'ya</i> "palmeira da subfamília das ceroxilíneas" Variantes: <i>anajá</i> , <i>anaja</i> , <i>inajaz</i> , <i>nayhá</i> , <i>inajá</i> (CUNHA, 1978, p. 49-50).	Fito	Simples

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 07: Chapada das Mangabeiras - Sambaíba

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Serra	do Penitente	Português	Latim	<i>Penitente</i> - Do latim <i>poenitens</i> , entis. latim <i>poenitens</i> , entis, particípio presente de <i>poenitere</i> 'arrepender-se, ficar contrito'; sXV <i>penitente</i> , sXV <i>penitemtes</i> . (HOUAISS, 2001-2007). Do latim <i>poenitente</i> , que se arrepende. Que faz penitência ou confissão de seus pecados. Pessoa que se arrepende. (FERREIRA, 2010, p. 1603).	Animo Eufórico	Simples
2	Serra	da Limpeza	Português	Latim	<i>Limpeza</i> – (ê) [de <i>limpo</i> + -eza.] Substantivo feminino. Qualidade de limpo, de asseado. Ver limpamento. Esmero, apuro, aprimoramento. (FERREIRA, 2010, 5, p.1267). <i>Limpo</i> - latim <i>limpidus</i> , a, um 'límpido, claro, transparente' (HOUAISS, 2001-2007).	Animo Eufórico	simples
3	Serra	Vermelha	Português	Latim	<i>Vermelha</i> - Do latim <i>vermiculu</i> , 'pequeno vermezinho (a cochonilha)'. Da cor do sangue, da papoula, do rubi. Diz-se dessa cor. Afogueado, corado, rubro. (FERREIRA, 2010, p. 2148).	Cromo	Simples
4	Serra	da Sambaíba	Português	Tupi	<i>Sambaíba</i> - do tupi <i>sama'ïua</i> (planta da família das dilleniáceas) (CUNHA, 1978, p. 257).	Fito	Simples

5	Serra	da Mangaba	Português	Tupi	<i>Mangaba</i> - do tupi <i>ma'ngaua</i> (planta da família das apocináceas; mangabeira). Variantes: <i>mangába, mangaba, mângaua, mangaua, mangava, mangaua, mangabá</i> (CUNHA, 1978, p. 201).	Fito	Simple
6	Vão	Fundo	Português	Latim	<i>Fundo</i> – [do latim <i>fundu.</i>] Adjetivo. Que tem fundura ou profundidade; profundo. Cavado, reentrante. Quem vem do mais fundo da alma. (FERREIRA, 2010. 5, p.996).	Dimensio	Simple
7	Vão	Olho-D'água	Português	Latim - Latim	<i>Olho</i> - do latim <i>oculu</i> ; (NASCENTES 1955, p.362). <i>Água</i> – [do latim <i>aqua.</i>] Substantivo feminino. Líquido incolor, sem cheiro ou sabor, essencial à vida; a parte líquida do globo terrestre (FERREIRA, 2010. 5, p.78). <i>Olho-d'água</i> - nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro, olho (HOUAISS 2001-2007).	Hidro	Composto
8	Vão	do Chico	Português	Latim	<i>Chico</i> - hipocorístico de Francisco, por influência dos negros africanos: Anxico, Xico. Como sobrenome português, é o esp. Chico, "pequeno". (GUÉRIOS, 1973, p. 80). Tem origem no latim <i>franciscus</i> , do germânico <i>frank</i> .	Antropo	Simple
9	Vão	da Fazenda	Português	Latim	<i>Fazenda</i> - substantivo feminino. "ant. combate, batalha" xiii; 'assunto, negócio' xiii; 'riqueza, bens' xiii. Do latim <i>*facenda</i> , por <i>facienda</i> , de <i>facere</i> 'fazer, executar' fazendeiro xiii. (CUNHA, 2010, p. 287).	Socio	Simple

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 08: Chapada das Mangabeiras - São Domingos do Azeitão

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Vão	do Arco	Português	Latim	<i>Arco</i> – [do latim <i>arcu.</i>] Substantivo masculino. Geom. Segmento de uma curva. Geom. Medida linear de um segmento de curva. (FERREIRA, 2010. 5, p.192).	Ergo	Simple
2	Vão	do Azeitão	Português	Árabe	<i>Azeitão</i> – [de azeite + -ão.] Adjetivo. Diz-se do gado de pelagem preta lustosa. Substantivo masculino. Azeite de mamona. <i>Azeite</i> – [Do árabe <i>az-zayt</i> , 'oleo'.] substantivo masculino. Óleo de azeitona, azeite-doce. (FERREIRA, 2010, p. 256).	Fito	Simple
3	Vão	Seco	Português	Latim	<i>Seco</i> – (ê) [do latim <i>siccu.</i>] Adjetivo. Desprovido de umidade, ou de líquido; enxuto. Sem vegetação, árido. Diz-se da planta, ou de parte dela, que está ressequida ou murcha. (FERREIRA, 2010, p. 1902).	Geomorfo	Simple

4	Vão	do Muquém	Português	Tupi	<i>Muquém</i> – vila situada no município de Niquelândia, GO; de <i>mokê</i> , fogão improvisado fora do rancho, geralmente para moquear a caça ou churrasquear. (TIBIRIÇA, 1997, II. p.88).	Ergo	Simple
5	Vão	Saco de Fora	Português	Latim - Latim	<i>Saco</i> - do hebreu - fenício <i>sak</i> , fazenda de pelo, cilício, voc. De origem assíria, através do gr. <i>Sákkos</i> e do latim <i>saccu</i> (Lokotsch, BOISACQ, Saraiva, Walde, Ramiz Galvão, Bourez, Ling. Rom., § 65, M. Lübke, Rew 9489, A. Coelho). (NASCENTES 1955, p.453). <i>Fora</i> - do latim <i>foras</i> ; <i>esp. fuera</i> , <i>it. Fuora</i> , <i>fr. hors</i> . (NASCENTES 1955, p. 222). Na parte exterior. Do <i>latim foras</i> . (CUNHA, 2010, p.298).	Ergo	Composto
6	Vão	do Tronco	Português	Latim	<i>Tronco</i> – [do latim <i>truncu</i> .] substantivo masculino. Botânica. O caule das arvores [é sempre muito grande e grosso, tendo crescimento secundário na casaca e no cilindro central.]. parte externa Ramo grosso de árvore. (FERREIRA, 2010, p. 2093).	Fito	Simple
7	Vão	do Fundo	Português	Latim	<i>Fundo</i> - (Subst) do latim <i>fundu</i> , base, chão; espanhol italiano <i>fondo</i> , francês antigo <i>fonz</i> , moderno <i>fonds</i> arcaico <i>fondo</i> : no deuce a fondo (Livro de Linguagem apud Nunes Crest. Arc., 57). (Adj) M. Lübke, REW, 3585, tira do mesmo latim <i>fundu</i> . Cornu, Port. Spr., § 108, vê uma aférese de profundo por Adj. sentir-se um superlativo no prefixo (muito fundo). Esp. hondo, it. <i>fondo</i> . (NASCENTES 1955, p.229).	Dimensio	Simple
8	Vão	da Desordem	Português	Latim	<i>Desordem</i> – oposto de <i>ordem</i> - disposição, regra, disciplina / XIV <i>orden</i> . Do latim <i>ordo ordinis</i> (CUNHA, 2010, p. 463). <i>Desordem</i> - falta de ordem, desarranjo, desarrumo, desorganização, (FERREIRA, 2010, p. 656).	Animo-Disfórico	Simple
9	Vão	da Piaçaba	Português	Tupi	<i>Piaçaba</i> - var.: priasaua, priasaba, priacaua, piassaua, piaçava, piassaba, [< Tupi <i>piã'saua</i> ~ VLB II. 125: Teçume = Pigaçapaba. Pigaçaba]. Nome comum a várias palmeiras da subfamília das cocosoídeas; trançado de fibras de folhas de palmeiras, principalmente as do gênero <i>Attalea</i> , da subfamília das cocosoídeas; vassoura confeccionada com essas fibras. CUNHA, 1999, p.233).	Fito	Simple
10	Vão	Cunhã	Português	Tupi	<i>Cunhã</i> – substantivo feminino. [< Tupi <i>ku'nã</i> ~vlb II. 40: Molher. Mulier. = cunhã]. (CUNHA, 1999, p. 120).	Etno	Simple
11	Vão	do Canto Grande	Português	Latim - Latim	<i>Canto</i> – Do grego <i>kanthós</i> , pelo latim <i>canthu</i> . Lugar retirado, afastado; <i>recanto</i> , <i>cantinho</i> . (FERREIRA, 2010, p. 415). <i>Canto</i> – Substantivo masculino ‘ângulo, aresta’ ‘esquina’ XIII. Do latim <i>cantus</i> , talvez de origem céltica. (CUNHA, 2010, p. 122). <i>Grande</i> – [do latim <i>grande</i> .] Adjetivo. De tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acima do normal. Comprido, longo. Crescido, desenvolvido, taludo. (FERREIRA, 2010, 5, p.1048).	Cardino	Composto

12	Vão	da Caraiba	Português	Tupi	<i>Caraíba</i> - do tupi <i>kara'íwa</i> 'indivíduo dos caraíbas, povo indígena (FERREIRA, 2010, p. 425).	Etno ²⁸	Simple
13	Vão	do Marruá	Português	Origem obsc.	<i>Marruá</i> – touro bravo, novilho ainda não domesticado. [...]. De origem obscura ; talvez se relacione com marruaz. (CUNHA, 2010, p. 413).	Zoo	Simple
14	Vão	do Cotó	Português	Latim	<i>Cotó</i> – [de coto(ô) que tem um braço ou perna mutilada. Variação sorte. Pessoa cotó. Coisa pequena; coto(ô), cotoco. (FERREIRA, 2010, p. 602). acutização expressiva de coto /ô/, segundo Nascentes (HOUAISS, 2007). <i>Coto</i> - do latim <i>cubitu, cotoelo</i> (NASCENTES, 1955, p. 139).	Somato	Simple

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 09: Chapada das Mangabeiras - São Félix de Balsas

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Serra	do Ginete	Português	Árabe	<i>Ginete</i> – sela grosseira, de cobertura removível, sem cabeça do arreio e com estribos de madeira, us. por vaqueiros. Ou ainda soldado a cavalo que lutava com adaga e lança; cavalo de boa raça [<i>genete</i> XIII, do árabe vulgar zenêti (clássico zanati), indivíduo dos Zenetas, tribo berbere, famosa por sua cavalaria ligeira (CUNHA, 2010, p. 3017).	Ergo	Simple
2	Serra	dos Macacos	Português	Indeterminada	<i>Macaco</i> - provavelmente de origem africana e do Congo. Lenz pensa que o vocábulo é de Madagascar. Teodoro Sampaio, o tupi na geografia nacional, 3ª ed. p. 255, diz ser vocábulo tomado dos galibis da Guiana; o símio, na língua desses índios, é macaca. Lokotsch, Amerikanische Wörter, 45, diz que este nome para os macacos da família Inus podia proceder do Brasil, onde em tupi <i>makaka</i> quer dizer macaco. (NASCENTES, 1955, p. 307). Origem africana , mas de étimo indeterminado ; nome comum a todos os símios (macaco) (CUNHA, 2010, p. 596). Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral (FERREIRA, 2010, p. 1298).	Zoo	Simple
3	Vão	do Saco	Português	Latim	<i>Saco</i> - do latim <i>saccus -i</i> , derivado do grego <i>sákkos</i> 'receptáculo de papel, pano, couro, ou material plástico, aberto em cima e fechado no fundo e nos lados' (CUNHA, 2010, p. 574).	Ergo	Simple

²⁸ Observação: em algumas regiões do país, caraiba é o nome de uma planta, nesse caso, seria classificado como fitotopônimo.

4	Vão	Santa Bárbara	Português	Latim - Latim	<i>Santa</i> - santo- do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; espanhol, italiano <i>santo</i> , fr. <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). <i>Bárbara</i> - do latim , deiv.de <i>babara</i> : "estrangeira, estranha". Cp. Gr. Bárbaros. Sig. Primitivo: "que balbucia, que tatamudeia" (GUÉRIOS, 1973, p. 64).	Hagio	Composto
5	Vão	Bacabinha	Português	Tupi	<i>Bacaba</i> - do tupi <i>Iwa'kawa</i> (de <i>i'wa</i> 'fruta' + <i>kawa</i> 'gorda, graxa'). Variação: <i>ubacába</i> , <i>bacába</i> , <i>bacaba</i> , [< T. <i>iua'kaua</i>]. Espécie de palmeira (<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.); bacabeira. (CUNHA, 1999, p. 67).	Fito	Simple
6	Vão	dos Morrinhos	Português	orig. incerta	<i>Morro</i> – substantivo masculino ‘monte pouco elevado’ ‘colina, outeiro’ xvi. De origem incerta (...). (CUNHA, 2010, p. 437). <i>Morro</i> - tem sido ligada a línguas pré-romanas, ao lat., ao germ., a uma criação onom. etc., sem que as diversas hipóteses consigam explicá-la satisfatoriamente (HOUAISS 2001-2007).	Geomorfo	Simple
7	Vão	da Piaçava	Português	Tupi	<i>Piaçaba</i> - var.: <i>priasaua</i> , <i>priasaba</i> , <i>priacaua</i> , <i>piassaua</i> , <i>piaçava</i> , <i>piassaba</i> , [< Tupi <i>piã'saua</i> ~ VLB II. 125: <i>Teçume</i> = <i>Pigaçapaba</i> . <i>Pigaçaba</i>]. Nome comum a várias palmeiras da subfamília das cocosoídeas; trançado de fibras de folhas de palmeiras, principalmente as do gênero <i>Attalea</i> , da subfamília das cocosoídeas; vassoura confeccionada com essas fibras. (CUNHA, 1999, p.233).	Fito	Simple
8	Vão	Buriti de Dentro	Português	Tupi	<i>Buriti</i> - do tupi <i>mbĩri'ti</i> (espécie de palmeira). (Houaiss e Villar, 2001-2007): tupi <i>*mbĩri'ti</i> 'espécie de palmeira'; var. com mb- > b- ou m-; morety (datação 1631), 1667 moritim, 1698 muruty, 1734 buritis. Martius (1863, p. 491), <i>boriti</i> , <i>buriti</i> , <i>brutiz</i> , <i>muriti</i> , <i>miriti</i> . “ <i>huri</i> , nome de palmeira, aparece em vários topônimos: <i>huri</i> , <i>buriaé</i> , <i>muriaé</i> ”; “ <i>Buriti</i> , <i>muriti</i> , <i>miriti</i> - nome de palmeira e de vários nomes geográficos do Brasil” (TIBIRIÇA, 1997, p. 162). <i>Dentro</i> – [do latim de + <i>intro</i> .] Adjetivo. Do lado interior; interiormente. (FERREIRA, 2010. 5, p.656).	Fito	Composto
9	Vão	dos Porcos	Português	Latim	<i>Porcos</i> - do latim <i>porcu</i> ; espanhol <i>puerco</i> , it. <i>porco</i> , fr. <i>poro</i> . (NASCENTES 1955, p. 411). Porco - mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali (CUNHA, 2010, p. 512).	Zoo	Simple
10	Vão	Aguaraci	Português	Tupi	<i>Aguaraci</i> - Guaraci - <i>quaraci</i> - na mitologia dos indígenas de língua tupi , o Sol, criador dos seres vivos e protetor dos animais, irmão e marido de Jaci (HOUAIS, 2007).	Mito	Simple
11	Vão	dos Tinguis	Português	Tupi	<i>Tingui</i> – substantivo masculino. Variação: <i>tingui</i> , <i>tinguy</i> , <i>tinguí</i> [< Tupi <i>ti'nui</i>] Barbasco, não tem gênero = <i>Timbogaçu</i> , <i>Timbopiriana</i> , <i>jbitimbo</i> . Yapticai; "eo sumo de cada hum	Fito	Simple

					desses Tingui"]. (CUNHA, 1999, p. 292). <i>Tingui</i> - tupi <i>ti'nguï</i> 'planta leguminosa, cuja seiva tóxica é usada para envenenar peixes. (HOUAISS 2009).		
12	Vão	da Mata	Português	Latim	<i>Mata</i> - terreno onde nascem árvores silvestres 'bosques, selva' XIII. Talvez do latim <i>tardio matta</i> 'esteira de junco' //Amatut. Ado XX// Desmatamento XX// Desmatar XX// Matagal XVII. (CUNHA 2010, p. 415).	Fito	Simple
13	Vão	São Francisco	Português	Latim	<i>São</i> - [do latim <i>sanu.</i>] puro, impoluto, imaculado. (FERREIRA, 2010.p. 1889). Santo – do latim <i>sanctu</i> , tornado sagado. (NASCENTES, I, p, 457). <i>Francisco</i> – Adaptação portuguesa do antropônimo italiano <i>Francesco</i> . (MACHADO, 2003, vol. II, p. 666).	Hagio	Composto

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 10: Chapada das Mangabeiras - São Raimundo das Mangabeiras

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do Papagaio	Português	Árabe	<i>Papagaio</i> - do árabe <i>babagai</i> (de origem obscura) possivelmente. Designação comum de várias espécies de psitacíformes, psitacídeos, especialmente do gênero <i>Amazona</i> , com 11 espécies brasileiras, as quais, por via de regra, imitam bem a voz humana. (FERREIRA, 2010, p. 1552).	Zoo	Simple
2	Morro	Vermelho	Português	Latim	<i>Vermelho</i> – adjetivo. 'da cor do sangue' XIII. Do latim <i>vermiculus</i> . (CUNHA, 2010. 4, p.674).	Cromo	Simple
3	Morro	do Pico	Português	Céltico	<i>Pico</i> – da raiz céltica , <i>pic</i> , ponta (Figueiredo). (NASCENTES, 1955, p. 397).	Geomorfo	Simple
4	Morro	Redondo	Português	Latim	<i>Redondo</i> - do latim vulgar <i>retundo</i> < latim <i>rotundo</i> 'que tem forma de círculo; circular'. (FERREIRA, 2010, p. 1798).	Morfo	Simple
5	Serra	da Croeira	Português	Tupi	<i>Croeiras</i> - Tupi <i>kuru' era</i> . Farelo, e tudo o que fica da farinha peneirada ou aioeirada = mindocuruera, como o q. fica da cal ioeirada etc.]. Parte grosseira da mandioca que não passa nas malhas da peneira. (CUNHA, 1999, P. 114.)	Ergo	Simple
6	Serra	Branca	Português	Germânico	<i>Branco</i> - do germânico <i>blanck</i> (brilhante, branco, límpido) (CUNHA, 2010).	Cromo	Simple

7	Serrote	da Suçuarana	Português	Tupi	<i>Suçuarana</i> - do tupi <i>Siwasua'</i> rana 'onça ou tigre'. Variantes: <i>suçuarana</i> , <i>suaçuarana</i> , <i>susurana</i> , <i>cissurana</i> , <i>ceçurana</i> . (CUNHA, 1978, p. 265).	Zoo	Simple
8	Vão	do Caiçara	Português	Tupi	<i>Caiçara</i> – cerca tosca, <i>caică</i> 1587, <i>caičara</i> 1587, <i>caica</i> 1596, <i>caissara</i> 1656 etc. do tupi <i>kaai'as</i> . (CUNHA, 2010, p. 112).	Ergo	Simple
9	Vão	do Canto	Português	Latim	<i>Canto</i> – Do grego <i>kanthós</i> , pelo latim <i>canthu</i> . Lugar retirado, afastado; recanto, cantinho. (FERREIRA, 2010, p. 415).	Cardino	Simple
10	Vão	do Riachão	Português	Espanhol	<i>Riachão</i> - [Riacho + -ão]. Riacho grande. (FERREIRA, 2010, 5, p.1842). Riacho - [do espanhol <i>riacho</i>]. Substantivo masculino. Rio pequeno, mais volumoso que o regato (queira ver), e menos que a ribeira (queira ver). (FERREIRA, 2010, p.1842).	Hidro	Simple

Fonte: A autora, com base nos dados.

Quadro 11: Gerais de Balsas - Alto Parnaíba

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do França	Português	Orig. controversa	<i>França</i> - Sobrenome português , geográfico. Primit. Indicava a procedência: de França. (GUÉRIOS, 1973, p. 110). Orig.contrv., talvez alt. de frôndeo (do lat. <i>frondëus</i> , a, um 'de folhagem, coberto de folhas', der. de <i>fróns</i> , <i>frondis</i> 'folhagem, folhas'); ver frond(i)-; f.hist. sXIV frança, sXV frança (HOUAISS 2001-2007)	Coro	Simple
2	Morro	Morrinho	Português	Origem incerta	<i>Morro</i> - de origem incerta 'colina, monte pouco elevado, outeiro' (CUNHA, 2010, p. 437).	Geomorfo	Simple
3	Serra	do Penitente	Português	Latim	<i>Penitente</i> -. Do latim <i>poenitens</i> , <i>entis</i> , particípio presente de <i>poenitére</i> 'arrepender-se, ficar contrito'; sXV <i>penitente</i> , sXV <i>penitemtes</i> . (HOUAISS, 2007). Do latim <i>poenitente</i> , que se arrepende. Que faz penitência ou confissão de seus pecados. Pessoa que se arrepende. (FERREIRA, 2010, p. 1603).	Animo eufo	Simple
4	Serra	Furada	Português	Latim	<i>Furada</i> - Ação ou resultado de furar. De furado. <i>Furo</i> - Abertura produzida por objeto pontudo; BURACO; ORIFÍCIO, de furar. Hom./Par.: furo (sm.), furo (fl. de furar (AULETE DIGITAL). at. <i>forátus</i> , a, um 'furado' part.pas. de <i>fōro</i> , as, <i>ávi</i> , <i>átum</i> , <i>áre</i> (HOUAISS, 2001-2007). De furar +-ada. Ato ou efeito de furar. (FERREIRA, 2010, p. 997).	Geomorfo	Simple

5	Serra	do Veredão	Português	Latim	<i>Vereda</i> - Do latim <i>vereda</i> < <i>veredu</i> , 'cavallo de posta'. Caminho estreito, senda, atalho, rumo, caminho e direção. (FERREIRA, 2010, p. 2147).	Hodo	Simple
6	Serra	da Enxada	Português	Latim	<i>Enxada</i> - [Do latim <i>asciata</i> < latim <i>ascia</i> , 'enxó', 'sacho', 'alvião']. instrumento de capinar ou revolver a terra. (FERREIRA, 2010, p. 812.).	Ergo	Simple
7	Serra	do Belo Mato	Português	Latim - Latim	<i>Belo</i> - latim <i>bellus</i> , a, um 'belo, bela, bonito, bonita', cog. de bom; ver bon-; f.hist. sXIII <i>belo</i> , sXIII <i>bel</i> , sXIII <i>bello</i> , que tem formas e proporções esteticamente harmônicas (HOUAISS, 2009). <i>Mato</i> - mata com alt. da vogal temática -a > -o; f. hist. 1716 <i>matto</i> (prov. lat.tar. <i>matta</i> , ae 'esteira de junco; porção de plantas que cobre certa porção de terreno') (HOUAISS 2009). Masculino de mata, do latim <i>matta</i> (esteira de junco). terreno onde nascem árvores silvestres, bosque, selva. (CUNHA, 2010).	Animo-eufórico	Composto
8	Serra	do Caititu	Português	Tupi	<i>Caititu</i> - do tupi . Mamífero artiodáctilo, taiacuideo (Tayassu tajacu), da região cisandina da América do Sul. Pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro, resultando numa coloração rosada; linha de longos pelos no pescoço, e patas pretas, com faixa característica em forma de colar branco cingindo o pescoço até os ombros. Variação: caitatu, caititu, taititu. Sinônimo: <i>cateto</i> , <i>tateto</i> , <i>pecari</i> , e impropriamente porco-do-mato. (FERREIRA, 2010, p. 385).	Zoo	Simple
9	Serra	do Medonho	Português	Latim	<i>Medonho</i> - de medo (ê) + _onho]. Que causa medo; terrífico, assustador. Horrendo, horrível, hediondo. Excessivamente feio; pavoroso. Latim . <i>médus</i> , a, um 'relativo aos medos (FERREIRA, 2010, p.1363).	Animo disfórico	Simple
10	Serra	Serra	Português	Latim	<i>Serra</i> - cadeia de montanhas. Lugar (cidade, sítio, casa) que se situa em região serrana. Do latim <i>serra</i> , ae. (AULETE DIGITAL). f.hist. sXIII <i>serra</i> , 1390 <i>çerra</i> , sXIV <i>sserras</i> fig. 'longa extensão de montanhas', 1446 <i>serra</i> . - Longa extensão de montanhas, montes ou penedias com picos e quebradas (HOUAISS 2009)	Geomorfo	Simple
11	Serra	dos Veados	Português	Latim	<i>Veado</i> - Do latim <i>venatu</i> , 'caça morta'. Animal mamífero, artiodáctilo, cervídeo, desprovido de incisivos superiores e em geral muito tímido e veloz. (FERREIRA, 2010, p. 2137).	Zoo	Simple
12	Serra	São João	Português	Latim - Hebraico	<i>São</i> - Santo - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; espanol, italiano <i>santo</i> , francês <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). Santo - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; espanhol e italiano <i>santo</i> ; francês <i>saint</i> . (NASCENTES, I, p, 457). <i>João</i> - do hebraico <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> : "Javé (Ieho) é (cheio) de graças (<i>hanan</i>)". Ou Javé é	Hagio	Composto

					misericordioso". Outros: "Javé deu, presenteou". Grego Ioáannes, latim Jo(h)annes, italiano Giovanni, espanhol Juan, francês Jean, inglês John, alemão Johan, húngaro János, russo Iwan. Com os elementos invertidos: Ananias (GUÉRIOS, 1973, p. 135)		
13	Serra	dos Porcos	Português	Latim	<i>Porco</i> – mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico, XIII. Do latim <i>porcus</i> . (CUNHA, 2010, p. 512).	Zoo	Simple
14	Serra	da Mandioca	Português	Tupi	<i>Mandioca</i> - Do tupi - planta euforbiácea (<i>Manihot utilissima</i>) cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, mas qual há espécies venenosas. (FERREIRA, 2010, p. 1323).	Fito	Simple
15	Serra	Tucano	Português	Tupi	<i>Tucano</i> - do tupi - ave piciforme, rasfastídea, da qual há quatro espécies brasileiras reunidas do gênero <i>Ramphastos</i> , tendo <i>R. monolis</i> seis subespécies. Alimentam-se de pequenos frutos e, não raro, pilham ninhos de outras aves. São sociais, e vivem em pequenos bandos. (FERREIRA, 2010, p. 2098.).	Zoo	Simple
16	Serra	das Cunhãs	Português	Tupi	<i>Cunhã</i> - [tupi <i>ku'ñã</i>] <i>mulher/mulier</i> - mulher indígena, índia; esposa ou companheira do caboclo, ou do homem branco (CUNHA, 1978, p.120)	Etno	Simple
17	Serra	do Boqueirão	Português	Latim	<i>Boqueirão</i> - abertura em costa marítima, rio ou canal. Terreno úmido e fértil. Bras. MA Braço de mar, entre uma ilhota e a costa esbarrancada. (FERREIRA, 2010, p. 337). <i>Boqueirão</i> - de boqueira, formado de boca e suf. eira, mais a desin. ão. (NASCENTES, 1995, p. 75). Boca – cavidade na parte inferior da face, pela qual os homens e outros animais ingerem os alimentos, e ligada com os órgãos da fonação e da respiração XIII. Do latim <i>buccam</i> . (CUNHA, 2010, p. 93).	Hidro	Simple
18	Serra	do Brejo da Lagoa	Português	Origem controversa-Latim	<i>Brejo</i> - <i>brejal, brejo</i> , [de origem controversa.] Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; urzal. Por extenso Lugar úmido, frio e ventoso. (FERREIRA, 2010, p. 5, p.348). <i>Lagoa</i> - do latim <i>lacona</i> (em vez de lacuna). Lago pouco extenso. No Brasil é corrente chamar lagoa a qualquer lago. Variação <i>alagoa</i> , aumentativo lagoão, diminutivo <i>lagoacho</i> . Poção de água estagnada; charco. (FERREIRA, 2010, p. 1230).	Hidro	Composto
19	Serra	da Palmeira	Português	Latim	<i>Palmeira</i> – [de palma + eira]. Denominação comum às plantas pertencentes à família das arecáceas [Cf. coqueiro]. (FERREIRA, 2010, p. 1544). <i>Palmeira</i> – do latim <i>palmeyra</i> XIII. (CUNHA, 2010, p. 471)	Fito	Simple

20	Serra	da Tiúba	Português	Tupi	<i>Tiúba</i> – (Variação de <i>teúba</i>) <i>theúba</i> [<Tupi?] V. abon. 1817 Casal Corografia Brasileira I. 75: A <i>theúba</i> [espécie de abelha] também pequena e amarelada. (CUNHA, 1999. 5, p.288).	Zoo	Simple
21	Serra	do Pitoresco	Português	Italiano	<i>Pitoresco</i> - do italiano <i>pittoresco</i> , de pintor. O neologismo pinturesco não tem a mesma força. (NASCENTES 1955, p. 402). it. <i>pittoresco</i> (1664) 'relativo a pintor, a obras de pintura, esp. relativo à paisagem, a cenas particularmente expressivas'; cp. <i>pinturesco</i> ; 1833 <i>pitoresco</i> , 1836 <i>pittoresco</i> , 1838 <i>pinturesca</i> , 1899 <i>pictoresco</i> . que é original de modo gracioso, envolvente, fascinante (HOUAISS 2009)	Animo eufórico	Simple
22	Serra	da Tapera	Português	Tupi	<i>Tapera</i> - Var.: <i>tapera</i> , <i>tapéra</i> , <i>ta'pera</i> . Aldeia indígena abandonada; habitação em ruínas. (CUNHA, 1999, p. 279).	Eco	Simple
23	Serra	do Olho d'Água	Português	Latim	<i>Olho</i> - do latim <i>oculu</i> ; (NASCENTES 1955, p.362). <i>Água</i> – [do latim <i>aqua</i> .] Substantivo feminino. Líquido incolor, sem cheiro ou sabor, essencial à vida; a parte líquida do globo terrestre (FERREIRA, 2010. 5, p.78). <i>Olho-d'água</i> - nascente de água no solo; fonte perene; borbotão, minadouro, olho (HOUAISS 2009)	Hidro	Composto
24	Serra	do Cordeiro	Português	Latim	<i>Cordeiro</i> - latim vulg. <i>cordarius</i> , ligado ao adj. lat. <i>córdus</i> ou <i>chódus</i> , <i>a, um</i> 'que nasce tarde, tardio (frutas ou animais)', filhote de carneiro, assim considerado até um ano de idade (HOUAISS 2009)	Zoo	Simple
25	Serra	do Pereira	Português	Português	<i>Pereira</i> - sobrenome português "lugar onde há muitas pereiras". - Os primitivos Pereiras estavam ligados à casa de Bragança, em Portugal "foi seu solar a Quinta de Pereira, donde tomaram por apelido, junto ao rio Ave, em terra de Vermoim". (GUÉRIOS, 1973, p. 177)	Antropo	Simple
26	Vão	do Escuro	Português	Latim	<i>Escuro</i> – sombrio, tenebroso, pouco claro, XIII. Do latim <i>obscurus</i> . (CUNHA, 2010, p. 260)	Cromo	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 12: Gerais de Balsas - Balsas

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do José Flor	Português	Hebraico + Latim	<i>José</i> - do hebraico <i>Iosef, Yosef</i> "(Deus) acrescenta bens", pelo grego <i>Ioseph</i> , deste pelo latim <i>Ioseph, Joseph</i> , em seguida pelo francês antigo <i>José</i> , embora se escrevesse até tarde (séc. XIX?) <i>joseph</i> , a forma inicial, alatinada, com pronúncia do -ph (=f) até certa altura (ver Josefa). (MACHADO, 2003, vol. II, p. 832). <i>Flor</i> - do latim <i>flos, -oris</i> 'orgão de reprodução das plantas fanerogâmicas' (CUNHA, 2010, p. 296)	Antropo	Composto
2	Morro	Morrinho	Português	Origem incerta	<i>Morro</i> - de origem incerta 'colina, monte pouco elevado, outeiro' (CUNHA, 2010, p. 437).	Geomorfo	Simple
3	Morro	da Laranja	Português	Árabe	<i>Laranja</i> - do árabe <i>naranga</i> , derivado do persa <i>narang</i> 'fruto da laranjeira; planta da família das rutáceas' (CUNHA, 2010, p. 382)	Fito	Simple
4	Morro	da Ferrugem	Português	Latim	<i>Ferrugem</i> - latim <i>ferrúgō, inis</i> 'ferrugem'; ver ferr(i/o)-; f.hist. sXIV ferrugem, sXIV <i>fferrugé</i> , sXIV <i>ferugé</i> . Hidróxido de ferro de cor vermelho-alaranjada (HOUAISS 2009)	Lito	Simple
5	Morro	do Varjão	Português	Orig. controv.	<i>Vargem</i> - de várzea, por influência de palavras acabadas em -gem (FERREIRA, 2010, p. 2133). <i>Várzea</i> : Coelho cita as outras formas vargea, vargem, e o português antigo varga (NASCENTES, 1955, p. 520). Orig. contrv. ; Nascentes, s.v. <i>varga</i> , atribui a <i>barga</i> 'cabana', de língua pré-romana, dizendo, ainda, que "esta palavra teria passado do sentido de 'choça' para o de 'cercado de uma paliçada destinada a colher peixes, lugar inundado'; de <i>varga</i> , ter-se-ia <i>várzea</i> (como em <i>hástea, lágea</i>), <i>varge</i> , explicada como var. de <i>vargem</i> , esta como var. de <i>várzea</i> sob influência das pal. terminadas em -gem, <i>vargim</i> como dim. de <i>varge</i> "; o próprio Nascentes lembra tb. o b.-lat. <i>varcèna</i> ; ver <i>varz-</i> ; f.hist. sXV <i>uarzea</i> (HOUAISS 2001-2007)	Fito	Simple
6	Morro	da Curica	Português	Tupi	<i>Curica</i> - do tupi <i>ku'ruca</i> (variedade de papagaio) (HOUAISS, 2001-2007).	Zoo	Simple
7	Morro	do Capim Duro	Português	Tupi + Latim	<i>Capim</i> - <i>ka'pii</i> (este de <i>ka'a</i> 'mato, erva, planta em geral, mata' + <i>pii</i> 'fino, delgado'). <i>Duro</i> - do latim <i>dúrus</i> (duro, firme, sólido) (HOUAISS, 2001-2007)	Fito	Composto
8	Morro	do Escalvado	Português	Latim	<i>Escalvado</i> - [particípio de <i>escalvar</i>] falta de vegetação; árido, estéril, calvo. De calvo - do latim <i>calvu</i> . (FERREIRA, 2010, p. 829)	Geomorfo	Simple

9	Morro	dos Currais	Português	Orig. controvers.	<i>Curral</i> – [De origem controversa ; possivelmente do latim vulgar <i>*currale</i> < latim <i>curru</i> , 'carro'.] Substantivo masculino. Lugar onde se junta e recolhe o gado; arribana, corte, malhada. (FERREIRA, 2010. 5, p.628).	Ergo	Simple
10	Morro	do Frade	Português	Latim	<i>Frade</i> - latim <i>fráter</i> , <i>tris</i> 'irmão pelo sangue ou por aliança, membro de uma confraria'; cp. freire e fráter; ver frater- indivíduo que pertence a uma ordem religiosa; monge (HOUAISS 2009)	Axio	Simple
11	Morro	Vermelho	Português	Latim	<i>Vermelho</i> - que tem a cor do sangue; encarnado, berne. Do latim <i>vermiculus</i> , <i>i</i> 'pequeno verme', diminutivo de latim <i>vérmis</i> , <i>is</i> 'verme, inseto, varejeira'; forma divergente de <i>vermiculo</i> ; sXIII <i>vermello</i> , sXIV <i>vermelhas</i> . (HOUAISS, 2007).	Cromo	Simple
12	Morro	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - Diz-se de veado que tem grande cornos, grande galhada (galho- + - eiró) Veado de galhos ou chifres grandes. Galho (latim <i>galleu</i> 'ramo, parte que fica presa ao caule') (FERREIRA, 2010, p. 1006)	Zoo	Simple
13	Morro	da Macaca	Português	Indeterminado	<i>Macaco</i> - provavelmente de origem africana e do Congo. Lenz pensa que o vocábulo é de Madagascar. Teodoro Sampaio, o tupi na geografia nacional, 3ª ed. p. 255, diz ser vocábulo tomado dos galibis da Guiana; o símio, na língua desses índios, é macaca. Lokotsch, Amerikanische Worter, 45, diz que este nome para os macacos da família Inus podia proceder do Brasil, onde em tupi makaka quer dizer macaco. (NASCENTES, 1955, p. 307). Origem africana, mas de étimo indeterminado ; nome comum a todos os símios (macaco) (CUNHA, 2010, p. 596). Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral (FERREIRA, 2010, p. 1298)	Zoo	Simple
14	Serra	do Penitente	Português	Latim	<i>Penitente</i> - do latim <i>poenitente</i> , que se arrepende. (NASCENTES 1955, P. 389). Do lat. <i>poenitens</i> , <i>entis</i> ; latim <i>poenitens</i> , <i>entis</i> , participio presente de poenitére 'arrepender-se, ficar contrito'; sXV <i>penitente</i> , sXV <i>penitentemtes</i> . (HOUAISS, 2007).	Animo disfórico	Simple
15	Serra	do Gado Bravo	Português	Espanhol	<i>Gado</i> - do espanhol <i>ganado</i> , <i>ganhado</i> , de origem germânica, em época anterior ao desaparecimento do n intervocálico. Raça bovina. (NASCENTES, 1995 p.231). <i>Bravo</i> - 'corajoso, valente, intrépido' 'feroz, selvagem'. (CUNHA, 2010, p. 101).	Zoo	Composto
16	Serra	Serrinha de Baixo	Português	Latim	<i>Serra</i> - [do latim <i>serra</i> .] cadeira de montanhas com muitos picos e quebrados. FERREIRA, 2010. 5ed. p.1921). <i>Baixo</i> - Depressão de terreno; baixos. Lugar baixo. Parte pouco funda de mar ou de rio. Do latim <i>bassus</i> (que está num nível ou numa altitude inferior à de outro) (FERREIRA, 2010. 5, p.267).	Cardino	Composto

17	Serra	Serrinha de Cima	Português	Latim	<i>Serra</i> - [do latim <i>serra</i> .] cadeira de montanhas com muitos picos e quebrados. FERREIRA,2010.5ed.p.1921). <i>Cima</i> – [do grego <i>kyaema</i> , pelo latim <i>cyma</i> .] substantivo feminino. a parte mais elevada. <i>Cume, cimo, cimeira, topo</i> . [Pl.: cimas.] (FERREIRA, 2010, p. 497).	Cardino	Composto
18	Serra	Serrinha	Português	Latim	<i>Serra</i> - [do latim <i>serra</i> .] cadeira de montanhas com muitos picos e quebrados. FERREIRA,2010.5ed.p.1921)	Geomorfo	Simple
19	Serra	Negra	Português	Latim	<i>Negra</i> – (ê) [do latim <i>nigru</i> .] Adjetivo. De cor preta. Diz-se dessa cor; preto. (FERREIRA, 2010. 5, p.1460).	Cromo	Simple
20	Serra	Buritirana	Português	Tupi	<i>Buriti</i> - Espécie de palmeira (Mauritia vinífera Mart.); buritizeiro. C1631 C. LISBOA HIST. Anim. E Árv. Do Maranhão fl. 182v.: Morety he outro modo de palma muito comprida e no alto tem uma roda que faz com que a folhada dê cachos de cocos muito grandes do tamanho de maracotons redondos a cor da fruta de alinhada [,] a fruta e come. (CUNHA 1999, p.75)	Fito	Simple
21	Serra	do Apertado da Hora	Português	Latim	<i>Apertado</i> – que se deixou sem espaço, do latim <i>tardio appectoráre</i> (HOUAISS, 2009) <i>Hora</i> - do grego. <i>hōra</i> , as 'qualquer divisão de tempo; duração; idade etc.', pelo lat. <i>hōra</i> , ae 'hora, (pl.) relógio, tempo, duração, estação' (HOUAISS, 2009)	Dirremato	Composto
22	Serra	da Estiva	Português	Latim	<i>Estiva</i> - armação do tabuleiro duma ponte de madeira/ <i>estiba</i> XV/ do italiano <i>stiva</i> // <i>estivador</i> 1858// <i>estivar</i> XVI. Do italiano <i>stivare</i> , deriv. Do latim <i>stipāre</i> . (CUNHA 2010, p. 271).	Hodo	Simple
23	Serra	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - Diz-se de veado que tem grande cornos, grande galhada (galho- + - eiró) Veado de galhos ou chifres grandes. Galho (latim <i>galleu</i> 'ramo, parte que fica presa ao caule') (FERREIRA, 2010, p. 1006)	Zoo	Simple
24	Serra	do Sucuriú	Português	Tupi	<i>Sucurijuba</i> - tupi <i>sukuri'iuua</i> 'réptil ofídio da família dos boídeos', <i>çucurijuba</i> , <i>sucuriú</i> , <i>cucurijuba</i> , <i>sucuryuba</i> , <i>sucurujú</i> , <i>sucuriúba</i> , <i>sucucuiú</i> , <i>suc'ruíuba</i> , <i>cicuriju</i> , <i>sucurijú</i> , <i>sicurijú</i> , <i>sucuryú</i> , <i>sucuriju</i> (CUNHA, 1978, Pag. 266)	Zoo	Simple
25	Serra	do Santo Antônio	Português	Latim	<i>Santo</i> - do latim <i>sanctus</i> , <i>a</i> , <i>um</i> , de <i>sancio</i> , sXIII <i>santo</i> , sXIII <i>sanctos</i> , 1391 <i>sante</i> , sXIV <i>sãcto</i> , sXIV <i>ssãtas</i> . (HOUAISS, 2007). <i>Antônio</i> - (a origem do antropônimo latino é obscura) (MACHADO, 2003) - <i>Antônio</i> (A forma italiana provém do latim	Hagio	Composto

					Antonius, que na antiga Roma pertencia a uma gens, de que Marco António (83-30 a.C) foi o mais famoso membro (MACHADO, 2003)		
26	Serra	Grande	Português	Latim	<i>Grande</i> – [do latim <i>grande</i> .] Adjetivo. De tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acima do normal. Comprido, longo. Crescido, desenvolvido, taludo. (FERREIRA, 2010. 5, p.1048).	Dimensio	Simple
27	Serra	do Lodovico	Português	Germânico	<i>Lodovico</i> - do germânico <i>hlod, hlut</i> , ilustre, afamado, e <i>wig</i> , batalha, guerra, segundo uns, e santuário, segundo outros. Latinizada em <i>Ludovicus</i> , donde afinal vem diretamente esta forma erudita de <i>Luís</i> (NASCENTES, 1955, p. 179)	Antropo	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 13: Gerais de Balsas - Feira Nova

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do Sapé	Português	Tupi	<i>Sapé</i> - variação: <i>sapee, sape, saper, sapê, sápe, sapé, jeçapé</i> [< T. <i>iasa'pe</i> , palha carga = Yaçapê]. (CUNHA, 1999, P. 258). Nome de muitas povoações do Brasil; de sapé, planta da família das poáceas, com que se cobrem choupanas. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 103).	Fito	Simple
2	Morro	Redondo	Português	Latim	<i>Redondo</i> - igual ou semelhante a um círculo (mesa redonda); CIRCULAR ; do latim <i>rotundus, a, um</i> . (AULETE DIGITAL).	Morfo	Simple
3	Serra	da Mocha	Português	Origem incerta	<i>Mocha</i> – Substantivo feminino de mocho; do verbo mochar. <i>Mocho</i> - De origem incerta ; substantivo masculino. 2.Diz-se do animal mutilado, ou a que falta algum membro. <i>Mochar</i> - [de mocho +ar] 1. Tornar mocho; cortar um membro. 2.Enganar lograr, burlar. 3. Esconder, ocultar. 4.Deixar de cumprir a promessa ou a palavra. (FERREIRA, 2010, p.1408).	Zoo	Simple
4	Serra	da Cabeceira	Português	Latim	<i>Cabeceira</i> - Lugar onde nasce um rio; NASCENTE . cabeça + -eira. Cabeça, parte superior do corpo humano e superior ou anterior do corpo de outros animais vertebrados, e que contém o cérebro e os órgãos da visão, audição, olfato e paladar. Do latim vulgar <i>capitia</i> . (AULETE DIGITAL).	Hidro	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 14: Gerais de Balsas - Riachão

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	Canto do Buriti	Português	Latim - Tupi	<i>Canto</i> – Do grego <i>kanthós</i> , pelo latim <i>canthu</i> . Lugar retirado, afastado; recanto, cantinho. (FERREIRA, 2010, p. 415). <i>Canto</i> – Substantivo masculino ‘ângulo, aresta’ ‘esquina’ XIII. Do latim <i>cantus</i> , talvez de origem céltica. (CUNHA, 2010, p. 122). <i>Buriti</i> – Substantivo masculino. Variação: 6 <i>morety</i> , <i>moritim</i> , <i>morutim</i> , <i>mority</i> , <i>murity</i> , 7 <i>marotim</i> , 8 <i>muriti</i> , <i>murity</i> , <i>muryti</i> , 8-9 <i>miriti</i> , <i>mirity</i> ; B. 7-9 <i>buriti</i> , 7 <i>brutí</i> , 8 <i>brutíz</i> , <i>burety</i> , <i>bority</i> , 8-9 <i>burity</i> [< Tupi * <i>m'iri'ti</i>]. Espécie de palmeira (<i>Mauritia</i> vinífera Mart.); buritizeiro. (CUNHA, 1999, p. 75).	Socio	Composto
2	Morro	da Serrinha	Português	Latim	<i>Serrinha</i> – [serra + -inha.] [Do latim <i>serra</i> .] Substantivo feminino. Instrumento cortante, que tem com peça principal uma lâmina ou um disco dentado de aço. A própria lâmina ou disco cortante do dito instrumento ou ferramenta. Figurado. Cadeira de montanhas com muitos picos e quebrados. (FERREIRA, 2010.5ed.p.1921)	Geomorfo	Simples
3	Morro	Pico Fino	Português	Latim - Latim	<i>Pico</i> – do latim <i>picos</i> , população da Méotida. No vocábulo. Topônimo Braga Monchique Montemo-o-Novo; ilha da Madeira; na Galiza: Lugo; no Brasil: Piauí. Pl. do singular masculino <i>pico</i> . (MACHADO, 2003. 3, p. 1373). <i>Fino</i> – [do latim medieval <i>finu</i>] Adjetivo. Que não é grosso; delgado. Aguçado, afiado. (FERREIRA, 2010. 5, p.948).	Geomorfo	Composto
4	Morro	da Aldeia	Português	Árabe	<i>Aldeia</i> - do árabe <i>addaya</i> , com epêntese de l por analogia com a forma intacta do artigo. (NASCENTES, 1955, p. 16).	Polio	Simples
5	Morro	do Salto	Português	Latim	<i>Salto</i> – [do latim <i>salto</i> .] Substantivo masculino. Movimento rápido com elevação, acima de uma superfície por efeito de queda ou reflexão. V. queda-d'água. (FERREIRA, 2010. 5, p.1881).	Hidro	Simples
6	Morro	da Foice	Português	Latim	<i>Foice</i> – [Variação de <i>fouce</i> < latim <i>falce</i> .] Substantivo feminino. Instrumento curvo para ceifar. Anat. Formação com aspcto que lembra a foice. (FERREIRA, 2010. 5, p.962).	Ergo	Simples
7	Morro	do Pombinho	Português	Latim	<i>Pombinho</i> – latim <i>palumbus</i> [de pomba + -inho.] Substantivo feminino. Carne em redor da cauda e das nádegas das reses. Brasil. Substantivo popular. As partes	Zoo	Simples

					<p>pudendas da mulher; pomba. Botânico. Fruta-de-pomba. (FERREIRA,2010.5ed.p.1671)</p>		
8	Morro	do Fogo	Português	Latim	<p><i>Fogo</i> – (ô) [do latim <i>focu.</i>] Substantivo masculino. Desenvolvimento simultâneo de calor e luz, que é produto da combustão de matérias inflamáveis, como, por exemplo, a medeira, o carvão, o gás [Singular: lume]. Chama, labareda. (FERREIRA,2010.5ed.p.961)</p>	Ígneo	Simple
9	Morro	Solteiro	Português	Latim	<p><i>Solteiro</i> – [de só] adjetivo. 2g. ‘desacompanhado, solitário’ ‘único’ <i>soo</i> xiii, <i>solo</i> xvi, <i>ssoo</i> xv Do latim <i>solus</i>. (CUNHA, 2010. 4, p.600).</p>	Não classificado	Simple
10	Serra	dos Poldros	Português	Latim	<p><i>Poldro</i> – Substantivo masculino ‘<i>potro</i>’ xii. Do latim vulgar *<i>pulliter</i> –tri. – Pole elemento composto, derivado do grego <i>pólis</i> ‘cidade’, que se documenta em vocábulos eruditos, quase todos formados no próprio grego, como acrópole, metrópole, necrópole etc. (CUNHA, 2010. 4, p.507).</p>	Zoo	Simple
11	Serra	do Solteiro	Português	Latim	<p><i>Solteiro</i> – [de Só] adjetivo. 2g. ‘desacompanhado, solitário’ ‘único’ <i>soo</i> xiii, <i>solo</i> xvi, <i>ssoo</i> xv Do latim <i>solus</i>. (CUNHA, 2010. 4, p.600).</p>	Não classificado	Simple
12	Serra	da Solta	Português	Latim	<p><i>Solta</i> – (ô) [derivado de soltar] Substantivo feminino. Ato ou efeito de soltar(-se). Peia para cavalgadura. Brasil. Pastagem onde o gado se recupera. Brasil. Manteça de gado na engorda. (FERREIRA,2010.5ed.p.1958).</p>	Ergo	Simple
13	Serra	do Marco	Português	Latim	<p><i>Marco</i> - do antropônimo latino <i>Marcu</i>, ver Marcos de que era equivalente em português antigo. (MACHADO, 2003, vol. I, p. 945). Marcos de que era equivalente em português antigo, século XIII: “Don Marco, ueij eu muyto queixar / Don Esteuan de uos”, Roy Queimado, no C.B.N., N° [1340]. (MACHADO, 2003, vol. I, p. 945).</p>	Antropo	Simple
14	Serra	do Felipe	Português	Grego	<p><i>Felipe</i> - Modernamente do francês <i>Philippe</i> ou daqui pelo espanhol. Este vocábulo tem origem no grego <i>Philippos</i> (“que gosta de cavalos”), tendo passado pelo latim <i>Philippu-</i>, donde diretamente, o português Filipo (ou Felipo), no século XV [...]. (MACHADO, 2003, vol. II, p. 643).</p>	Antropo	Simple
15	Serra	do Luís Silva	Português	Francês - Português	<p><i>Luiz</i> – Do francês <i>Louis</i> ou do ant. espanhol <i>Lois</i>, derivado do germânico/; “guerreiro (wig) célebre, famoso 9ld).”. Alemão <i>Ludwig</i>, franco Chlodowech. Inglês Lewis, Lewes, espanhol Luis, rei de França, e, nos tempos modernos, por S. Luis Gonzaga. <i>Silva</i> – Sobrenome português geogr. latim <i>silva</i>: “selva, floresta”, e nome de várias plantas. – “É uma das famílias mais ilustres de Espanha; tem seu solar na</p>	Antropo	Composto

					Torre de Sylva, junto ao rio Minho. Procedem de D. Payo Guterre o da Sylva, que foi adiantado de Portugal em tempo de el-rei D. Afonso I...” (Vilas Boas e Sampaio). (GUÉRIOS,1973.2ed.p.198)		
16	Serra	da Harmônica	Português	Inglês	<i>Harmônica</i> – [do inglês harmônica, ‘instrumento musical inventado na Alemanha e aperfeiçoado por Benjamim Frankin (1975-1970)’.] Substantivo feminino. Instrumento musical: caixa de ressonância provida de lâminas de vidro de comprimento desigual que são vibradas com uma baqueta. (FERREIRA,2010. 5ed.p 1073)	Ergo	Simple
17	Serra	do Timbó	Português	Tupi	<i>Timbó</i> - var.: <i>timbo, timbó, tibo, timbô, timbom, tymbó</i> [ti' mo]. Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é toxica para peixes e, por isso, usada para pescar; tingui; variedade de cipó, cipó-timbó. (CUNHA, 1999, p. 291).	Fito	Simple
18	Serra	das Piranhas	Português	Tupi	<i>Piranha</i> - var.: <i>piranha, piranha</i> [< pi' rãia < pi'ra 'peixe' + 'ãia 'dente' ~ VLB II. 129: Tisoura = Piranha. 1, Piraya]. Nome comum a vários peixes da família dos caracádeos, extremamente vorazes. (CUNHA, 1999, p. 239).	Zoo	Simple
19	Serra	do Brejão	Português	Origem controv.	<i>Brejão</i> – [de brejo + -ão.] Substantivo masculino. Brasil. Brejal. Brejo, [De origem controversa.] Substantivo masculino. Veja pântano. Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; urzal. Por extenso Lugar úmido, frio e ventoso. (FERREIRA,2010.5ed.p.348)	Hidro	Simple
20	Serra	Serrinha	Português	Latim	<i>Serrinha</i> – [serra + -inha.] [do latim <i>serra</i> .] Substantivo feminino. Instrumento cortante, que tem com peça principal uma lâmina ou um disco dentado de aço. A própria lâmina ou disco cortante do dito instrumento ou ferramenta. Figurado. Cadeira de montanhas com muitos picos e quebrados. (FERREIRA,2010.5ed.p.1921)	Geomorfo	Simple
21	Serra	do Gado Bravo	Português	Germânico	<i>Gado</i> - do espanhol <i>ganado, ganhado</i> , de origem germânica , em época anterior ao desaparecimento do n intervocálico. (NASCENTES,1995 p.231). <i>Bravo</i> - 'corajoso, valente, intrépido' 'feroz, selvagem'. (CUNHA, 2010, p. 101)	Zoo	Composto
22	Serra	Grande	Português	Latim	<i>Grande</i> - [do latim <i>grande</i>]. De tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acimado normal. Grande, comprido. (FERREIRA, 2010, p. 1048).	Dimensio	Simple

23	Serra	do Manoel Alves Grande	Português	Hebraico – Português - Latim	<i>Manoel</i> - F. aferesada de Emanuel. (GUÉRIOS, 1973, p. 151). <i>Emanuel</i> - hebraico : "Deus (El) conosco (<i>emmanu</i> ou <i>imanu</i>)". - É o n. do Messias (Isaias 7: 14; Mt 1: 23). (GUÉRIOS, 1973, p. 100). <i>Alves</i> - Sobrenome português ., abrev. do patron. <i>Álvares</i> . (GUÉRIOS, 1973, p. 52). <i>Alvares</i> - Sobrenome. Patronímico de A'lvaro, q. v. Do latim <i>Alvaroi</i> . (NASCENTES, 1952, p. 13). <i>Grande</i> - [do latim <i>grande</i>]. De tamanho, volume, intensidade, valor, etc., acimado normal. Grande, comprido. (FERREIRA, 2010, p. 1048).	Antropo	Composto
24	Serra	do Ludovico	Português	Germânico	<i>Ludovico</i> - it. <i>Ludovico</i> , <i>Lodovico</i> , do germ. V. <i>Luís</i> . Latiniz. <i>Ludovicus</i> . Al. <i>Ludwig</i> . (GUÉRIOS, 1973, p. 148).	Antropo	Simples
25	Vão	do Galo	Português	Latim	<i>Galo</i> - [do latim <i>gallu</i>]. Ave galinácea, de crsta carnuda a asas curtas e largas; o macho da galinha. (FERREIRA, 2010, p. 1007).	Zoo	Simples
26	Vão	do Salto	Português	Latim	<i>Salto</i> – [do latim <i>salu</i> .] Substantivo masculino. Movimento rápido com elevação, acima de uma superfície por efeito de queda ou reflexão. V. queda-d'água. (FERREIRA, 2010, 5, p.1881).	Hidro	Simples
27	Vão	da Extrema	Português	Latim	<i>Extrema</i> - [do latim <i>extremu</i>]. Que está no ponto mais afastado: remoto, distante, longínquo. Que atingiu seu grau máximo. (FERREIRA, 2010, p. 906).	Cardino	Simples
28	Vão	da Fortaleza	Português	Latim	<i>Fortaleza</i> - [Do occitano ant. <i>fortalessa</i> , <i>fortaleza</i> , correspondente do fr. <i>fortesse</i> , ambos do latim <i>fortis</i> , 'forte']. fortificação, praça fortificada; forte; castelo. (FERREIRA, 2010, p. 974).	Eco	Simples
29	Vão	do Coqueiro	Português	Origem controv.	<i>Coqueiro</i> – de coco + -eiro “designação comum a todas as palmeiras que produzem fruto comestível ou de largo emprego industrial”. (FERREIRA, 2010, p. 582). <i>Coco</i> – designação comum a várias espécies de palmeiras e aos seus frutos. De origem controversa ; fruto do coqueiro (CUNHA, 2010, p. 159)	Fito	Simples
30	Vão	do Riacho	Português	Latim	<i>Riacho</i> - [do esp. <i>riacho</i> .] Substantivo masculino. Rio pequeno, mais volumoso que o regato (q.v.), e menos que a ribeira (q.v). (FERREIRA,2010, p. 1842).	Hidro	Simples

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 15: Gerais de Balsas - Tasso Fragoso

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	do Olho d'Águinha	Português	Latim	<i>Olho</i> - do latim <i>oculu</i> ; esp. ojo, it. occhio, fr. Ceil. O <i>Aprendix Probi</i> dá forma sincopada <i>oclu</i> (n. 111) e o <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> , X, 7756 (NASCENTES 1955, p.362). <i>Água</i> - Subst. Água+ sufixo <i>inha-</i> do latim <i>aqua</i> ; esp. água, it. acqua, fr. eau. (NASCENTES 1955, p. 12).	Hidro	Composto
2	Morro	do Garrafão	Português	Árabe	<i>Garrafão</i> - garrafa- do árabe <i>garrafa</i> , frasco bojudo, vocábulo usado na língua vulgar do Magreb (Lokotsch). V. G. Viana, <i>Apost.</i> I, 499. (NASCENTES 1955, p. 236).	Ergo	Simple
3	Morro	do Bode	Português	Origem incerta	<i>Bode</i> – [de origem incerta]. O macho da cabra; Caprino em geral. (FERREIRA, 2010, p. 328). <i>Bode</i> – O espanhol tem <i>bode</i> . O francês <i>bouc</i> e o catalão <i>boc</i> vêm do franco <i>buk</i> (M. Lübke, REW, 1378, Diez, Gram., I, 50). (NASCENTES 1955, p. 73).	Zoo	Simple
4	Morro	do Chupé	Português	Tupi	<i>Chupé</i> - Mesmo que <i>irapuã</i> (<i>Trigona spinipes</i>). Tupi <i>gwaxu'pe</i> 'abelha comum da fam. dos meliponídeos'; cp. <i>Axupé</i> . (HOUAISS, 2007).	Zoo	Simple
5	Serra	do Penitente	Português	Latim	<i>Penitente</i> - do latim <i>poenitente</i> , que se arrepende. (NASCENTES 1955, P. 389). <i>Penitente</i> – [do latim <i>poenitens</i>]. Pessoa que se arrepende. Pessoa que faz penitência ou confissão dos pecados. Pessoa que acompanha procissões como penitente. (FERREIRA, 2010, p. 1603).	Animo disfórico	Simple
6	Serra	do Cajueiro	Português	Tupi	<i>Cajueiro</i> – variação <i>acajueiro</i> , <i>cajueiro</i> , <i>cajoeiro</i> , <i>cajùeiro</i> , [<i>caju</i> + <i>-eiro</i>] (CUNHA, 1999, p. 88). <i>Cajueiro</i> – [de <i>caju</i> + <i>-eiro</i>]. Árvore anacardiácea (<i>Anacardium occidentale</i>) de folhas grandes, coriáceas, obovadas ou oblongas, flores minutas, reunidas em amplas inflorescências bastante frouxas, e muito cultivada para obtenção do fruto, chamado vulgarmente castanha, uma noz que contém um óleo muito cáustico e uma amêndoa que torrada, é apreciadíssima por seu sabor. (FERREIRA, 2010, p.387).	Fito	Simple
7	Serra	Cabeceira do Malhado	Português	Latim - Latim	<i>Cabeceira</i> – [de <i>cabeça</i> + <i>-eira</i>]. Lugar onde nasce um rio ou riacho. Do latim vulgar <i>capitia</i> (clássico, <i>caput</i>) (FERREIRA, 2010, p. 369). <i>Malhada</i> - <i>Malha</i> - <i>magalia</i> (habitação rústica) + (-)ada -> - <i>átu</i> (derivado de substantivo): local em que se junta o gado para ser trabalhado. <i>Malhada</i> - de <i>malha</i> e sufixo da (A. Coelho, M. Lübke, REW, 5223). (...) tira do latim <i>magaliata</i> . (NASCENTES 1955, p. 312).	Hidro	Composto

8	Vão	do Coco	Português	Origem controversa	<i>Coco</i> - orig. papão ext. Designação comum a várias espécies de palmeiras aos seus frutos XVI. De origem controversa ; o fruto do coqueiro foi assim denominado pelos portugueses em razão da sua semelhança com as figuras de cabeças com que se assustavam as crianças (os papões). (CUNHA 2010, p. 159).	Fito	Simple
9	Vão	do Fundo	Português	Latim	<i>Fundo</i> - do latim fundu , base, chão; esp. fondo, no deuce a fondo: (Livro de Linguagem apud Nunes Crest. Arc., 57). M. Lübke, REW, 3585, tira do mesmo latim fundu. Cornu, Port. Spr., § 108, vê uma aférese de profundo por sentir-se um superlativo no prefixo (muito fundo). Esp. hondo, it. fondo. (NASCENTES 1955, p. 229)	Dimensio	Simple
10	Vão	da Taipoca	Português	Tupi	<i>Taipoca</i> - do tupi - ipê (nome comum de diversas plantas das bignoniáceas e das leguminosas, que fornecem madeiras de cerne avermelhado e veios escuros muito ornamentais). (CUNHA, 2010, p. 365).	Fito	Simple
11	Morro	do Elefante	Português	Latim	<i>Elefante</i> – do grego - <i>eléphas, antos</i> 'elefante; marfim', pelo lat. <i>elephás, antis</i> ou <i>elephantus, í</i> ; design. comum aos grandes mamíferos proboscídeos, da fam. dos elefantídeos, com até 7,5 ton., dotados de uma longa tromba flexível, que representa um prolongamento do nariz, orelhas grandes, largas e achatadas (HOUAISS, 2009).	Zoo	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 16: Porto Franco - Carolina

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	Mãozinha	Português	Latim	<i>Mãozinha</i> - [Mão + -inha]. <i>Mão</i> – Parte do corpo, na extremidade do braço, e que serve para o tato e para apreensão dos objetos. Do latim manus, us . (CUNHA, 2010, p. 408).	Somato	Simple
2	Morro	do Espia	Português	Italiano	<i>Espia</i> – Pessoa que às escondidas observa ou espreita as ações de alguém. Do italiano spi , de origem germânica. (CUNHA, 2010, p.265).	Animo Eufórico	Simple
3	Morro	Santa Teresa	Português	Latim-Grego	<i>Santa</i> – [do latim sanctu] estabelecido segundo lei; que se tornou sagrado. (FERREIRA, 2010, p.1888). <i>Santa - santo-</i> do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; espanhol, italiano <i>santo</i> , fr. <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457).	Hagio	Composto

					<i>Teresa</i> - do grego <i>Theresía, Therasía</i> 'nascida na ilha de Thera, hoje Santorim; 'a caçadora'. Latim <i>Therasia</i> ; port. arc. <i>Tereja</i> (GUÉRIOS, 1973, p.206)		
4	Morro	Caraíbas	Tupi	Tupi	<i>Caraíba</i> - do tupi <i>kara'íwa</i> 'indivíduo dos caraíbas, povo indígena (FERREIRA, 2010, p. 425) <i>Caraíba</i> – substantivo masculino. Variação: 5, 7-8 <i>caraiaba</i> , 6 <i>caraiaba</i> , <i>carayba</i> [< Tupi <i>kara''iua</i> .] Santidade, feiticeiro indígena; o homem branco, o europeu. (CUNHA, 1999. 5, p.102).	Etno	Simple
5	Morro	da Cabeceira	Português	Latim	<i>Cabeceira</i> - [de <i>cabeça</i> + <i>-eira</i> .] do latim <i>capitia</i> . Substantivo feminino. Lugar onde nasce um rio ou riacho; nascente. Brasil. MT Lugar coberto de buritis, em que há uma nascente. (FERREIRA, 2010. p.369).	Hidro	Simple
6	Morro	Castelo	Português	Latim	<i>Castelo</i> - do latim <i>castellum</i> , séc. XIII 'residência senhorial ou real fortificada; praça forte' (CUNHA, 2010, p. 134).	Eco	Simple
7	Morro	do Balaio	Português	Latim	<i>Balaio</i> – tipo de cesto de palha -layo XVI Do latim , francês <i>balai</i> , de origem <i>gaulesa</i> . (CUNHA, 2010, p. 77).	Ergo	Simple
8	Morro	Fino	Português	Latim	<i>Fino</i> – [do latim medieval <i>finu</i>] que não é grosso; delgado. Aguçado, afiado. (FERREIRA, 2010. 5, p.948).	Dimensio	Simple
9	Morro	da Bota	Português	Francês	<i>Bota</i> – [do francês <i>botte</i>]. Calçado de couro ou borracha que envolve o pé, a perna e, àsvezes, a coxa. (FERREIRA, 2010, p. 341).	Ergo	Simple
10	Morro	do Chapéu de Sol	Português-Português	Francês-Latim	<i>Chapéu</i> – peça destinada a cobrir a cabeça, peeo XV. Do francês <i>chapel</i> (hoje chapéu), derivado do latim popular <i>*cappelus</i> , dim. de <i>coppa</i> . (CUNHA, 2010, p. 145). <i>Sol</i> – centro do sistema planetário em torno do qual giram a Terra e os demais planetas, estrela que o centro de um sistema planetário XIII. Do latim <i>sol solis</i> . (CUNHA, 2010, p. 603).	Ergo	Composto
11	Morro	Solteiro	Português	Latim	<i>Solteiro</i> – [De <i>Só</i>] adjetivo. 2g. desacompanhado, solitário "único" soo xiii, solo xvi, ssoo xv Do latim <i>solus</i> . (CUNHA, 2010, p. 600).	Não Classificado	Simple

12	Morro	Dois irmãos	Português-Português	Latim-Latim	<i>Dois</i> – número 2, II, dous XIII; duas número XIII. Do latim <i>duo, duae</i> . [...] (CUNHA, 2010, p. 227). <i>Irmãos</i> - filho dos mesmos pais ou de um deles apenas membro de confraria, XIII, ermano XIII etc. Do latim <i>germanus</i> . (CUNHA, 2010, p. 366)	Numero	Composto
13	Morro	do Guará	Tupi	Tupi	<i>Guará</i> - do tupi <i>gwa'ra</i> (ave da família dos tresquiornitídeos). Variantes: <i>goará, guarâ, guará, guarazes, guarases, guoara, goarà, goarazes, guarara, gará</i> (CUNHA, 1978, p. 138).	Zoo	Simples
14	Morro	Novato	Português	Latim	<i>Novato</i> – <i>novo</i> , moço, jovem, original, de pouco uso. XIII. Do latim <i>novus</i> –a (CUNHA, 2010, p. 453). 1091).	Crono	Simples
15	Morro	do Moço	Português	Origem incerta	<i>Moço</i> – jovem, novo em idade, mancebo XIII. De origem incerta . (CUNHA, 2010, p.431)	Crono	Simples
16	Morro	do Mulungu	Português	Indeterminado	<i>Mulungu</i> – certa planta leguminosa, certo instrumento musical africano 1890. De origem africana, mas de étimo indeterminado . (CUNHA, 2010, p. 441).	Fito	Simples
17	Morro	Buritirana	Tupi	Tupi	<i>Buriti</i> – [buriti + rana]. espécie de palmeira (<i>Mauritia vinífera</i> Mart.) Morety c 1631, moritim a 1667 etc.; buriti 1734, bruti 1792 etc. Do tupi <i>*miri'ti</i> . (CUNHA, 2010, p. 105).	Fito	Simples
18	Morro	Castanha	Português	Origem asiática	<i>Castanha</i> - do grego <i>kástanon</i> pelo latim <i>castanea</i> ; esp. <i>castña</i> , it. <i>castagna</i> , fr. <i>Châtaigne</i> . proveniente da cidade de Castana, na Tessália (Moreau, 138), efr. Avelã, cereja, pêssogo, etc. Boisacq dá o grego como de origem asiática , cfr. O armênio <i>Kask</i> . (NASCENTES 1955, p. 102)	Fito	Simples
19	Morro	Pelado	Português	Latim	<i>Pelado</i> – [part. de pelar]. A que tiraram o pelo. Que não tem pelo. Calvo, careca. A que se tirou a pele; esfolado. A que se tirou a casca. Nu, desnudo, despido. (FERREIRA, 2010, p. 1597). <i>Pelado</i> – pelo. Do latim <i>pilus</i> , -i, derivado do grego <i>pilos</i> . (CUNHA, 2010, p. 485).	Animo Disfórico	Simples
20	Morro	do Caititu	Tupi	Tupi	<i>Caititu</i> - Do tupi . Mamífero artiodácito, taiacudeo (<i>Tayassu tajacu</i>), da região cisandina da América do Sul. Variação: <i>caitatu, caititu, taititu</i> . Sinônimo: <i>cateto, tateto, pecari</i> , e impropriamente <i>porco-do-mato</i> . (FERREIRA, 2010, p.	Zoo	Simples

					385). Porco do mato da família dos <i>taiacuídeos</i> ; <i>taiacetu</i> 1610, <i>tahitetu</i> 1618, <i>cahetatu</i> 1730 <i>caitetú</i> 1789 etc. Do tupi <i>taité'tu</i> . Ver <i>taiacu</i> (CUNHA, 2010, p. 113).		
21	Morro	do Sítio Novo	Português-Português	Latim-Latim	<i>Sítio</i> - localidade, povoação. Estabelecimento agrícola, de pequena lavoura. Fazendola. Moradia rural, ou chácara nas imediações da cidade. (FERREIRA, 2010, p. 1945). <i>Sítio</i> - de <i>sitiar</i> (A. Coelho, M. Lübke, REW, 7782). No sentido de Lugar, Figueiredo deriva do latim <i>situ</i> , situação. (NASCENTES, 1955, p. 474). <i>Novo</i> - do latim <i>novus</i> - a, / <i>inovação/innovação</i> XV, <i>emnouaçam</i> XV, inovador 1813. (CUNHA 2010, p. 453).	Socio	Composto
22	Morro	de Baixa de Palha	Português-Português	Latim-Latim	<i>Baixa</i> - de baixo. Pouco elevado, a parte inferior XVIII. Do latim <i>bassus</i> (do séc. VIII). (CUNHA 2010, p. 76). <i>Palha</i> - haste seca das gramíneas, despojada dos grãos e utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos (XIII <i>palla</i> , do <i>latim</i> <i>palea</i> -ae (CUNHA, 2010, p. 471)	Geomorfo	Composto
23	Morro	dos Morcegos	Português	Latim	<i>Morcego</i> – designação geral dos mamíferos quirópteros, cujos membros anteriores são transformados em asas pela presença do patágio, <i>mur</i> - XV. Do antigo português <i>mur</i> (século XIII) rato, derivado do latim <i>mus muris</i> , e cego (v. cegar). (CUNHA, 2010, p. 436).	Zoo	Simple
24	Morro	da Sambereba	Português	Tupi	<i>Sambereba</i> - s. f. (Bras., Norte) o mesmo que <i>se, bereba ou jacuba</i> (q. v.) <i>Jacuba</i> - De origem duvidosa, talvez do tupi <i>jecu'acuba</i> . Bebida ou pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar, às vezes temperado com cachaça; CHIBÉ; GARAPA; SEBEREBA; TIQUARA. (AULETE ONLINE). <i>Jacuba</i> – Refresco ou pirão feito com água, farinha de mandioca, e açúcar ou mel, e por vezes temperado com cachaça. Variantes [Singular, no AM, chibé; np PA e MA, tiquara, chibé; em PE, gonguinha; em vários estados do NE., sereba.] Brasil. PE AL V. <i>jucupemba</i> . (FERREIRA, 2010, p.1200).	Ergo	Simple
25	Morro	do Brejão	Português	Origem controversa	<i>Brejão</i> – [de brejo + -ão.]. Brejal. Brejo, [de origem controversa .] Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; <i>urzal</i> . Por extenso Lugar úmido, frio e ventoso. (FERREIRA, 2010. 5, p.348).	Hidro	Simple

26	Morro	dos Cavalos	Português	Latim	<i>Cavalos</i> - do latim <i>caballu</i> , mau cavalo, derivado de uma língua do nordeste da Europa (Walde); <i>esp. caballo, italiano cavalo, francês cheval</i> . (NASCENTES 1955, p. 105).	Zoo	Simple
27	Morro	da Baleia	Português	Latim	<i>Baleia</i> – designação comum às espécies de mamíferos cetáceos, marinho, da família dos balenopterídeos, balea XIII. Do latim <i>balaena</i> ou <i>ballena</i> . (CUNHA, 2010, p. 77).	Zoo	Simple
28	Morro	do Martins	Português	Latim	<i>Martins</i> – sobrenome português em vez de Martinz, patron, de Martim ou Martino. Do latim <i>Martinici</i> . – “A rainha Dona Caterina, governando este Reino, na menoridade de el-rei D. Sebastião, as deu [as armas] a Diogo Martinez, ano de 1560”. (GUÉRIOS, 1973, p. 154).	Antropo	Simple
29	Morro	do Manuel	Português	Hebraico	<i>Manoel</i> - F. aferesada de Emanuel. (GUÉRIOS, 1973, p. 151). <i>Emanuel</i> - hebraico : "Deus (El) conosco (emmanu ou imanu)". - É o n. do Messias (Isaias 7: 14; Mt 1: 23). (GUÉRIOS, 1973, p. 100).	Antropo	Simple
30	Morro	Redondo	Português	Latim	<i>Redondo</i> - do latim <i>retundo</i> > rotundo 'que tem forma de círculo; circular' (FERREIRA, 2010, p. 1798)	Morfo	Simple
31	Morro	Cabeceira Grande	Português-Português	Latim-Latim	<i>Cabeceira</i> - [de cabeça + -eira.] do latim <i>capitia</i> . Substantivo feminino. Lugar onde nasce um rio ou riacho; nascente. Brasil. MT Lugar coberto de buritis, em que há uma nascente. (FERREIRA, 2010, p.369). Grande - vasto, comprido, desmedido, numeroso XIII. Do latim <i>grandis</i> . (CUNHA 2010, p. 322).	Hidro	Composto
32	Morro	do Tamanduá	Tupi	Tupi	<i>Tamanduá</i> – mamífero desdentado da família dos mirmecofagídeos, tamendoá 1576, tamedoá 1576, tamanduá c 1584 etc. Do tupi tamanu“a. (CUNHA, 2010, p. 620).	Zoo	Simple
33	Morro	do Alecrim	Português	Árabe	<i>Alecrim</i> - planta da família das labiadas XVI. Do árabe <i>al-iklil</i> . (CUNHA, 2010, p. 23).	Fito	Simple

34	Morro	do Buritizal	Tupi	Tupi	<i>Buritizal</i> – [do tupi]. Var.: <i>meritizaes, miritizais, mirityzaes, buritisaes, buritizal, burityzaes</i> [buriti + z + al]. Plantação de buritis, buritial, buritiral. (CUNHA, 1999, p. 76).	Fito	Simple
35	Morro	Vermelho	Português	Latim	<i>Vermelho</i> – ‘da cor do sangue’ XIII. Do latim <i>vermiculus</i> avermelhado 1500 avermelhar XVIII vermelhão -lhon XIV vermelhão -idon XV, -idoen XIV. (CUNHA, 2010. 4, p.674.).	Cromo	Simple
36	Morro	do Estreito	Português	Latim	<i>Estreito</i> - do latim <i>strictu</i> ; espanhol estrecho, italiano <i>stretto</i> , francês <i>étroit</i> . O ‘ <i>i</i> ’ deu ‘ <i>e</i> ’ e o, <i>e</i> “vocalizou-se em ‘ <i>i</i> ’ (Nunes, /gram. Hist. Port., 47, 118) (NASCENTES, 1955, p. 200).	Hidro	Simple
37	Morro	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - (galho- + - <i>eiró</i>) Galho, latim <i>galleu</i> „ramo, parte que fica presa ao caule “(FERREIRA, 2010, p. 1006). <i>Veado Galheiro</i> – designação comum aos veados de chifres ramificados. No Brasil são conhecidas três espécies: cervo, cariacu e veado-campeiro. (FERREIRA, 2010, p. 2137).	Zoo	Simple
38	Morro	Cabeceira do Sucuriú	Português-Tupi	Latim-Tupi	<i>Cabeceira</i> - [de cabeça + -eira.] do latim <i>capitia</i> . Substantivo feminino. Lugar onde nasce um rio ou riacho; nascente. Brasil. MT Lugar coberto de buritis, em que há uma nascente. (FERREIRA, 2010. 5ed. p.369) <i>Sucurijuba</i> - tupi <i>sukuri'iuua</i> 'réptil ofídio da família dos boídeos', <i>çucurijuba, sucuriú, cucurijuba, sucuryuba, sucurujú, sucuriúba, sucucuiú, suc'ruuiba, cicuriju, sucurijú, sicurijú, sucuryú, sucuriju</i> (CUNHA, 1978, Pag. 266)	Hidro	Composto
39	Morro	São João	Português-Português	Latim-Hebraico	<i>Santo</i> - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; esp., it. <i>santo</i> , fr. <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). <i>João</i> - do hebraico <i>Iehohanan, Iohanan</i> : "Javé (Ieho) é (cheio) de graças (hanan)". Ou Javé é misericordioso". Outros: "Javé deu, presenteou". Grego <i>Ioánnes</i> , latim <i>Jo(h)annes</i> , italiano <i>Giovanni</i> , espanhol <i>Juan</i> , francês <i>Jean</i> , inglês <i>John</i> , alemão <i>Johann</i> , húngaro <i>János</i> , russo <i>Iwan</i> . Com os elementos invertidos: Ananias (GUÉRIOS, 1973, p. 135)	Hagio	Composto

40	Morro	da Bacaba	Tupi	Tupi	<i>Bacaba</i> - do <i>iwa'kawa</i> (de <i>ĩ'wa</i> 'fruta' + <i>'kawa</i> 'gorda, graxa'). Variação: <i>ubacába, bacába, bacaba</i> , [< Tupi <i>iua' kawa</i>]. Espécie de palmeira (<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.); bacabeira. (CUNHA, 1999, p. 67).	Fito	Simples
41	Morro	dos Poções	Português	Latim	<i>Poções</i> – pl. e aum. de <i>Poço</i> - do latim <i>puteus</i> - <i>i</i> ; 'cavidade funda, aberta na terra, a fim de atingir o lençol aquífero mais próximo da superfície' (CUNHA, 2010, p. 506).	Ergo	Simples
42	Morro	do Alegre	Português	Latim	<i>Alegre</i> - do latim <i>álacre</i> ; italiano <i>alegro</i> , francês antigo <i>aliégre</i> . M. Lübke, REW, 307, deriva através do catalão <i>alegre</i> . (NASCENTES 1955, p. 16). <i>Alegre</i> - Adjetivo „animado, vivo “XIII Do latim vulgar <i>*alicer</i> <i>*alecris</i> , correspondente ao clássico <i>alacer alacris</i> <i>alegrar</i> XIII <i>alegrativo</i> XX <i>alegrete</i> XIII <i>alegria</i> XIII <i>alegro</i> 1858. (CUNHA, 2010.3ed. pág. 23/24).	Animo Eufórico	Simples
43	Morro	da Solta	Português	Latim	<i>Solta</i> - [derivado de <i>soltar</i> . Do latim <i>*soltu</i> < <i>*sovito</i> , por <i>soluto</i>]. Pastagem onde o gado se recupera. Manutenção do gado na engorda. (FERREIRA, 2010, p. 1958-1959).	Ergo	Simples
44	Morro	da Mutamba	Português	Quimbundo	<i>Mutamba</i> – planta da família das tiliáceas, 1881. Do quimbundo <i>mu'tama</i> , de <i>mu</i> pref. + <i>tama</i> tamarindeiro. (CUNHA, 2010, p. 443).	Fito	Simples
45	Morro	do Pico	Português	Latim	<i>Pico</i> – [derivado de <i>picar</i>]. Ponta aguda, bico. Espinho, acúleo. Cume agudo de monte; picada, picoto. (FERREIRA, 2010, p. 1631). <i>Picar</i> – vocabulário de origem expressiva, que deve remontar, provavelmente, ao latim vulgar <i>*piccare</i> , de <i>*piccus</i> , forma expressiva de <i>picus</i> . (CUNHA, 2010, p. 494).	Geomorfo	Simples

46	Morro	do Riacho de Pedra	Português	Latim-Grego	<i>Riacho - Ri-a, -acho, rio. Rio, do latim rivus, -i. Ria,</i> “braço navegável do rio “XV, „riacho “ XVI. Do Castelhana <i>riacho</i> (CUNHA, 2010, p. 565). <i>Pedra</i> – Substantivo feminino „matéria mineral, dura e sólida, da natureza das rochas “ XIII. Do latim <i>petra –ae</i> , derivado do grego <i>pétra</i> . (CUNHA, 2010. 4, p.484).	Hidro	Composto
47	Morro	dos Picos	Português	Latim	<i>Picos</i> – [derivado de <i>picar</i>]. Ponta aguda, bico. Espinho, acúleo. Cume agudo de monte; picada, picoto. (FERREIRA, 2010, p. 1631). <i>Picar</i> – vocabulário de origem expressiva, que deve remontar, provavelmente, ao latim vulgar <i>*piccare</i> , de <i>*piccus</i> , forma expressiva de <i>picus</i> . (CUNHA, 2010, p. 494).	Geomorfo	Simple
48	Morro	do Chapéu	Português	Francês	<i>Chapéu</i> – peça destinada a cobrir a cabeça, peeo XV. Do francês <i>chapel</i> (hoje chapéu), derivado do latim popular <i>*cappelus</i> , dim. de <i>coppa</i> . (CUNHA, 2010, p. 145).	Ergo	Simple
49	Morro	dos Bodes	Português	Origem incerta	<i>Bode</i> – macho da cabra „caprino em geral “ XVI. De origem incerta . (CUNHA, 2010, p. 94).	Zoo	Simple
50	Serra	Bom Tempo	Português-Português	Latim-Latim	<i>Bom</i> – [do latim <i>bonu</i> .] Adjetivo. Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função. Grande amplo. Agradável, aprazível. FERREIRA,2010. p.333). <i>Bom</i> -> <i>Boa</i> - que tem qualidades adequadas à sua natureza ou função, benévolo, bondoso, benigno. Do latim <i>bonus, bona</i> . (CUNHA 2010, p. 96). <i>Tempo</i> – a sucessão dos anos; momento ou ocasião apropriada. Do latim <i>tempus –oris</i> (CUNHA, 2010, p. 628).	Animo Eufórico	Composto

51	Serra	do Caititu	Tupi	Tupi	<i>Caititu</i> - Do tupi . Mamífero artiodácito, taitacudeo (Tayassu tajacu), da região cisandina da América do Sul. Variação: caitatu, caititu, taititu. Sinônimo: cateto, tateto, pecari, e impropriamente porco-do-mato. (FERREIRA, 2010, p. 385). Porco do mato da família dos <i>taitacudeos</i> ; <i>taitacetu</i> 1610, <i>taitetu</i> 1618, <i>cahetatu</i> 1730 <i>caitetú</i> 1789 etc. Do tupi <i>taité'tu</i> . Ver <i>taitacu</i> (CUNHA, 2010, p. 113).	Zoo	Simple
52	Serra	dos Mamões	Português	Latim	<i>Mamão</i> – [de mama + ão]. Fruto do mamoeiro, de feitio semelhante ao da mama, cor amarela e polpa espessa e succulenta; papaia. (FERREIRA, 2010, p. 1319). <i>Mama</i> - do latim <i>mamma</i> – <i>ae</i> . (CUNHA, 2010, p. 404).	Fito	Simple
53	Serra	do Castelo	Português	Latim	<i>Castelo</i> - do latim <i>castellum</i> , séc. XIII 'residência senhorial ou real fortificada; praça forte' (CUNHA, 2010, p. 134).	Eco	Simple
54	Serra	dos Porcos	Português	Latim	<i>Porco</i> – mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico, XIII. Do latim <i>porcus</i> . (CUNHA, 2010, p. 512).	Zoo	Simple
55	Serra	do Mato Seco	Português-Português	Latim-Latim	<i>Mato</i> - Mata. Terreno onde nascem árvores silvestres „bosques, selva “ XIII. Talvez do latim tard. <i>Matta</i> „esteira de junco “. (CUNHA 2010, p. 415). Seco - desprovido de umidade ou de líquido, enxuto XIII. Do latim <i>siccus</i> - <i>a- um</i> . (CUNHA 2010, p. 585).	Fito	Composto
56	Serra	da Aldeia	Português	Árabe	<i>Aldeia</i> - Do árabe <i>addaya</i> , com epêntese de <i>l</i> por analogia com a forma intacta do artigo. (NASCENTES 1955, p. 16).	Polio	Simple
57	Serra	das Instans	Tupi	Tupi	<i>Itáns</i> – [do tupi]. Cidade de Santa Catarina; de itá pedra. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 62).	Lito	Simple
58	Serra	do Frade	Português	Latim	<i>Frade</i> – nome que se dá aos religiosos de certas ordens, XIII. Do latim <i>frater</i> – <i>tris</i> . (CUNHA, 2010, p. 300).	Axio	Simple

59	Serra	do Pingo	Português	Latim	<i>Pingo</i> - [verb. Pigar]. Ant. supliciar, XV; borrifar, respingar, 1813. Do latim vulgar <i>*pendicare</i> , do latim <i>pendere</i> . (CUNHA, 2010, p. 497).	Hidro	Composto
60	Serra	do Bom Acerto	Português-Português	Latim-Latim	<i>Bom</i> - [do latim <i>bonu</i>]. Adjetivo. Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função. Grande amplo. Agradável, aprazível. FERREIRA, 2010, p.333). <i>Bom</i> - <i>Boa</i> - que tem qualidades adequadas à sua natureza ou função, benévolo, bondoso, benigno. Do latim <i>bonus, bona</i> . (CUNHA 2010, p. 96). Acerto – [derivado de acertar]. Ato ou efeito de acertar, acertamento. Sensatez, prudência, tino, sabedoria. (FERREIRA, 2010, p. 33). <i>Acertar</i> - [de certo]. Do latim <i>certus</i> . (CUNHA, 2010, p. 143).	Animo Eufórico	Composto
61	Serra	D'Anta	Português	Árabe	<i>Anta</i> - do árabe <i>Al-lam</i> + < árabe hispânico e magrebino lam. Mamífero tapirídeo (<i>Tapirus terrestris</i>), distribuídos desde a Colômbia até o Norte da Argentina. Vive nas matas, nas proximidades de rios ou lagoas, alimentando-se de frutas e folhas. Sinônimo, <i>anta-gameleira, anta-sapateira, antaxuré, batuvira, pororoca, tapiira, tapir, tapira, tapiretê</i> . (FERREIRA, 2010, p. 155). <i>Anta</i> - do árabe hisp. e afric. <i>Lamt</i> 'mamífero da família dos tapirídeos' (CUNHA, 2010, p. 43).	Zoo	Simple
62	Serra	do Tapuio	Tupi	Tupi	<i>Tapuio</i> - Tapuia. Índio, mestiço de índio. Qualquer mestiço trigueiro e de cabelos lisos e negros. (FERREIRA, 2010, p. 2006). <i>Tapuia</i> - [do tupi]. Riacho de Pernambuco; de tapuia (<i>tapyya</i>), selvagem, inculto; termo com que os Tupis denominavam as tribos bábaras. (TIBIRIÇA 1997, p. 109).	Etno	Simple
63	Serra	do Capim Branco	Tupi-Português	Tupi-germânico	<i>Capim</i> - do tupi <i>Ka'a</i> (mato, erva, planta em geral, mata) + <i>Pii</i> (fino, delgado) (CUNHA; 1978) – Branco - do germânico <i>blanck</i> (brilhante, branco, límpido) (CUNHA, 2010)	Fito	Composto

64	Serra	do Espinhaço	Português	Latim	<i>Espinhaço</i> – [de espinha + aço]. Coluna vertebral. Costas, dorso. (FERREIRA, 2010, p. 854). <i>Espinha</i> – [do latim <i>spina</i>]. Série de apófises da coluna vertebral. A coluna vertebral. (FERREIRA, 2010, p. 854).	Somato	Simple
65	Serra	do Rejeitado	Português	Latim	<i>Rejeitado</i> - [Part. De <i>enjeitar</i>]. Rejeitado, abandonado. (FERREIRA, 2010, p. 798). <i>Rejeitado</i> – [de <i>rejeitar</i>]. Repelir, lançar fora, recusar <i>rejeitar</i> XIV Do latim <i>rejectare</i> . (CUNHA, 2010, p. 554).	Animo Disfórico	Simple
66	Serra	Preta	Português	Latim	<i>Preta</i> - apelido, antiga alcunha. Do adjetivo <i>preta</i> . (MACHADO, 2003, vol. III, p. 1212). <i>Preta</i> – Preto, adj. Perto, próximo, XIII, negro XIII. Do latim <i>*prettus</i> , por <i>pressus</i> . (CUNHA, 2010, p. 520).	Cromo	Simple
67	Serra	do Enxu	Tupi	Tupi	<i>Enxu</i> – substantivo masculino, variação: 8 <i>inxú</i> , <i>ichu</i> [<i>< T.ei'su ~VLB I. 55: Bepas = Caba Suas espécies. Taturana; (...) Eyxu (...)</i>]. Variedade de vespa. (CUNHA, 1999, p. 132)	Zoo	Simple
68	Serra	do Munim	Tupi	Tupi	<i>Munim</i> - Segundo Sampaio (1955[1901], p. 251), " <i>mony, mō-ni</i> , o 'enrugado ou ondeado". Tibiriçá (1997, p.87) informa " <i>Monim</i> , rio do Maranhão; de <i>mu</i> que significa 'parente', 'aliado', e <i>ini</i> , 'rede de dormir', repouso', ou ainda 'pouso dos parentes e aliados". (CASTRO, 2012, p. 94)	Socio	Simple
69	Serra	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - (galho- + - <i>eiró</i>) Galho, latim <i>galleu</i> „ramo, parte que fica presa ao caule“ (FERREIRA, 2010, p. 1006). <i>Veado-Galheiro</i> – designação comum aos veados de chifres ramificados. No Brasil são conhecidas três espécies: cervo, cariacu e veado-campeiro. (FERREIRA, 2010, p. 2137).	Zoo	Simple
70	Serra	do São Lourenço	Português-Português	Latim-Latim	<i>São</i> - Santo - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; esp., it. <i>santo</i> , fr. <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). <i>Lourenço</i> - do latim <i>Laurentius</i> ; Italiano e espanhol <i>Lorenzo</i> , inglês <i>Lawrence</i> . (GUÉRIOS, 1973, p. 147)	Hagio	Composto
71	Serra	do Barreiro	Português	Origem pré-romana	<i>Barreiro</i> - [de <i>barro</i> + - <i>eiro</i>]. Lugar donde se extrai barro para fabricação de tijolos e telhas. (FERREIRA, 2010, p.286). <i>Barreiro</i> - [de barro]. De origem pré-romana Substantivo masculino. Argila. Constr. Substancia utilizada no	Geomorfo	Simple

					assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtidas pela mistura de argila com água. (FERREIRA, 2010, p. 287).		
72	Serra	do Canto Bom	Português-Português	Grego-Latim	<i>Canto</i> – Do grego <i>kanthós</i> , pelo latim <i>canthu</i> . Lugar retirado, afastado; <i>recanto</i> , <i>cantinho</i> . (FERREIRA, 2010, p. 415). <i>Canto</i> – Substantivo masculino ângulo, aresta “esquina” XIII. Do latim <i>cantus</i> , talvez de origem céltica. (CUNHA, 2010, p. 122). <i>Bom</i> – [do latim <i>bonu</i> .] Adjetivo. Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função. Grande amplo. Agradável, aprazível. FERREIRA, 2010. p.333). <i>Bom</i> -> <i>Boa</i> - que tem qualidades adequadas à sua natureza ou função, benévolo, bondoso, benigno. Do latim <i>bonus</i> , <i>bona</i> . (CUNHA 2010, p. 96).	Socio	Composto
73	Serra	do Caboclo	Tupi	Tupi	<i>Caboclo</i> - índio, mestiço de branco com índio, indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos/ 1781 cauoucolo 1645, cabocolo 1648 etc./ do tupi * <i>kari'uoka</i> (< kara“íua „homem branco+ oka “casa”). (CUNHA 2010, p. 108).	Etno	Simples
74	Serra	da Pedra Furada	Português-Português	Latim-Latim	<i>Pedra</i> – Substantivo feminino „matéria mineral, dura e sólida, da natureza das rochas” XIII. Do latim <i>petra</i> – <i>ae</i> , derivado do grego <i>pétra</i> . (CUNHA, 2010. 4, p.484). <i>Furada</i> – adjetivo. Furo, buraco XIII. Do latim <i>foratum</i> (CUNHA, 2010, p. 305).	Lito	Composto
75	Serra	do Pombo	Português	Latim	<i>Pombo</i> – Substantivo feminino pombo, substantivo masculino. „designação comum a todas as aves columbiformes, da família dos columbídeos” <i>poomba</i> XIII, <i>paonba</i> XIII Do latim <i>palumb</i> – <i>ae</i> . (CUNHA, 2010. 3, p.510).	Zoo	Simples
76	Serra	dos Macacos	Português	Indeterminado	<i>Macaco</i> - provavelmente de origem africana e do Congo. Lenz pensa que o vocábulo é de Madagascar. Teodoro Sampaio, o tupi na geografia nacional, 3 ^a ed. p. 255, diz ser vocábulo tomado dos galibis da Guiana; o símio, na língua desses índios, é macaca. Lokotsch, Amerikanische Wörter, 45, diz que este nome para os macacos da família Inus podia proceder do Brasil, onde em tupi makaka quer dizer macaco. (NASCENTES, 1955, p. 307). <i>Macaco</i> - Origem africana, mas de étimo indeterminado ; nome comum a todos os símios (macaco) (CUNHA, 2010, p. 596). <i>Macaco</i> - Designação comum a todas as	Zoo	Simples

					espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral (FERREIRA, 2010, p. 1298)		
77	Serra	da Mata	Português	Latim	<i>Mata</i> - Terreno onde nascem árvores silvestres, bosques, selva " XIII. Talvez do latim tard. <i>Matta</i> „esteira de junco “. (CUNHA 2010, p. 415).	Fito	Simple
78	Serra	da Vereda	Português	Latim	<i>Vereda</i> – caminho estreito, atalho. Do baixo latim <i>vereda</i> , do latim <i>veredus</i> 'cavalo de posta'. (CUNHA, 2010, p. 673).	Hodo	Simple
79	Serra	do Desprezado	Português	Latim	<i>Desprezado</i> - Part. de <i>desprezar</i> . Que desprezou. A que se deu desprezo. (FERREIRA, 2010, p. 698). <i>Desprezar</i> – [de <i>des</i> + <i>prezar</i>]. Não fazer caso de; não dá importância a; não prezar. (FERREIRA, 2010, p. 698). <i>Prezar</i> – do latim <i>pretiare</i> . (CUNHA, 2010, p. 521).	Animo Disfórico	Simple
80	Serra	dos Currais	Português	Controvertida	<i>Curral</i> – lugar onde junta e recolhe o gado, XIII. De origem controvertida . (CUNHA, 2010, p. 196).	Ergo	Simple
81	Serra	Chovedor	Português	Latim	<i>Chovedor</i> – [de <i>chover</i> + <i>dor</i>]. Do latim <i>plovere</i> . (CUNHA, 2010, p. 149). <i>Chover</i> - [do latim vulgar <i>plovere</i> < latim clássico <i>pluere</i>]. Cair água em gotas da atmosfera. (FERREIRA, 2010, p. 489).	Meteoro	Simple
82	Serra	da Mocamba	Português	Quimbundo	<i>Mocamba</i> – esconderijo, refúgio dos negros (escravos) fugidos, 1535, mocano 1541. Do quimbundo <i>mu 'kamu</i> , esconderijo". (CUNHA, 2010, p. 431).	Socio	Simple
83	Serra	da Boa Vista	Português-Português	Latim-Latim	<i>Bom</i> - Boa - que tem qualidades adequadas à sua natureza ou função, benévolo, bondoso, benigno. Do latim <i>bonus</i> , <i>bona</i> . (CUNHA 2010, p. 96). Vista - Feminino substantivo do adjetivo visto. Ato ou efeito de ver. Faculdade de ver, de perceber, a forma, a cor, o relevo das coisas materiais; visão. Órgão visual; os olhos. Aquilo que se vê. Forma substantivada do adjetivo visto. Visto - de ver. (FERREIRA, 2010, p. 2166). Ver - do latim <i>vedere</i> (FERREIRA, 2010, p. 2143). <i>ujsta</i> . (HOUAISS, 2007).	Animo Eufórico	Composto
84	Serra	dos Cajás	Tupi	Tupi	<i>Cajá</i> - do tupi <i>aka'ia</i> 'nome comum a diversas plantas'. Variantes: <i>cajá</i> , <i>caja</i> , <i>cajáses</i> , <i>caia</i> , <i>cajâ</i> , <i>cajazes</i> , <i>acayá</i> , <i>acaíá</i> , <i>acaya</i> , <i>acajá</i> (CUNHA, 1999, p. 85)	Fito	Simple

85	Serra	do Barro Alto	Português-Português	Origem pré-romana-Latim	<i>Barro</i> – [de origem pré-romana] Substantivo masculino. Argila. Constr. Substancia utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtidas pela mistura de argila com água. (FERREIRA, 2010, p. 287). <i>Alto</i> - do latim <i>altu</i> , isto é, crescido, grande. (NASCENTES 1955, p.23).	Lito	Composto
86	Serra	do Gado	Português	Latim	<i>Gado</i> – reses em geral, rebanho, armento, vara, XIV, gaado XIII, gaaado XIV etc. Do latim <i>ganatu</i> , part. de <i>ganare</i> . (CUNHA, 2010, p. 307).	Zoo	Simple
87	Serra	da Taboca	Tupi	Tupi	<i>Taboca</i> - De <i>taboca</i> , variação de canácea. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 106). Substantivo feminino. Var.: taboca, tabóca [< Tupi <i>ta'uoka</i>]. Taquara; fig. Logro, decepção. (CUNHA, 1999, p. 272).	Fito	Simple
88	Serra	do Chupador	Português	Origem Onomatopaica	<i>Chupador</i> – [de <i>chupar</i> + suf. <i>dor</i>]. Chupar, sugar, sover, 1572. De origem Onomatopaica (voc. Imitativo do ruído que produzem os lábios ao chupar). (CUNHA, 2010, p. 149).	Não Classificado	Simple
89	Serra	Grande	Português	Latim	<i>Grande</i> - vasto, comprido, desmedido, numeroso XIII. Do latim <i>grandis</i> . (CUNHA 2010, p. 322).	Dimensio	Simple
90	Serra	São Raimundo	Português-Português	Latim-Francês	<i>São</i> - Santo - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; esp., it. <i>santo</i> , fr. <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). <i>Raimundo</i> - do francês Raimond, Raymond, com as variações Reymond, Rémond, por sua vez, de origem germânica, de Raginmund, composto de ragin, “conselho e mund, “proteção”. O Regimundo de 1096 e 1098 deve ser forma pseudoculta, influenciada por <i>regi-</i> , latim, “rei”. (MACHADO, 2003, vol. III, p. 1234).	Hagio	Composto
91	Serra	das Éguas	Português	Latim	<i>Éguas</i> – fêmea do cavalo, XIII, eoga XIII, ega XIII. Do latim <i>equa-ae</i> . (CUNHA, 2010, p. 236).	Zoo	Composto
92	Serra	do Salto	Português	Latim	<i>Salto</i> - do latim <i>saltu</i> ; <i>souto</i> , lugar elevado, outeiro' (FERREIRA, 2010, p. 1881)	Hidro	Simple
93	Serra	Santo Antônio	Português-Português	Latim-Latim	<i>Santo</i> – do latim <i>sanctu</i> , tornado sagado; espanhol e italiano <i>santo</i> ; francês <i>saint</i> . (NASCENTES, I, p, 457). <i>Antonio</i> – Latim <i>Antonius</i> , grego <i>Antônio</i> . Étimo controverso. A gens Antonia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. [...] (GUÉRIOS, 1973, p. 55).	Hagio	Composto

94	Serra	Vão de Areia	Português-Português	Latim-Latim	<i>Vão</i> - do latim <i>vanu, inútil</i> ; esp., it. <i>vano</i> , fr. <i>vain</i> . (NASCENTES 1955, p. 519). <i>Areia</i> - do latim <i>arena</i> XIII; <i>area</i> XIII; 'conjunto de partículas finas, de rochas em decomposição' (CUNHA, 2010, p. 54).	Geomorfo	Composto
95	Serra	da Estiva	Português	Latim	<i>Estiva</i> - armação do tabuleiro duma ponte de madeira/ <i>estiba</i> XV/ do italiano <i>stiva</i> // <i>estivador</i> 1858// <i>estivar</i> XVI. Do italiano <i>stivare</i> , deriv. Do latim <i>stipāre</i> . (CUNHA 2010, p. 271).	Hodo	Simple
96	Serra	da Desordem	Português	Latim	<i>Desordem</i> – antônimo de ordem. De <i>ordem</i> + prefixo <i>des</i> . <i>Ordem</i> – do latim <i>ordo, ordinis</i> . (CUNHA, 2010, p. 463). <i>Desordem</i> - falta de ordem, desarranjo, desarrumo, desorganização, (FERREIRA, 2010, p. 656). Luta dos índios contra os bandeirantes (CASTRO 2012)	Historio	Simple
97	Serra	da Pedra Branca	Português - Português	Latim-Germânico	<i>Pedra</i> – Substantivo feminino „matéria mineral, dura e sólida, da natureza das rochas” XIII. Do latim <i>petra</i> – <i>ae</i> , derivado do grego <i>pétra</i> . (CUNHA, 2010, p.484). <i>Branco</i> – Adjetivo „cor da neve, do leite, etc.” XIII. Do germânico <i>blanck</i> . (CUNHA, 2010, p.100).	Lito	Composto
98	Serra	do Bonito	Português	Castelhano	<i>Bonito</i> – belo, formoso XVI. Provavelmente do castelhano bonito, de bueno. (CUNHA, 2010, p. 97).	Animo Eufórico	Simple
99	Serra	do Anjico	Português	Controvertida	<i>Angico</i> - Angico - planta da família das leguminosas, de uma madeira utilíssima 1871. De origem controvertida . (CUNHA 2010, p. 40).	Fito	Simple
100	Serra	da Madeira	Português	Latim	<i>Madeira</i> - parte lenhosa das plantas, aplicável a trabalhos de carpintaria e marcenaria XIII. Do latim <i>matéria</i> , de <i>mater</i> “mãe” “tronco das árvores”. (CUNHA, 2010, p. 400).	Fito	Simple
101	Serra	do Periquito	Português	Castelhano	<i>Periquito</i> – ave psitaciforme, da família dos psitacídeos XVII. Do castelhano <i>periquito</i> . (CUNHA, 2010, p. 490).	Zoo	Simple
102	Serra	da Marciana	Português	Latim	<i>Marciana</i> – feminino de Marciano; a existência de Santa Marciana, virgem da Argélia (300-307) (Vald.), mostra que o nome é ant. e que talvez nos tenha chegado por via culta. (MACHADO, 2003, p. 944). Marciano – A, latim <i>Martianus</i> , derivado de Márcio. (GUÉRIOS, 1973, p.152).	Antropo	Simple

103	Serra	da Cruz	Português - Português	Latim	<i>Cruz</i> - do latim <i>cruce</i> ; esp. <i>cruz</i> , int. <i>croce</i> , fr. <i>croix</i> . Ou não deu o por influência da língua da igreja (Cornu, Port. Spr. § 30, Nunes, Digressões Lexicológicas, 93, A.L.P., I, 9). (NASCENTES 1955, p. 145).	Hiero	Simple
104	Serra	do Arvoredo	Português	Latim	<i>Arvoredo</i> – [árvore+edo]. Vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo XIII. do latim arbor-oris. (CUNHA, 2010, p. 61)	Fito	Simple
105	Serra	Ladeira da Joana	Português - Português	Latim-Latim	<i>Ladeira - Ladeira</i> - [de <i>lado</i> + <i>-eira</i>]. Inclinação mais ou menos acentuada de terreno; rampo. Rua mais ou menos íngreme. (FERREIRA, 2010, p. 1229). <i>Ladeira</i> - De lado, do latim <i>latus</i> , <i>-eris</i> (cunha, 2010, 379). <i>Joana</i> – tem. De João. Espanhol Juana, inglês Joan, francês Jeanne. (GUÉRIOS, 1973, p. 135). <i>Joana</i> – nome de mulher. Do latim <i>Iohanna</i> (Saraiva, De-Vit, Onomasticon). (NASCENTES, 1952, p. 162).	Geomorfo	Composto
106	Serra	Formosa	Português	Latim	<i>Formoso</i> – de bela aparência, bonito, XIV, fer- XIV, fre- XIII etc. Do latim <i>formosus</i> . (CUNHA, 2010, p. 299).	Animo Eufórico	Simple
107	Serra	Bonito	Português	Castelhano	<i>Bonito</i> – belo, formoso XVI. Provavelmente do castelhano bonito, de <i>bueno</i> . (CUNHA, 2010, p. 97).	Animo Eufórico	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 17: Porto Franco - Estreito

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Morro	Vão do Corrente	Português	Latim-Latim	<i>Vão</i> - [do latim <i>vanu</i>]. Vazio, oco. Sertão alto desacampado. Despenhadeiro entre tabuleiros. Vale profundo, ou depressão, por onde correm os rios. (FERREIRA, 2010, p. 2131). <i>Corrente</i> – diz-se das águas que correm, que não se acham estagnadas. (FERREIRA, 2010, p.593). <i>Corrente</i> – do latim <i>correns -êntis</i> , participio de <i>currere</i> ‘correr’. (CUNHA, 2010. 4, p.183).	Geomorfo	Composto
2	Morro	da Campeira	Português	Latim	<i>Campeira</i> - [de campo + sufixo eira) que trabalha no campo. Empregado a quem incumbe o trato do gado, e que vive habitualmente nos campos gerais, ou na campanha. Vaqueiro. (FERREIRA, 2010, p. 403). Campo - do latim <i>campus -i</i> . (CUNHA, 2010, p. 119).	Socio	Simple

3	Morro	Grande	Português	Latim	<i>Grande</i> - vasto, comprido, desmedido, numeroso XIII. Do latim <i>grandis</i> . (CUNHA 2010, p. 322).	Dimensio	Simple
4	Morro	do Urubu	Português	Tupi	<i>Urubu</i> - nome comum às aves falconiformes da família dos cartatídeos 1587. Do Tupi <i>uru'uu/urubutinga</i> 1587//urubuzada XX. (CUNHA 2010, p. 663).	Zoo	Simple
5	Morro	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - (galho + sufixo eiro) Galho, latim <i>galleu</i> . (FERREIRA, 2010, p. 1006). Veado-Galheiro – designação comum aos veados de chifres ramificados. No Brasil são conhecidas três espécies: cervo, cariacu e veado-campeiro. (FERREIRA, 2010, p. 2137).	Zoo	Simple
6	Morro	do Tabuleirão	Português	Latim	<i>Tabuleirão</i> - [tabuleiro + sufixo aumentativo ão]. Faixa de terra de poucas árvores e quase sem nenhum arbusto. Designação comum a planaltos cuja superfície não tem nível perfeito, e que são separados por escarpas ab-ruptas. (FERREIRA, 2010, p. 1993). <i>Tabuleiro</i> - de tabular. Do latim <i>tabularis-e, -v-, -uolejro, -oulhejro</i> . (CUNHA, 2010, p.618)	Geomorfo	Simple
7	Morro	do Boqueirão	Português	Latim	<i>Boqueirão</i> - Abertura em costa marítima, rio ou canal. Terreno úmido e fertio. Bras. MA Braço de mar, entre uma ilha e a costa esbarrancada. (FERREIRA, 2010, p. 337). <i>Boqueirão</i> - de boqueira, formado de boca e sufixo eira, mais a desinência ão. (NASCENTES, 1995, p. 75). <i>Boca</i> – cavidade na parte inferior da face, pela qual os homens e outros animais ingerem os alimentos, e ligada com os órgãos da fonação e da respiração XIII. Do latim <i>buccam</i> . (CUNHA, 2010, p. 93).	Hidro	Simple
8	Serra	da Caatinga	Português	Tupi	<i>Caatinga</i> - [do tupi]. Tipo de vegetação nordestina, de arbustos e árvores, de porte médio, de pouca folhagem e esparsas pelo terreno seco e poeirento, segundo a maioria dos tupinólogos, <i>caá-tinga</i> significa mato branco, pálido, descorado; aventamos, no entanto, a hipótese de esse vocábulo ser composto de dois termos: <i>caá</i> , mato, e <i>tinga</i> , seco; caatinga é, pois, corruptela de <i>caátinga</i> , mato seco. (TIBIRIÇÁ, 1997, p. 162).	Fito	Simple
9	Serra	Formosa	Português	Latim	<i>Formosa</i> - de bela aparência, bonito, XIV, fer- XIV, fre- XIII etc. Do latim <i>formosus</i> . (CUNHA, 2010, p. 299).	Animo Eufórico	Simple
10	Serra	do Caldeirão	Português	Latim	<i>Caldeirão</i> - Espécie de panela grande, mais alta que larga, comumente dotada de alças. (FERREIRA, 2010, p. 391). <i>Caldeirão</i> - <i>Caldeira</i> - do latim <i>caldaria</i> , estufa; espanhol <i>caldera</i> , italiano <i>caldaia</i> , francês <i>chaudière</i> . (NASCENTES 1955, p. 89).	Ergo	Simple

11	Serra	Serrinha de Baixo	Português	Latim-Latiim	<i>Serrinha</i> – [serra + sufixo -inha.] Do latim <i>serra</i> . Cadeia de montanhas com muitos picos e quebrados. (FERREIRA, 2010, 5, p.1921). <i>Baixo</i> - pouco elevado, a parte inferior XVIII. Do latim <i>bassus</i> (do séc. VIII). (CUNHA 2010, p. 76).	Geomorfo	Composto
12	Serra	do Cajá	Português	Tupi	<i>Cajá</i> - do tupi <i>aka'ia</i> 'nome comum a diversas plantas'. Variantes: <i>cajá</i> , <i>caja</i> , <i>cajâses</i> , <i>caia</i> , <i>cajâ</i> , <i>cajazes</i> , <i>acayá</i> , <i>acaiaá</i> , <i>acaya</i> , <i>acajá</i> (CUNHA, 1999, p. 85).	Fito	Simple
13	Serra	da Cangalha	Português	Céltico	<i>Cangalha</i> – [de canga + lhada], canga, peça de madeira que se prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado 1813. Provavelmente do céltico <i>*cambica</i> , madeira curva, de cambus curvo. (CUNHA, 2010, p. 121).	Ergo	Simple
14	Serra	da Chapadinha	Português	Origem desconhecida	<i>Chapadinha</i> - [de chapapada + sufixo inha]. Planalto XVI. De uma base <i>*klappa</i> , de origem desconhecida . (CUNHA, 2010, p. 145). <i>Chapada</i> - qualquer planície de vegetação rasa, sem arvoredo. (FERREIRA, 2010, p. 479)	Geomorfo	Simple
15	Serra	do Galheiro	Português	Latim	<i>Galheiro</i> - (galho + sufixo eiro) Galho, latim <i>galleu</i> . (FERREIRA, 2010, p. 1006). <i>Veado</i> -Galheiro – designação comum aos veados de chifres ramificados. No Brasil são conhecidas três espécies: cervo, cariacu e veado-campeiro. (FERREIRA, 2010, p. 2137).	Zoo	Simple
16	Serra	do Macaco	Português	Indeterminado	<i>Macaco</i> - Origem africana, mas de étimo indeterminado ; nome comum a todos os símios (macaco) (CUNHA, 2010, p. 596). <i>Macaco</i> - Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral (FERREIRA, 2010, p. 1298)	Zoo	Simple
17	Serra	do Boi	Português	Latim	<i>Boi</i> - [do latim <i>bove</i>]. Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bovídeo, pertencente ao gênero Bos. Os chifres são em par, ocos, não ramificados, permanentes. (FERREIRA, 2010, p. 329).	Zoo	Simple
18	Serra	do Papa-Mel	Português	Tupi	<i>Papa-Mel</i> - mesmo que <i>irara</i> . [do tupi = 'mel' + o tupi = 'tomar']. Animal carnívoro mustelídeo (<i>Tayra barbara</i>); <i>jagua-pé</i> , <i>papa-mel</i> . (FERREIRA, 2010, p. 1185)	Zoo	Composto
19	Serra	da Terra Dura	Português	Latim-Latim	<i>Terra</i> – [do latim <i>terra</i> .] Substantivo feminino. Astrologia. O terceiro planeta do sistema solar, pela ordem de afastamento do Sol. Parte solida da superfície do globo. Poeira, pó. (FERREIRA, 2010, p. 2030). <i>Dura</i> - [do latim <i>duru</i>]. Que não é tenro ou mole; rijo. Difícil de penetrar ou de riscar; consistente, sólido. (FERREIRA, 2010, p. 747).	Lito	Composto

20	Serra	da Cerca	Português	Latim	<i>Cerca</i> - [derivado de cercar]. Muro, sebe ou valado com que se circunda e fecha um terreno. (FERREIRA, 2010, p. 469). <i>Cercar</i> - do latim <i>circare</i> ; espanhol <i>cercar</i> , italiano <i>cercare</i> (procurar), francês <i>Chercher</i> (idem). (NASCENTES 1955, p. 109).	Ergo	Simple
21	Serra	da Formosa	Português	Latim	<i>Formosa</i> - de bela aparência, bonito, XIV, fer- XIV, fre- XIII etc. Do latim <i>formosus</i> . (CUNHA, 2010, p. 299).	Animo Eufórico	Simple
22	Serra	do Tapuia	Português	Tupi	<i>Tapuia</i> - [do tupi]. De tapuia (<i>tapyya</i>), selvagem, inculto; termo com que os Tupis denominavam as tribos bárbaras. (TIBIRIÇA 1997, p. 109).	Etno	Simple
23	Serra	da Mangaba	Português	Tupi	<i>Mangaba</i> - [do tupi]. O fruto da mangabeira: baga do tamanho de um limão, polposa e doce. (FERREIRA, 2010, p. 1325). <i>Mangaba</i> - tupi <i>ma'naua</i> (planta da família das apocináceas, cujo fruto é muito apreciado; mangabeira (CUNHA, 1999, 201)	Fito	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 18: Porto Franco - Nova Colinas

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Serra	da Azeitona	Português	Árabe	<i>Azeitona</i> - [do árabe arcaico <i>az-zaytun</i> .] Substantivo feminino. O fruto da oliveira; oliva. (FERREIRA, 2010, p. 256).	Fito	Simple
2	Serra	do Campo Largo	Português	Latim-Latim	<i>Campo</i> – do latim <i>campu</i> , espanhol, italiano campo, francês champ. (NASCENTES, 1955, p. 92). Terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina (HOUAISS, 2001-2007) <i>Largo</i> - [Do latim <i>largu</i> , 'copioso', 'abundante', 'liberal, generoso', 'que abunda em, rico'.], que tem grande extensão trasversal. (FERREIRA, 2010, p. 1240).	Geomorfo	composto
3	Serra	do São Joaquim	Português	Latim-Hebraico	<i>São</i> - [do latim <i>sanu</i> .] Adjetivo. Razoável, moderado. Puro, impoluto, imaculado. (FERREIRA, 2010.p. 1889). <i>Santo</i> – do latim <i>sanctu</i> , tornado sagado; espanhol e italiano santo; francês saint. (NASCENTES, I, p, 457). <i>Joaquim</i> - Hebraico : 1º) loahin: "Javé levanta, restabelece" ou "Javé efetuará, levará a cabo"; outros: "elevação, ou preparação"; 2º) loiaqim: "o que fez parar o Sol" (Paralipômenos, I, 4-22). (GUÉRIOS, 1973, p. 135).	Hagio	composto

4	Serra	do Salobro	Português	Latim	<i>Salobro</i> – (ô) [de sal]. Que sabe um pouco a sal. Diz-se a água de salinidade inferior à das águas oceânicas e que contem em dissolução alguns sais ou substancias que a fazem desagradável. (FERREIRA, 2010, p. 1879). latim <i>sal, salis</i> (HOUAISS, 2001-2007)	Lito	Simple
---	-------	------------	-----------	-------	---	------	--------

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 19: Porto Franco - Porto Franco

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Serra	do São Domingos	Português - Português	Latim-Latim	<i>São</i> - do latim <i>sanctu</i> , tornado sagrado; espanhol, italiano <i>santo</i> , francês <i>saint</i> . (NASCENTES 1955, p. 457). <i>Domingos</i> - do latim <i>Dominicus</i> , ("do Senhor"), apelido romano e depois nome de santo, mártir africano (datas ignoradas), com festa a 29-XII; o Calendário menciona ainda outros, mas o mais célebre foi o espanhol fundador da ordem dos Dominicanos (1170? -1 221). O nome chegou-nos por via culta e o -s representa o do nominativo latino. (MACHADO, 2003, p. 513).	Hagio	Composto

Fonte: A autora com base nos dados.

Quadro 20: Porto Franco - São João do Paraíso

Nº	Termo genérico	Orônimo	Língua	Língua de origem	Desc. etimológica	Taxo	Entrada Morf.
1	Vão	do Marco	Português	Latim	<i>Marcos</i> - do latim <i>Marcus</i> , proxicamente derivado de <i>marcus</i> : "grande martelo de ferreiro", cognato do latim <i>mars, martis</i> : "deus da guerra". V. Marte. Segundo L. Deroy, porém do etrusco <i>Marce</i> , "martelador, ferreiro", da raiz * <i>mar-</i> , "bater, ferir". No latim popular <i>martellus</i> : "martelo" (Carlos Martel) (GUÉRIOS, 1973, p. 152)	Antropo	Simple

Fonte: A autora com base nos dados.

5.1 Análise quali-quantitativa dos dados da Mesorregião Sul Maranhense

Os nomes oronímicos aqui apresentados puderam ser classificados levando-se em consideração as recorrências dos acidentes físicos; recorrência das taxonomias; língua de origem/etimologia; estrutura; maneira como, a partir do nome, o local é descrito, desenhado em imagem fixa; e ainda sob a perspectiva da motivação, ressaltando-se as relações de semelhança e de *contiguidade*²⁹ entre o nome e aquilo que cerca (ou habita) o lugar.

5.1.1 Análise quali-quantitativa da Microrregião do Gerais de Balsas

O léxico oronímico que nomeia os acidentes físicos da mesorregião Sul Maranhense tem como base as taxes de natureza antropocultural e física. Segundo os dados, a maior recorrência classificatória diz respeito aos nomes de natureza física, com 64% dos nomes, enquanto aqueles de natureza antropocultural equivalem a 36% dos dados. Os números aqui apresentados dão margem para a abordagem qualitativa e ajudam no resgate motivacional das denominações dos acidentes físicos sul maranhenses. Assim, para esta análise, faremos uso de uma abordagem quali-quantitativa.

Diante disso, apresentamos agora os resultados das amostras dos quadros referentes ao corpus analisado, sob o auxílio de gráficos referentes aos registros dos nomes de acidentes físicos de cada microrregião, distribuídos da seguinte forma: nos gráficos 01, 04 e 07 os dados dizem respeito ao quantitativo de acidentes físicos em suas três divisões: morro, serra e vão. Os gráficos 02, 05 e 08 apresentam o número de vezes em que cada classificação (taxionomia) de natureza antropocultural se repetiu no conjunto dos nomes da microrregião analisada. E os gráficos 03, 06 e 09 dizem respeito ao quantitativo de taxionomias de natureza física. Para tanto, a abordagem escolhida foi a quali-quantitativa, que “considera a relação dinâmica entre o mundo real, os sujeitos e a pesquisa” (Ensslin & Vianna, 2008, p. 08).

Gráfico 01: Número de orônimos presentes na microrregião do Gerais de Balsas

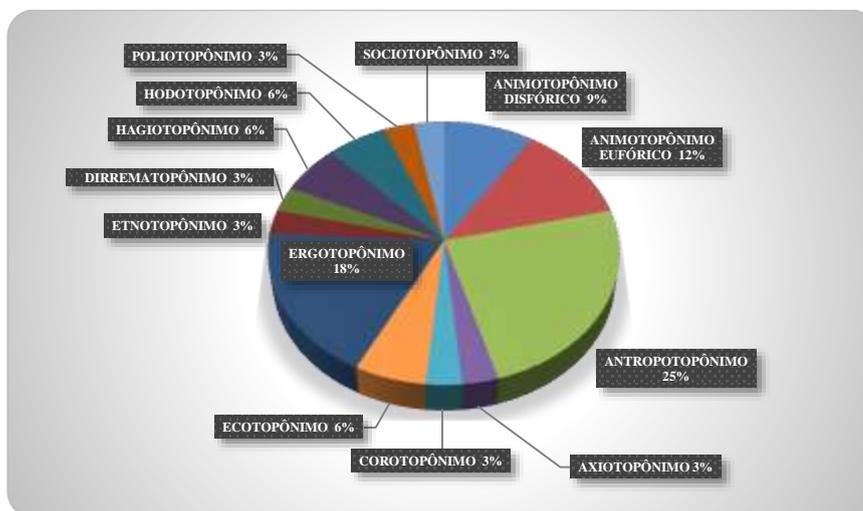


Fonte: A autora com base nos dados.

²⁹ Estado ou condição do que está contíguo; proximidade; vizinhança (HOUAISS, 2001-2007).

Ao todo, foram analisados 98 orônimos nesta microrregião, sendo 30 morros, 58 serras e 10 vãos, dispostos e analisados com base, principalmente, nas categorias de Dick, levando em consideração taxonomias, etimologia e influências que se revelam a partir do nome recebido pelo lugar.

Gráfico 02: Taxionomias da microrregião do Gerais de Balsas – natureza antropocultural



Fonte: A autora com base nos dados.

A microrregião Sul Maranhense do Gerais de Balsas conta com 98 orônimos, distribuídos ao redor de 05 cidades: Alto Parnaíba (26 orônimos), Balsas (27 orônimos), Feira Nova (04 orônimos), Riachão (30 orônimos) e Tasso Fragoso (11 orônimos). A análise dos nomes dos acidentes físicos dessas cidades demonstrou que há predominância, entre os nomes de natureza antropocultural, dos orônimos que compõem a microrregião do Gerais de Balsas, de nomes **antropotoponímicos**, relativos a nomes próprios individuais. Os 08 orônimos assim classificados homenageiam personalidades que possuíram relações ligadas ao lugar cujo nome representa. Assim, nomes como *Morro do José Flor*, *Serra do Marco*, *Serra do Felipe* e *Serra do Luís Silva* prestam homenagem ao homem simple que agrega sua história ao lugar por meio do nome, estreitando os laços entre meio físico (ambiente) e a sociedade que o habita.

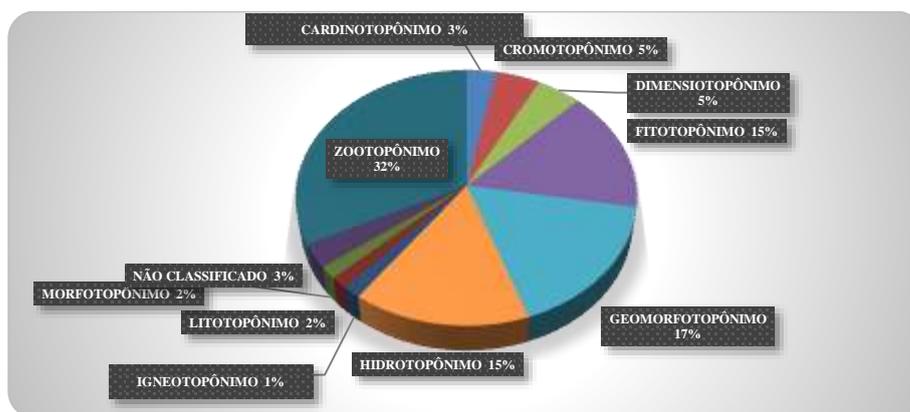
Na sequência, os **ergotopônimos**, cultura material, são os que mais se repetem na sequência de análise. Os 06 orônimos aqui apresentados, apontam para a valorização do homem quanto àquilo que é sua ferramenta (de trabalho, lazer, convivência ou ainda para sua espiritualidade). Nesse sentido, nomes como *Serra da Enxada*, *Morro dos Currais*, *Morro da Foice*, *Serra da Solta*, *Serra da Harmônica*, surgem a partir das necessidades de um grupo social, representado pelo denominador; bem como por relações de semelhança do morro com um elemento da cultura material, como em *Morro do Garrafão*. Nessa perspectiva, os nomes

aqui classificados como **ergotopônimos** justificam-se pela força social do plantio, é o homem do sertão maranhense, fazendo uso de utensílios diários de trabalho para representar o ambiente em que vive, ou percebendo iconicamente esses instrumentos nos elementos físicos.

Quanto às outras categorias, não menos importantes, a frequência foi de menor intensidade em relação à escolha de léxico voltado para essas classificações.

Na toponímia do Gerais de Balsas, foram encontrados, em sua maioria, nomes de natureza física, como demonstrado no Gráfico 03 a seguir:

Gráfico 03: Taxionomias da microrregião do Gerais de Balsas – natureza física



Fonte: A autora com base nos dados.

No que diz respeito aos nomes de natureza física a recorrência é maior, principalmente a categoria dos **zootopônimos** (21), que representam a fauna local, tendo o animal como referência do lugar por sua diversidade, influência e importância para o morador local. Nesse sentido, nomes como *Serra do Uruçu*, *Vão da Curica*, *Vão do Marruá*, *Serra dos Macacos*, *Vão dos Porcos*, entre outros. O léxico é “a somatória de experiências vividas por um grupo sócio-linguístico-cultural” (DARGEL, 2003, p. 77), ou seja, reflete o nosso ambiente, assim, os zootopônimos, enquanto categoria de maior frequência quantitativa, revelam-nos como nossa cultura linguística está ligada à fauna do lugar em que estamos inseridos, ressaltando assim as inter-ligações de contiguidade entre o meio ambiente natural e meio social, representado pela língua. Os denominadores percebem essa fauna como parte do espaço nomeado e conceitualmente nomeiam esses lugares.

A segunda categoria física de maior recorrência foi a dos **geomorfotopônimos** (11), formas topográficas, classificação esta que tem forte ligação com os próprios acidentes físicos que representam. Assim, nomes como *Morrinhos*, *Serra Furada*, *Morro Escalvado*, *Serrinha*, *Morro Pico Fino* ligam diretamente a forma topográfica do acidente acionado ao próprio lugar

que descreve e nomeia, numa associação de semelhança de um objeto fonte com um objeto alvo nomeado.

Boa parte dos orônimos analisados é pertencendo ao grupo dos **fitotopônimos** (10), flora, revelando um designador que interage linguisticamente com a vegetação de seu espaço ao acionar os nomes dessa flora para denominar os lugares. Nesse sentido, nomes como *Serra da Mandioca*, *Serra da Palmeira*, *Morro da Laranja*, *Serra da Buritirana*, entre outros, ressaltam o fato de que a presença (atual ou pretérita) e as características da flora local são acionados de forma produtiva na escolha toponímica.

Numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o frequente emprego de plantas, árvores, para individuar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer (SAMPAIO, 1901, p. 144).

Assim, é de caráter comum a vegetação apresentar-se de forma intensa na produção dos nomes toponímicos, principalmente, nos acidentes oronímicos, locais rurais que imbricam-se à sua natureza, ao seu espaço, nessa relação de contiguidade.

Do total dos acidentes físicos analisados na microrregião do Gerais de Balsas, os **hidrotopônimos** (10), nomes resultantes de acidentes hídricos em sua totalidade, tiveram também grande recorrência. Significa que o sujeito nomeador utiliza-se do elemento água na escolha lexical dos orônimos estabelecendo relação de contiguidade entre o curso hídrico que nasce e ou banha e ou margeia o local e esse local nomeado. Assim,

Tal fato revela como o elemento água tem sido ao longo da história da humanidade uma necessidade básica para a sobrevivência do homem. Além de ter importância vital para o homem, a água por meio de seus cursos e derivados, sempre esteve presente na vida humana, desde o homem primitivo, ou como fonte de alimentação”. (DARGEL, 2003, p. 172).

A água é, portanto, vital para o homem, que revela ao longo de suas ações a importância do elemento hídrico para a humanidade. Para tanto, lança mão do léxico que dispõe na língua para ressaltar sua maior fonte de sobrevivência, petrificando seus acidentes hídricos por meio dos nomes com os quais batizam os acidentes oronímicos.

5.1.2 Análise qualiquantitativa da Microrregião da Chapada das Mangabeiras

Os nomes oronímicos também são uma forma de testemunhar o passado, tanto pelo povo e pela língua, quanto pela fauna e flora local, além de outras formas capazes de influenciar

nomes. Assim, apresentamos a seguir os dados recolhidos na microrregião da Chapada das Mangabeiras.

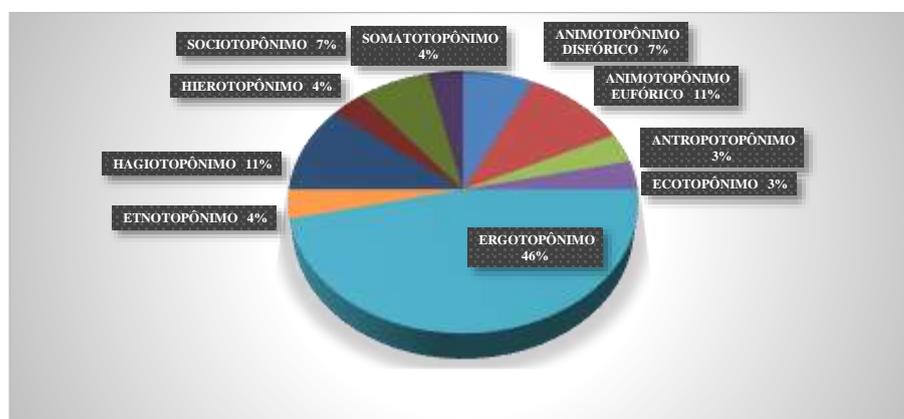
Gráfico 04: Número de orônimos presentes na microrregião da Chapada das Mangabeiras



Fonte: A autora, com base nos dados.

Nesta microrregião, foram analisados 72 nomes oronímicos, dispostos entre 06 morros, 24 serras e 42 vãos, nomes estes que servem como fatores de manutenção cultural e de memória para a população local, os quais foram distribuídos da seguinte forma:

Gráfico 05: Taxionomias da microrregião da Chapada das Mangabeiras – natureza antropocultural



Fonte: A autora com base nos dados.

A microrregião Sul Maranhense Chapada das Mangabeiras conta com 71 orônimos, distribuídos em 07 cidades: Benedito Leite (07 orônimos); Fortaleza dos Nogueiras (15 orônimos), Loreto (03 orônimos), Sambaíba (09 orônimos), São Domingos do Azeitão (14 orônimos), São Félix de Balsas (13 orônimos) e São Raimundo das Mangabeiras (10 orônimos).

A Toponímia faz-se crucial para a manutenção da cultura e da memória, atuando como fator preservativo da história por meio do léxico. Assim, entre os nomes de natureza

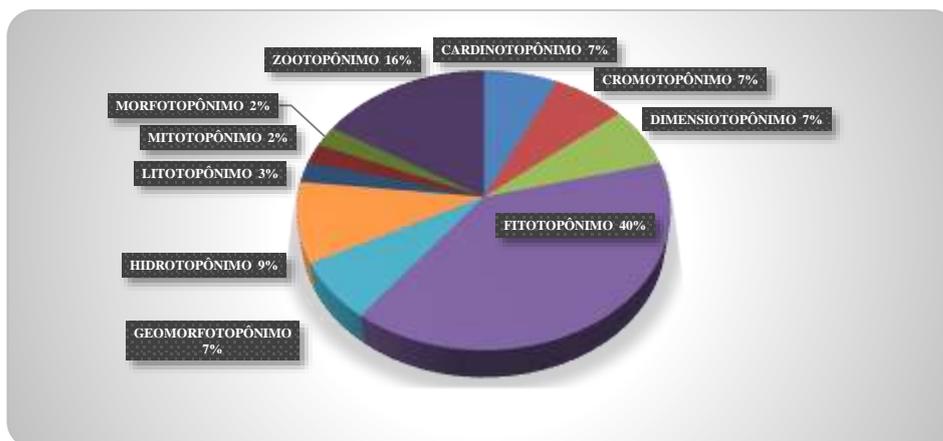
antropocultural, destacam-se os **ergotopônimos**, nomes referentes a elementos materiais. Isso revela o quanto os seres humanos fazem uso da matéria de seu próprio uso, não só para sua sobrevivência, mas também para nomear os acidentes físicos (e humanos). Assim, os 13 orônimos classificados nesta categoria, nomes como *Morro da Foice* refletem em como os utensílios são comuns no léxico toponímico e influentes na nomenclatura toponímica pela presença e por associação de semelhança.

Na sequência desta análise, estão os **animotopônimos** com 05 repetições, relativos à vida psíquica, cultural e espiritual. Assim, orônimos como *Serra do Penitente* e *Serra do Medonho* são capazes de resgatar nomes que revelam sentimentos de arrependimento, a penitência humana e, ainda, o medo, ressaltando um estado de ânimo e abrangendo toda a psiquê humana que se espriam conceptualmente para os orônimos.

Em seguida, com um número menor, mas tão importante quanto os outros, estão os **hagiotopônimos** (03), nomes sagrados de santos, como *Serra do Santo Antônio*, *Vão São Miguel* e *Vão Santa Bárbara*, os quais revelam a hegemonia do catolicismo herdado a partir da vinda dos portugueses ao Brasil. Para Dick, “os Hierotopônimos apresentam a subclasse de Hagiotopônimos e Mitotopônimos, além das próprias particularidades da identificação do sagrado, como as designações dos templos religiosos, títulos eclesiásticos ou de congregações” (Dick, 2007b, p.466). Nessa perspectiva, nomes sagrados como estes revelam nossa ligação com o mundo da religião.

Nos que diz respeito às outras classificações, a frequência foi menor, revelando uma menor intensidade nas outras categorias. Vale ressaltar ainda que a menor recorrência não diminui sua importância.

Na toponímia da Chapada das Mangabeiras, foram encontrados, em sua maioria, nomes de natureza física, como revela o Gráfico 6 a seguir:

Gráfico 06: Taxionomias da microrregião da Chapada das Mangabeiras – natureza física

Fonte: a autora com base nos dados.

A microrregião da Chapada das Mangabeiras, ao longo de suas 07 cidades, apresenta um grande número de orônimos classificados nas categorias de natureza física. A de maior recorrência, com 17 repetições, são os **fitotopônimos**, nomes vegetais, capazes de revelar a abundância de frutos e, ainda, as palmeiras que simbolizam a vegetação local. Nesse contexto, nomes como *Serra da Mandioca*, *Serra da Palmeira* e *Morro da Laranja* revelam não só a flora, mas também aquilo que é capaz de ser sustento e alimento do povo que por ali passou. Assim, segundo Curvelo, “os elementos constitutivos de um signo toponímico podem evidenciar um vínculo estreito entre ele e seu referente” (CUVERLO, 2014, p. 105), sendo esses referentes, portanto, os nomes de natureza vegetal, os quais se destacam e influenciam conceptualmente na atribuição dos nomes locais, por relação de presença, de contribuição para o sustento local, numa relação de contiguidade dessa flora com o lugar denominado.

Com a segunda maior recorrência estão os **zootopônimos (07)**, nomes de animais, vinculados à fauna encontrada nos locais analisados. Ao interpretar os dados, percebe-se que animais, sejam eles domésticos ou silvestres, são fonte de inspiração para a nomeação dos lugares, dada a sua relação com a população e sua presença física nesses espaços: “os animais não domésticos lideram o número de topônimos, revelando que a fauna da região que vive na natureza influenciou o olhar do nomeador no momento do batismo das águas dessa localidade” (BOMFIM; ABBADE, 2020, p. 11). Nesse sentido, nomes como *Serra do Caititu*, *Morro da Curica* e *Serra dos Porcos* têm relação direta e específica com a fauna local e são, portanto, herança linguística e ainda da existência desses seres na região em que o orônimo se localiza.

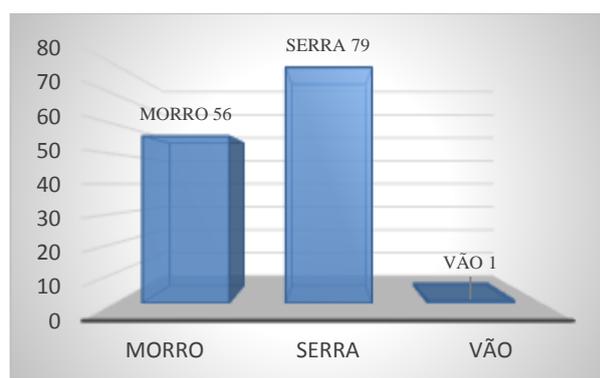
Com um número recorrente menor, estão os **hidrotopônimos**, relativos a acidentes hidrográficos. Os cursos d’água são, em sua maioria, fontes motivacionais para o signo toponímico. Nessa perspectiva, orônimos como *Serra do Olho d’água*, *Serra do Brejão* e *Vão*

do Riachão revelam como o ser humano está ligado aos aspectos hidrográficos que o cerca, fazendo, inclusive, uso desses lugares como fatores motivacionais para os nomes recebidos pelos acidentes físicos oronímicos.

5.1.3 Análise qualiquantitativa da Microrregião de Porto Franco

A seguir, apresentamos os nomes em análise pertencente à microrregião de Porto Franco:

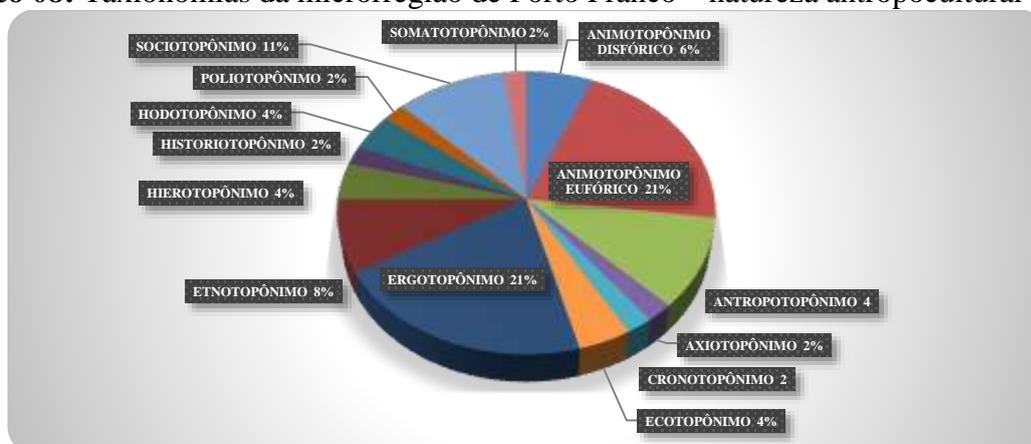
Gráfico 07: Número de acidentes físicos da microrregião de Porto Franco



Fonte: A autora com base nos dados.

Nesta microrregião, foram analisados 136 orônimos, distribuídos da seguinte forma: 56 morros, 79 serras e 01 vão. O número elevado em relação aos elementos físicos que constituem este corpus diz respeito ao fato de a chapada das mesas estar presente nessa microrregião, com um alto índice de elementos físicos que compõem a topografia local. Abaixo, segue o gráfico com o número de classificações de natureza antropocultural.

Gráfico 08: Taxionomias da microrregião de Porto Franco – natureza antropocultural

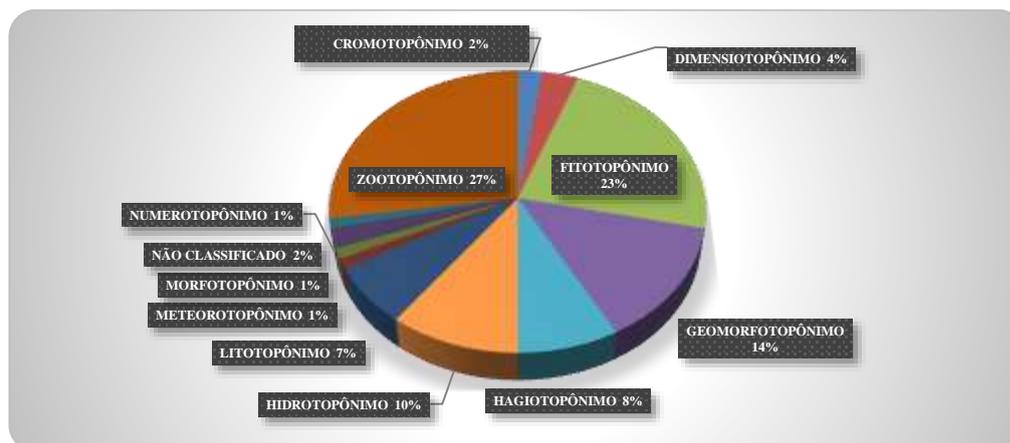


Fonte: A autora com base nos dados.

A língua reflete-se na sociedade, que, por sua vez, exerce sua função milenar de nomear os objetos, os seres, os lugares. Para Biderman (1998, p. 81), “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana. Vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada”, e, nesse sentido, várias são as influências que levam uma comunidade à escolha do nome de um local. Nessa perspectiva, a **microrregião de Porto Franco**, que conta com 136 orônimos, está constituída com as seguintes cidades: Carolina (107 orônimos), Estreito (23 orônimos), Nova Colinas (04 orônimos), Porto Franco (01 orônimo) e São João do Paraíso (01 orônimo). Desses 136 orônimos, 10 são classificados como **animotopônimos**, relativos à cultura e à vida psíquica. Assim, orônimos como *Morro do Alegre*, *Serra Bom Tempo* e *Serra do Rejeitado* apontam para temas, sejam eles positivos ou negativos, que refletem a psiquê humana, portanto, sentimentos daqueles que habitam e ou convivem com o lugar, em uma inter-relação associativa, fazem uso dessas referências para nomear os lugares.

Na sequência, com um bom número de repetições na classificação, estão os **ergotopônimos**, elementos da cultural material, com 10 orônimos. Nomes como *Morro da Bota*, *Morro do Chapéu* e *Serra da Cerca* refletem em como os topônimos nascem das influências que os objetos de uso nesses lugares e ou em suas proximidades têm para com a comunidade. Ainda quanto às classificações de natureza antropocultural, estão os **sociotopônimos**, relativos a pontos de encontro, de trabalho e às atividades profissionais, e ainda “englobam uma gama enorme de significados, desde profissões, instituições ou delimitações areais” (CARVALHINHOS, 2002-2003, p. 174). Entre o corpus analisado desta microrregião, 05 orônimos recebem esta classificação. Nomes como *Serra do Canto Bom* e *Serra do Sítio Novo*, revelando o fator conservador da língua quanto a seus locais nomeados e aqueles que inspiram a nomeação.

Apresentamos, a seguir, o Gráfico 9 com o número de classificações de natureza física na microrregião de Porto Franco.

Gráfico 09: Taxionomias da microrregião da Porto Franco – natureza física

Fonte: A autora com base nos dados.

O signo em função toponímica é motivado, visto que há sempre um fator que leva o espaço a receber o nome escolhido pelo falante:

o léxico reflete em alto grau a complexidade da cultura sendo praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos (palavras), referente ao quadro cultural do grupo (SAPIR, 1969, p. 51).

Assim, com maior destaque nas classificações estão os nomes que fazem parte do grupo de natureza física. Em maior recorrência estão os **zootopônimos** (24), taxionomia de referência animal. São muitas as motivações que levam o ser humano a escolher o nome de um animal, como sua presença geralmente em grande quantidade e ou um evento com esse animal. A exemplo, lugares como *Morro dos Morcegos*, *Morro do Guará* e *Morro do Caititu* têm sua nomenclatura inspirada por esses animais que, possivelmente, habitavam essa região, atuando, portanto, como fator decisivo para a criação do orônimo.

Ainda na categoria de natureza física, estão os **fitotopônimos**, nomes de natureza vegetal, contribuindo com 20 orônimos. Nomes como *Morro do Mulungu*, *Morro da Buritirana* e *Morro do Alecrim* demonstram como a flora serviu (e ainda serve) como fator motivacional para os topônimos, considerando que nomes como estes referem-se a plantas usadas com frequência pela comunidade, seja para o alimento, seja para o trabalho.

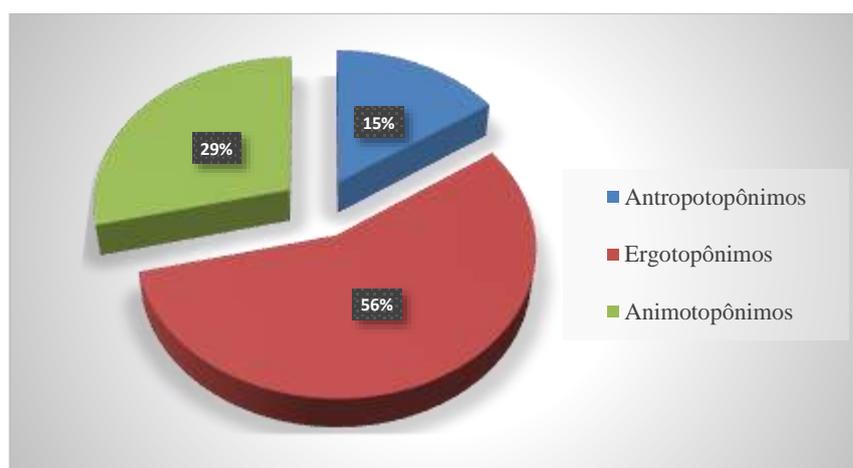
Na sequência, estão **geomorfotopônimos**, que referem formas topográficas. Entre os 12 orônimos assim classificados estão o *Morro do Pico*, *Serra Vão de Areia* e *Serra de Baixo*, destacando que, através do nome, é possível representar a configuração de uma determinada localidade com a posição de seus acidentes. No que diz respeito às outras classificações, a frequência foi de menor intensidade. Vale ressaltar ainda que a menor recorrência não diminui

a importância de cada categoria.

5.1.4 Classificações de maior recorrência

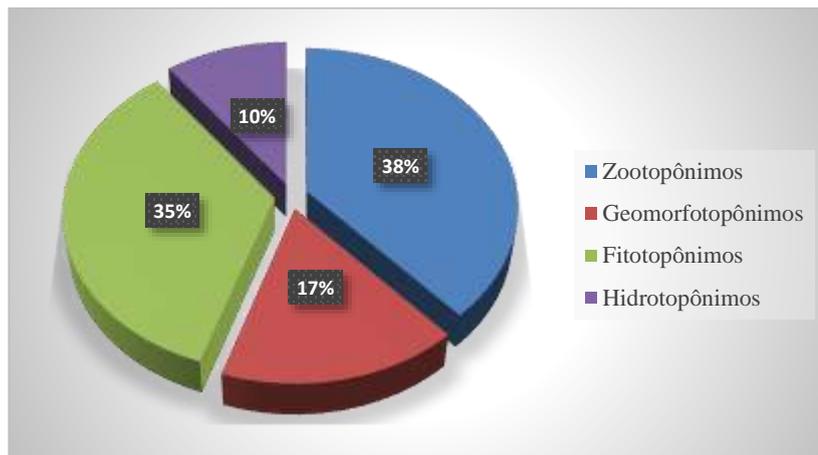
Entre os nomes analisados nas três microrregiões que compõem a mesorregião Sul Maranhense, algumas categorias se destacaram. Esses nomes se repetiram por entre as cidades e as microrregiões que constituem a mesorregião Sul Maranhense. São elas:

Gráfico 10: Classificações de maior recorrência de natureza antropocultural



Fonte: A autora com base nos dados.

Como ilustrado no Gráfico 10, os ergotopônimos (56%), animotopônimos (29%) e antropotopônimos (15%) destacaram-se no grupo dos orônimos de **natureza antropocultural**, revelando a forte influência da cultura material nas categorizações primeiras que o homem faz, a nomeação, revelando a inter-relação que é estabelecida entre aquilo que é a natureza em uma contiguidade com o que o homem produz a partir dessa natureza. Ainda demonstraram-se bastante reveladoras as concepções anímicas refletidas a partir da natureza para o homem e retornando, de certa forma, para essa natureza via processo de nomeação.

Gráfico 11: classificações de maior recorrência de natureza física

Fonte: A autora com base nos dados.

Por sua vez, como ilustra o Gráfico 11, os zootopônimos (38%), fitotopônimos (35%), geomorfotopônimos (17%) e hidrotopônimos (10%), orônimos de **natureza física**, têm maior destaque dentre as classificações apresentadas. A fauna, por seu caráter de movência, constitui-se objeto de atenção humana, associado a isso fatores como presença, utilidade, beleza, sentimentos de carinho por esses animais que permeiam os espaços dos habitantes desses lugares. De forma semelhante ocorre com as plantas, seguindo-se com os cursos d'água. A forte ocorrência desses orônimos revela a inter-relação ecossistêmica já discutida entre homem, língua e natureza.

Seguem-se as classificações mais recorrentes em toda a mesorregião Sul Maranhense e suas microrregiões.

5.1.4.1 Os fitotopônimos

Fitônimo, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa “que ou o que tem o nome de uma planta; relativo a fitonímica (nomenclatura taxonômica botânica)”. Nesse sentido, os **fitotopônimos** são os topônimos que têm em sua nomenclatura aspectos de índole vegetal, compondo o grupo de taxionomias de Natureza Física. Esta classificação mostrou-se como a mais recorrente dentre todas as microrregiões analisadas, ressaltando a relação homem-ambiente.

Numa região como o Brasil [...], a denominação dos lugares de procedência indígena, deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma (SAMPAIO, 1928, p.85).

A vegetação é motivação denominativa. Os fitos que compõem o corpus do trabalho são: *Vão da Mirindiba*, *Vão da Mata*, *Serra Ipepaconha*, *Serra do Cajueiro*, *Vão do Velame*, *Serra do Inajá*, *Serra da Sambaíba*, *Serra da Mangaba*, *Vão do Azeitão*, *Vão do Tronco*, *Vão da Piaçaba*, *Vão Bacabinha*, *Vão da Piaçava*, *Vão Buriti de Dentro*, *Vão dos Tinguis*, *Vão da Mata*, *Serra da Mandioca*, *Serra da Palmeira*, *Morro da Laranja*, *Morro do Varjão*, *Morro do Capim Duro*, *Serra Buritirana*, *Morro do Sapé*, *Serra do Timbó*, *Vão do Coqueiro*, *Serra do Cajueiro*, *Vão do Coco*, *Vão da Taipoca*, *Morro do Mungulu*, *Morro Buritirana*, *Morro Castanha*, *Morro do Alecrim*, *Morro do Buritizal*, *Morro da Bacaba*, *Morro da Mutamba*, *Serra dos Mamões*, *Serra de Mato Seco*, *Serra do Capim Branco*, *Serra da Mata*, *Serra dos Cajás*, *Serra da Taboca*, *Serra do Anjico*, *Serra da Madeira*, *Serra do Arvoredo*, *Serra da Caatinga*, *Serra do Cajá*, *Serra da Mangaba* e *Serra da Azeitona*.

Durante todo o processo desta pesquisa, foi levada em consideração a relação existente entre léxico e ambiente, pautada no fazer onomasiológico, bem como na perspectiva ecolinguística, que percebe as inter-relações entre o povo, o território habitado e a língua falada por esse povo. O grande número de fitotopônimos tem caráter revelador quanto à relação homem e ambiente. Nesse caso, a partir das análises feitas com o corpus apresentado, o homem faz uso da flora e de tudo aquilo que faz parte do seu meio natural para dar nomes aos lugares revelando tanto as inter-relações de caráter cognitivo como ecolinguístico e o que também demonstra uma convergência teórica entre esses dois campos da pesquisa linguística no campo da Toponímia.

Ligada a esses fatores, a Ecolinguística, enquanto estudo das interações entre meio ambiente (físico, social, mental) e língua, reflete-se nos fenômenos da linguagem, visto que tanto a fauna e flora, quanto aspectos ligados à forma física, ou ainda fatores psicológicos influenciam no fazer denominativo. Significa que o povo (P), inserido em um território (T) faz uso da língua (L) e de tudo aquilo que o cerca, seja social, físico ou mentalmente para abarcar suas necessidades de vivência e nomear o lugar.

5.1.4.2 Os zootopônimos

Zoônimo, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “diz-se de ou nome designativo de animais”. Nessa perspectiva, os **zootopônimos** indicam os topônimos de índole animal, os quais têm um nome vinculado ao lugar a partir de fatores icônicos, sejam metafóricos ou metonímicos. Assim, o alto número de zootopônimos no corpus desta pesquisa justifica-se pelo fato de animais (domésticos ou silvestres) serem fatores que influenciam no ato

denominativo pela presença e utilidade, ressaltando mais uma vez a relação homem-ambiente.

Os zoos que compõem o corpus do trabalho são: Serra *do Uruçu*, Vão da *Curica*, Vão do *Marruá*, Serra dos *Macacos*, Vão dos *Porcos*, Morro do *Papagaio*, Serrote da *Suçarana*, Serra do *Caititu*, Serra dos *Veados*, Serra dos *Porcos*, Serra *Tucano*, Serra da *Tiúba*, Serra do *Cordeiro*, Morro da *Curica*, Morro, do *Galheiro*, Morro da *Macaca*, Serra do *Gado Bravo*, Serra do *Galheiro*, Serra do *Sucuriú*, Serra da *Mocha*, Morro do *Pombinho*, Serra dos *Poldros*, Serra das *Piranhas*, Vão do *Galo*, Morro do *Bode*, Morro do *Chupé*, Morro do *Elefante*, Morro do *Guará*, Morro do *Caititu*, Morro dos *Morcegos*, Morro dos *Cavalos*, Morro da *Baleia*, Morro do *Tamanduá*, Morro do *Galheiro*, Morro dos *Bodes*, Serra do *Caititu*, Serra dos *Porcos*, Serra *D'Anta*, Serra do *Enxu*, Serra do *Galheiro*, Serra do *Pombo*, Serra dos *Macacos*, Serra do *Gado*, Serra das *Éguas*, Serra do *Periquito*, Morro do *Urubu*, Morro do *Galheiro*, Serra do *Macaco*, Serra do *Boi* e Serra do *Papa-Mel*.

Os animais, domesticados na localidade ou silvestres, são componentes de parte da fauna da região, muitas vezes, encontrados em grande quantidade ou simplesmente por um episódio ocorrido com esses tipos de animais, que emprestam seu nome para atribuição aos lugares. Ressaltando que os nomes desses lugares têm mais relação com os aspectos de natureza física, os quais aguçam o imaginário dos colonizadores ou povoadores que aqui vive(ra)m e, por meio de inferências com o meio ambiente, nomearam esses lugares.

Para Carvalhinhos “o maior ou menor grau de ‘descoberta’ ou ‘achado valioso’ depende da antiguidade do nome cristalizado em determinado momento da oralidade [...]. Descreve-se, assim, a tendência conservadora do topônimo” (CARVALHINHOS, 2002-2003, p. 173). Nessa perspectiva, a área toponímica equivale a um sítio arqueológico em que um lugar pode ser revisto, revisitado e redescoberto através de nomes que são fontes valiosas de informação do passado. Assim, os nomes classificados como zootopônimos refletem em como os topônimos têm, enquanto uma de suas funções, o papel não só de singularizar o lugar, mas também de valorizá-lo; isso porque o denominador seleciona nomes e faz uma escolha diante das opções que tem, levando todos os aspectos em consideração: espaço inserido e fauna (embora muitas vezes esses elementos da fauna possam ter sido extintos), além das características icônicas que representam de forma significativa, seja de forma metafórica, seja de forma metonímica.

5.1.4.3 Os geomorfotopônimos

A *geomorfologia*, ramo da geologia física que estuda as formas do relevo terrestre

(HOUAISS, 2009), no conjunto dos geomorfotopônimos, refere-se às unidades lexicais que se referem às formações geomorfológicas, foi muito recorrente com nomes como *Serra do Campo*, *Vão Seco*, *Vão dos Morrinhos*, *Morro do Pico*, *Morro Morrinho*, *Serra Furada*, *Serra Serra*, *Morro do Escalvado*, *Serra Serrinha*, *Morro da Serrinha*, *Morro Pico Fino*, *Serra da Solta*, *Morro de Baixa de Palha*, *Morro da Solta*, *Morro do Pico*, *Morro dos Picos*, *Serra do Barreiro*, *Serra Vão de Areia*, *Serra Ladeira da Joana*, *Morro Vão do Corrente*, *Morro do Tabuleirão*, *Serra da Chapadinha*, *Serra do Campo Largo*.

Esses orônimos se apresentam de forma concentrada no corpus oronímico, demonstrando a larga escala de usos que revelam as formas de relevo dos lugares, as quais trazem conceptualmente sensação de beleza, de encantamento, impactando esse deslumbramento como reação positiva na linguagem, com o ato de os habitantes nomearem os elementos orográficos com os próprios nomes das formas geográficas, estabelecendo essas relações de contiguidade e associações de semelhança, bem como revelando a inter-relação que os seres humanos estabelecem com a natureza e a língua.

5.1.4.4 Os hidrotopônimos

Os *hidrotopônimos* dizem respeito aos acidentes hidrográficos em geral, relativo a água, um elemento único, vital para a manutenção da vida ao longo dos anos e, entre outros, esse é o principal motivo para os cursos d'água serem tão presentes como forma de denominar os acidentes. São eles: *Vão Brejinho*, *Vão Olho D'água*, *Vão do Riachão*, *Serra do Boqueirão*, *Serra do Brejo da Lagoa*, *Serra do Olho d'água*, *Serra da Cabeceira*, *Morro do Salto*, *Serra do Brejão*, *Vão do Salto*, *Vão do Riacho*, *Morro do Olho d'Águinha*, *Serra Cabeceiro do Molhado*, *Morro da Cabeceira*, *Morro do Brejão*, *Morro Cabeceira Grande*, *Morro do Estreito*, *Morro Cabeceira do Sucuriú*, *Morro do Riacho de Pedra*, *Serra do Pingo*, *Serra do Salto*, *Morro do Boqueirão*.

Para Santos (2019) “essas propriedades hídricas destacam a relação entre (grupo) denominador e natureza, bem como a importância da compreensão dos elementos físicos para análise de corpora dessa natureza” (p. 143). Nesse sentido, os hidrotopônimos atuam como uma classificação também capaz de revelar a relação homem-ambiente, bem como a inter-relação de contiguidade desse elemento intrinsecamente fonte.

5.1.4.5 Os ergotopônimos

Ergonímia, ato ou efeito de se exprimir utilizando ergônimos (HOUAISS, 2009). Os “ergotopônimos consistem nos nomes que fazem referência a quaisquer objetos antrópicos, fazendo com que nomes referentes a peças de vestuário, gastronomia e, até mesmo, a construções de engenharia, entrem neste conjunto” (SANTOS, 2019, p. 170). São eles: Morro de Janela, Serra do Saco da Égua, Serra do Brinco, Morro do Chapéu, Vão do Arco, Vão do Muquém, Vão Saco de Fora, Serra do Ginete, Vão do Saco, Serra da Croeira, Vão do Caiçara, Serra da Enxada, Morro dos Currais, Morro da Foice, Serra da Harmônica, Morro do Garrafão, Morro do Balaio, Morro da Bota, Morro do Chapéu de Sol, Morro da Sambereba, Morro dos Poções, Serra dos Currais, Serra do Caldeirão, Serra da Cangalha e Serra da Cerca.

A classe se destaca diante dos nomes que compõem o corpus. Isso se dá pelo fato de o denominador optar por nomes já conhecidos do seu meio comum para utilizar como topônimo, acionando cognitiva e metonicamente seus elementos de cultura material.

5.1.4.6 Os Animotopônimos

Ânimo, espírito pensante; alma, índole natural; gênio, temperamento (HOUAISS, 2009). Relacionada a características da psiquê humana, essa categoria ao ser analisada do ponto de vista homem-sociedade-ambiente é capaz de revelar características mais subjetivas do denominador. Isquerdo (1996, p. 118) os divide em duas subcategorias: animotopônimo eufórico e animotopônimo disfórico.

Disfóricos: Serra do Bravo, Serra do Medonho, Serra do Penitente, Morro Pelado, Serra do Rejeitado e Serra do Desprezado. **Eufóricos:** Serra da Limpeza, Serra do Belo Mato, Serra do Pitoresco, Morro do Espia, Morro do Alegre, Serra Bom Tempo, Serra do Bom Acerto, Serra da Boa Vista, Serra do Bonito, Serra Formosa, Serra Bonito, Serra Formosa e Serra da Formosa.

No âmbito dos animotopônimos, percebe-se que a construção desses nomes é formada a partir de substantivos (em sua maioria abstratos), traduzindo o aspecto interior do ponto de vista psíquico, o meio ambiente do homem. Aqui, os espaços toponímicos refletem a natureza perceptiva do homem em sociedade.

5.1.4.7 Os Antropotopônimos

Antrop(o)-, antepositivo, do grego *ánthrōpos*, 'homem' (HOUAISS, 2009). É

comum o uso de nomes individuais próprios para atribuir a um lugar geográfico. A atividade de usar nomes de pessoas no fazer toponímico acaba por abranger aspectos culturais, políticos e sociais. Segundo Dick (1990a, p. 285), “o emprego do nome individual como técnica de nomeação de acidentes geográficos é um fato humano”; assim podem ser feitas homenagens, como em Serra do *Manoel Alves Grande*, ou ainda, o nome pode significar o “dono da terra”, a exemplo, Vão do *Chico*, Serra do *Pereira*, Morro do *José Flor*, Serra do *Lodovico*, Serra do *Marco*, Serra do *Felipe*, Serra do *Luís Silva*, Morro do *Martins*, Morro do *Manuel*, Serra da *Marciana* e Vão do *Marco*.

Essas denominações podem revelar que se o acidente físico estiver localizado dentro de uma propriedade particular, ela também assim será vista, podendo carregar o nome do espaço como um todo ou, neste caso, o nome do proprietário da terra.

5.1.4.8 Topônimos não classificados

Após a análise dos topônimos, foram registrados alguns nomes que não puderam ser classificados. São eles:

Quadro 21: Orônimos não classificados

01	<i>Morro do Solteiro</i>
02	<i>Serra do Chupador</i>
03	<i>Serra do Solteiro</i>

Fonte: A autora, com base nos dados.

No Quadro 21 estão listados os nomes que não puderam ser classificados segundo as taxionomias atualmente em estudo. Em *Morro do Solteiro* e *Serra do Solteiro* pode-se supor que seja um antropotopônimo, pelo que propõe Dick (1990; 1992). Porém, investigações futuras devem sanar dúvidas como estas, ressaltando que algumas pesquisas estão passíveis de algumas lacunas, mas que podem ser futuramente resolvidas, isso porque pesquisa, ciência e análise estão sempre em constante evolução.

Nesse sentido, os aspectos culturais (assim como sociais) influenciam e contribuem significativamente com a estruturação e definição dos topônimos, visto que a cultura é fator “determinante na condução desse saber-fazer denominativo, responsável pelas novas séries de designações que enformam a cadeia lexical, na perspectiva de uma antropologia linguística, que é também semiológica” (DICK, 2004, p. 123).

Logo, fatores culturais refletem em nosso campo linguístico e revelam um léxico toponímico rico em relação a esses aspectos.

5.2 Mecanismos cognitivos

A humanidade faz uso dos espaços para se situar no mundo desde seus primórdios. A serra, o morro, o vão podem ser “pontos de referência”, identificando onde outros locais estão situados. Assim, expressões como “fica depois/atrás da serra”, “está entre aquele morro”, “é dentro do vão” são comuns nos discursos que construímos mental e linguisticamente para expressar uma direção. No que tange à nomenclatura desses espaços, os nomes de lugares possuem estreita ligação com o próprio lugar a partir de uma relação icônica, geralmente por semelhança e ou por contiguidade.

Nesse sentido, a semelhança física de um elemento fonte (da fauna, da flora, da hidrografia etc.) interfere na escolha do nome para um elemento alvo, o que vai receber o nome (oronímico), interferência esta que pode realizar-se cognitivamente por meio de estímulos socio-culturais (e ambientais) dos indivíduos que nomeiam os espaços em que vivem. Dessa forma, nomear o espaço físico, além de um ato linguístico, mostra como o nome está interligado a seu referente, revelando, assim, aspectos geofísicos, sociais, históricos e culturais. Para tanto, é levada em consideração a vida do homem do campo, da qual fazem parte o reino animal e vegetal, demonstrando os elementos da natureza do espaço físico-local.

Segundo Castro (2012), “um lugar é representado na forma toponímica por algo que faz parte dele, que o descreve” (CASTRO, 2012, p. 290). É válido afirmar, portanto, que os orônimos estão interligados a seus elementos referidos de forma não-arbitrária, pois ocorrem em um nível motivado, evocando os vários mecanismos icônicos dos quais fazemos uso na gênese de um nome e para (re)significar algo, neste caso, o lugar.

5.2.1 Os acidentes físicos: metáfora e metonímia

A partir do processo denominador, informações sobre elementos fontes como vegetais, animais, história, geografia, entre outras, são perpetuadas diante do lugar que nomeiam, apresentando, dessa forma, como o homem vê e conceitua ou percebe seu mundo.

A partir da descrição etimológica e da classificação dos orônimos aqui apresentados, foi possível perceber uma relação metafórica e metonímica que pode se apresentar de forma imbricada nos orônimos. Assim, se considerarmos o orônimo *Morro do*

Elefante e associarmos à Figura 22, é evidente a adoção icônica desse animal, “grande mamífero proboscídeo, da família dos elefantídeos, com até 7,5 toneladas, dotado de uma longa tromba flexível” (HOUAISS, 2009) como fonte que leva à nomeação do acidente físico - um grande morro de relevos que remetem à figura do animal como um reflexo do próprio elefante - e se expressa na forma e função desse nome.

Figura 23: Morro do Elefante



Fonte: Vanessa Nunes.

Assim, durante a nomeação, o nome pode ser gerado por um processo mental que associa, por relações de semelhanças, um termo fonte tomado de algo já existente (neste caso, um animal ‘elefante’) a um termo alvo, que denomina um objeto do mundo (o ‘morro’). Assim, um dos modos de geração de nomes é pelo processo de escolha dos termos existentes no repertório lexical de uma língua de forma associativa por semelhança, o processo metafórico, demonstrando como a linguagem, ao representar a realidade, pode se apresentar de forma icônica. Este processo é bastante produtivo e podemos citar ainda como exemplos: *Morro Fino*, *Morro Pelado*, *Morro Redondo*, *Morro Vermelho*, *Morro do Pico*, *Morro do Chapéu*, *Serra da Pedra Furada* (microrregião de Porto Franco); *Vão Fundo*, *Morro do Pico*, *Serra Branca* (microrregião da Chapada das Mangabeiras); *Serra Furada*, *Serra Negra*, *Morro do Pico Fino* (microrregião do Gerais de Balsas).

Outro processo mental de geração ou escolha de nomes se dá pelo estabelecimento de relações de contiguidade entre o elemento fonte e o elemento alvo a ser denominado. Ademais, Basílio entende metonímia como “um processo cognitivo em que uma região ou entidade interna a um domínio conceptual – a fonte –, provê acesso a outra – o alvo –, dentro do mesmo domínio conceptual” (BASÍLIO, 2014, p. 383). Nesse sentido, a metonímia trata-se do exercício de fazer referência a algo (ou algum lugar) a partir da menção de algo que o represente, ou que seja característico. Assim, orônimos como *Serra da Tapera*, *Morro Seco*, *Vão da Areia*, entre outros, têm seus nomes a partir de uma característica do referente que é

estendida ao signo oronímico que representa esse objeto, conectando nome e lugar a partir da ideia de contiguidade, instaurado por um processo conceptual metonímico. Segundo Basilio:

A interação entre processos morfológicos e padrões metonímicos é tão onipresente e internalizada que, muitas vezes, é difícil de perceber. No entanto [...] a metonímia é de grande relevância em um contingente significativo de construções lexicais derivadas. (BASILIO, 2014, p. 384).

Nesse sentido, os padrões lexicais que compõem as estruturas nominais dos topônimos se constituem a partir da interação de termos fontes já existentes na língua que geram no signo oronímico o termo genérico e o termo específico representados principalmente pela classe de palavra dos substantivos, na organização substantivo + substantivo, ligados por uma preposição. Como em **1. Morro da Laranja:** substantivo (representando o termo genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico). Ou ainda a partir da interação substantivo + adjetivo, como em **2. Morro do Capim Duro:** substantivo (representando o termo genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico) + adjetivo (especificando o termo genérico). Nesses casos, a preposição é um elemento fundante para representar gramaticalmente essa relação que é estendida, de forma contígua, do elemento específico (laranja) para o genérico (morro): o morro que é da ‘da laranja’, seja porque há laranjas por lá ou porque se deu algum evento que marcou essa inter-relação entre esses dois elementos.

Verificamos, quanto ao caráter metonímico, que ele é notório na função referencial dos nomes. Segundo Castro (2012), “a metonímia é um processo cognitivo constituidor do léxico toponímico, que participa das formas de estruturação do pensamento, relacionando conceitos espaciais e de referência, por meio de relações de associação e contiguidade” (CASTRO, 2012, p. 57). Ao analisarmos um orônimo como *Serra da Palmeira* percebemos uma relação de contiguidade da serra com a planta existente no lugar, o que revela características ou correlações entre nome e espaço nomeado, independentemente da época em que o nome foi atribuído ao local, destacando o caráter icônico da linguagem.

Portanto, é fato que os elementos metafóricos e metonímicos se destacam de forma singular na geração dos orônimos da mesorregião Sul Maranhense. Também se verifica que esses dois processos se diferenciam numa linha tênue interpretativa, ao passo em que ambos são ricos na produção desses sintagmas denominativos.

Ademais, a visão Ecolinguística percebe que as interações linguísticas no ecossistema dependem das relações entre os membros do meio ambiente à medida que Língua,

Território e Povo (LTP) interagem entre si, envolvendo o território e seus membros constituintes. Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação sistêmica dessa visão de mundo com a estrutura da palavra, os elementos vivos da cultura de quem a usa. Nesse sentido, os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que a língua é influenciada pelo meio ambiente, seja ele físico, social ou mental.

5.2.2 Os topônimos em sala

É cultural do homem nomear os lugares dos quais faz parte, funcionando como uma forma de referência, localização e orientação em relação aos espaços que o cercam. Portanto, nomear é um ato linguístico recorrente a partir da associação de um nome a um local e isso se dá através de diversas relações entre homem, língua e meio.

Um acidente físico ou geográfico tem em sua nomenclatura intenções, significa dizer que o nomeador não faz uma escolha casual, mas sim traz para o nome suas marcas de subjetividade materializadas nas características que representam o topônimo. Assim, “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado” (DICK, 1992, p. 18). Dessa forma, é seguro afirmar que o homem se utiliza da língua para dizer e representar aquilo que está à sua volta ou apenas em sua mente: “este sujeito é livre e orienta seu discurso segundo seus interesses, mobilizando a língua para dizer o que quer dizer – a língua como a liberdade do homem” (GERALDI, 1996, p. 13).

Nesse sentido, é importante trabalhar a Toponímia em sala, de forma interdisciplinar, tomando como ponto de partida os conhecimentos dos alunos atrelados à teoria necessária para a aprendizagem do alunado, atuando de forma imprescindível para a sociedade, visto que facilita o entendimento das relações existentes entre o lugar e o homem que atribui nomes a esses lugares e a percepção das inter-relações entre língua, meio e cultura, ligações estas que se manifestam através da nomeação.

O estudo da Toponímia, vinculada ao ensino, proporciona uma visão pluridisciplinar que a Toponímia pode alcançar e evidencia sua importância nas pesquisas voltadas para esta temática. A Toponímia constitui-se de conhecimentos oriundos da História, da Geografia, dos estudos culturais, linguísticos e até dialetológicos (LUCAS & SEIDE, 2017, p. 06).

É necessário lembrar que é recente a prática de levar os topônimos para a sala de aula. Para tanto, é importante que o contexto teórico acerca do conteúdo toponímico seja levado para a sala de aula a fim de contextualizar não só os conceitos, mas também sua relevância nos

estudos linguo-culturais enquanto ferramenta capaz de preservar o léxico local.

Além disso, a Toponímia é instrumento para o ensino de língua portuguesa (origem da língua, etimologia, morfologia), geografia, “essa estreita relação que existe entre a geografia e o estudo toponímico pode ser aplicável no ensino, lugar mais apropriado para trabalhar com a juventude” (SILVA, FIALHO, TRECE, 2011, p. 61); entre outras, atuando de forma interdisciplinar³⁰.

O quadro a seguir, apresenta alguns meios de inserção da toponímia no meio escolar como ferramenta didática de ensino.

Quadro 22: Passo a passo para a inserção do aluno na Toponímia

Passo 01	Observações
Aguçar a memória do aluno sobre seu próprio nome e de seus familiares.	Esta atividade pode proporcionar o aluno a pensar o significado de seu nome (interdisciplinaridade com a Sociologia).
Passo 02	Observações
Incentivar o aluno a pensar o nome de sua rua, bairro e cidade.	Esta atividade é capaz de fazer o aluno entender o nome de seu lugar, sua motivação e sua significação.
Passo 03	Observações
Apresentar os aglomerados físicos (morros, serras e montanhas).	A partir dessa atividade, o aluno conhecerá outros aspectos físicos de sua região, entendendo que esses lugares são detentores de um nome e de uma história (interdisciplinaridade com a Geografia e a História).
Passo 04	Observações
Apresentar os conceitos teórico-metodológicos da Toponímia.	Diante da conceituação da ciência toponímica, o aluno perceberá a importância de se reconhecer o seu lugar, como sabedor de sua história.
Passo 05	Observações

³⁰ A toponímia deve ser pensada como um complexo linguo-cultural; um fato do sistema das línguas humanas. Podemos pensar que a relação da toponímia a partir de uma visão interdisciplinar, estabelece o sentido de unidade diante dos diversos saberes. Ou seja, possibilita ao sujeito (re)encontrar a identidade, história, etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos, tendo em vista o plano onomasiológico no ato de dar nome aos lugares (ANDRADE & DICK, 2012, p.198)

Introduzir os dados toponímicos daquela região.	A partir dessa ação, o professor poderá inserir conceitos fazendo uso da toponímia como exemplo, seja para o léxico, seja para a vegetação (interdisciplinaridade com a Etnobotânica, Etnozoologia).
Passo 06	Observações
Investigar as estruturas morfológicas e semânticas desses nomes	Essa atividade é capaz de auxiliar os alunos nos estudos das classes gramaticais e na interpretação de seus significados. Para Figueirêdo & Castro (2019), “podem ser exploradas noções de linguagem/língua; de organização da língua(gem) com termos que expressam o mundo conceptual (humano e físico); de composição do léxico (suas classes); de referência (descritiva, causal); de diversidade linguística; dos contatos linguísticos; sobre os elementos geográficos que contribuem na constituição do texto; territorialidade; multiculturalismo” (p. 192).
Passo 07	Observações
Aplicar atividades onomásticas voltadas para o ensino de LP.	Figueirêdo & Castro (2019) apresentam, entre outras, uma atividade para as aulas de Língua Portuguesa: “propomos uma atividade que trabalhe com os nomes dos logradouros públicos ou com os nomes dos lugares dos municípios. A atividade pode iniciar com a leitura de poemas/músicas ou outro tipo de texto sugestivo, incluindo os mapas, de forma que sejam compartilhadas ideias sobre: aspectos globais de apresentação semiótica do texto, tipologia, gênero, significados do texto, finalidade, informatividade, intertextualidade, motivo por que aqueles nomes ali aparecem e devem ser analisados” (p. 192).

Fonte: A autora

A proposta de apresentar a Toponímia numa perspectiva interdisciplinar é de grande relevância no meio escolar, visto que leva o aluno a entender o seu lugar, sua cultura e sua história por meio dos nomes que os cercam e, no caso dos orônimos, da bela paisagem que se põe diante de seus olhos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais humano, didático,

lúdico e ilustrativo.

Por que inserir em aulas do ensino básico a discussão dos nomes escolhidos para nomear elementos do mundo à nossa volta? A resposta a essa pergunta é simultaneamente a justificativa do trabalho acadêmico na área: o propósito de ilustrar os princípios da onomástica e de enfatizar quanto esforço, reflexão e conhecimento são despendidos no processo de nomear; guiar a atenção dos alunos para esse aspecto da realidade que os rodeia. (FIGUEIRÊDO & CASTRO, 2019, p. 186).

Sob essa perspectiva, o uso da Onomástica nas aulas, não só de Língua Portuguesa, ajuda o aluno na construção do conhecimento, diante da ideia de que a integração das noções dos alunos, com o léxico e o lugar somam na interação do eu e suas experiências, resultando em um maior compilado de aprendizagens,

A noção de sentido no ensino textualizado do léxico cerca-se do compartilhamento de várias ações que se unem em prol da aprendizagem situada em contexto de uso. Ao nos depararmos com essas ações, podemos compreender como os alunos fazem emergir os sentidos de itens lexicais que outrora podiam lhes causar estranhamento. As renomeações (ou recategorizações) para certas palavras, assim como o significado atribuído a elas, resultam de situações contextuais vivenciadas pelos sujeitos (Marcuschi, 2021, p. 40).

Nessa perspectiva, é interessante proporcionar aos indivíduos situações capazes de integrar o aluno com as diferentes situações e atividades discursivas, ampliando seus saberes, suas possibilidades e interações socio-culturais.

É necessário ressaltar ainda o fator cultural, histórico e lexical da toponímia, visto que o nome, enquanto representante de um lugar, preserva não só a estrutura lexical, mas também as histórias do lugar e ou de seus habitantes e, ainda, aspectos da fauna/flora local, capazes de serem mantidos na comunidade. Esses lugares são ricas fontes para o estudo gramatical dos nomes próprios, principalmente substantivos, adjetivos e preposições. Com isso, o aluno aprende a língua utilizando-se de exemplos de topônimos que representam seu lugar no mundo.

6 CAPÍTULO V: ENCERRANDO A VIAGEM

A melhor vista vem depois de escalar a montanha mais alta
@projeto seja

É a partir dos nomes que os lugares ganham destaque e passam a ser representados. Muitas vezes, esses locais recebem sua denominação toponímica por influência de características e qualidades próprias ou, ainda, com base naquilo que cerca e vive ao redor do espaço denominado.

Essa pesquisa buscou analisar a Oronímia da mesorregião Sul Maranhense, constituída das três microrregiões que compõem a mesorregião Sul Maranhense: Chapada das Mangabeiras, Gerais de Balsas e Porto Franco, a fim de analisar e identificar os principais fatores que influenciam o ato da nomeação de um acidente físico de forma a contribuir no ensino de língua portuguesa, no Ensino Médio, bem como com um Produto Técnico-Tecnológico

A primeira pergunta, sobre quais são os nomes que identificam elementos como serras, morros, vales, entre outros, na mesorregião Sul Maranhense, encontra-se respondida nos quadros 04 a 20, do capítulo IV, em que elencamos todos os acidentes físicos e suas classificações toponímicas em tabelas específicas para cada cidade componente das microrregiões da mesorregião Sul Maranhense.

Quanto à segunda pergunta, sobre como o meio ambiente pode influenciar na denominação do acidente físico, verificamos que os fatores ambientais são referências simbólicas para a toponímia, visto que esses elementos têm destaque nos fazer toponímico. Além disso, as forças sociais e físicas (ambiente) de uma determinada sociedade influenciam no léxico local. Significa dizer que as condições ambientais se sobressaem e refletem na língua.

A terceira pergunta questiona sobre quais taxionomias têm maior destaque na nomeação dos elementos orográficos sul maranhenses, questão esta que pôde ser respondida a partir das análises classificatórias desses topônimos, a qual evidenciou que fitotopônimos (27%), zootopônimos (29%), hidrotopônimos (9%), ergotopônimos (16%), animotopônimos (8%) e antropotopônimos (5%) são mais recorrentes na nomeação dos lugares.

No que diz respeito à quarta questão, sobre quais os processos icônicos mais se evidenciam na nomeação dos elementos orográficos, o destaque é dado aos fatores metafóricos e metonímicos, influências capazes de evidenciar a forma, a imagem, a fauna, a flora entre outros fatores que são rememorados por meio do nome. Assim, enquanto este diz respeito à associação entre lugar e aquilo que cerca o espaço nomeado, aquele refere-se a comparações

mais específicas entre o lugar e o referente do nome.

Diante de tudo que fora analisado em todo o corpo do trabalho, concluímos que as classificações que se sobressaem na denominação dos acidentes físicos dessa mesorregião são de natureza física, principalmente os fitotopônimos e zootopônimos, e que o denominador aponta conceptualmente na forma linguística, no ato de dar nome, principalmente o que é mais característico e representativo do referente e ou ambiente que o cerca, bem como elementos culturais e históricos. Demonstram ainda que os lugares não recebem seus nomes de uma forma arbitrária, pois os fatores físicos e locais influenciam os seres humanos, que percebem como é vasto o campo de coisas e seres que o cercam (pessoas, animais, plantas), bem como qualquer estado, qualidade ou ação, os quais se portam como referentes para designativos linguísticos (orônimos) que ficam disponíveis aos denominadores, que utilizam-se desses nomes para denominar um acidente físico. Indicam como, de forma linguística, o homem é motivado, principalmente pelos aspectos físicos que o circundam, além de suas crenças e vida psíquica para nomear os topônimos, dando-lhe um nome e tirando o acidente físico do anonimato, pois, a partir do momento em que recebe um nome, o morro, o vão, a serra, recebem uma marca identitária e passam a carregar um significado próprio.

A Onomástica dá corpo às aparências físicas de um local e à cultura da sociedade ali inserida. Com base nos fatos mencionados, os objetivos da presente dissertação é *conhecer os mecanismos capazes de envolver a língua e tudo aquilo que ela representa a partir da toponímia; de os fatores que motivam a nomeação dos acidentes físicos de natureza orográfica; de analisar o processo de nomeação numa abordagem qualitativa e quantitativamente; de observar a maior recorrência das categorias de análise, refletindo o léxico toponímico nas aulas de Língua Portuguesa; e, ainda, de registrar os dados coletados em um produto técnico de fácil acesso para que a comunidade tenha conhecimento dos nomes e dos lugares que compõem o espaço sul maranhense* foram alcançados, e a hipótese de que há relação entre os nomes dos lugares e aquilo que eles refletem na memória humana, seja material de uso, animal, vegetação, entre outros é tida como verdade. O modo de conceber os nomes acionando os processos metafóricos e metonímicos são marcantes na motivação oronímica, fator este comprovado pelos nomes dos acidentes de natureza física, os quais têm seus elementos constitutivos e suas próprias características como motivo base determinante para originar os orônimos.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, pudemos verificar quais nomes identificam os acidentes físicos da mesorregião Sul Maranhense e como os aspectos ambientais são capazes

de exercer influência sobre a escolha e a motivação toponímica, partindo principalmente da fauna (38%) e da flora (35%) como fatores determinantes durante o exercício da denominação dos espaços.

Além disso, verificamos os processos icônicos que mais se evidenciaram no orônimos, em que (quarta pergunta) foram identificados aspectos significativos divididos entre metáfora e metonímia e os dois processos conjuntamente, cujas semelhanças e contiguidades existentes entre o nome e o lugar que gerou esse modo de conceptualizar esses nomes. Nesta perspectiva, podemos afirmar que os orônimos expressam uma relação icônica que envolve o nome, o elemento denominado e termos fontes de acionamento dessas denominações, e, a partir desse fenômeno, a linguagem se coloca como não-arbitrária no eixo dos nomes que representam o lugar toponímico. Implica dizer que os aspectos físicos interferem no momento da nomeação dos orônimos e acabam por ressaltar a própria forma física do acidente ou de algo que tenha uma forte presença e ou uma proximidade com o local denominado. Significa que o nome faz analogia com o acidente físico, dando-lhe um significado ainda mais concreto.

Em nossas análises, fica clara essa percepção icônica, principalmente de caráter associativo por contiguidade, em topônimos que se referem a animais e a vegetais que marcam presença no lugar denominado, acionando seus nomes, os quais, de alguma forma, mantêm uma relação com o lugar denominado. Nesse caso, observamos que o acidente possui características ou correlações com o nome, independentemente da época em que esse nome foi atribuído ao local, fazendo-se destacar o caráter icônico da linguagem onde são claras as relações estabelecidas entre nome e acidente.

É possível contribuir com o ensino a partir de uma reflexão linguística e extralinguística sobre a denominação dos acidentes físicos que compõem o meio ambiente das cidades localizadas no Sul do Maranhão, levando a comunidade a descobrir a existência desses espaços, seus nomes e o que pode ter motivado o denominador na escolha lexical toponímica.

Podem ser realizadas discussões sobre os nomes próprios e as motivações toponímicas, a fim de compreender a forma como o nomeador interage com seu meio e as relações icônicas existentes entre o topônimo e seu referente. Dessa forma, conhecemos os fatores que envolvem a língua e os objetos que ela representa no processo de nomeação do léxico oronímico dos municípios situados na mesorregião Sul Maranhense, a partir de uma abordagem onomástico-toponímica, numa inter-relação entre Toponímia e ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, de forma a contribuir com um Produto Técnico-Tecnológico.

Paralelo a isso, sobre como contribuir com o ensino a partir de uma reflexão

linguística e extralinguística nas denominações oronímicas que compõem o meio ambiente das cidades da mesorregião Sul Maranhense (quinta pergunta), foram analisados aspectos linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação dos acidentes físicos de natureza orográfica, numa abordagem qualitativa e quantitativa. Dessa maneira, percebemos a maior recorrência das categorias de análise, fitotopônimos, zootopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, ergotopônimos, animotopônimos e antropotopônimos, fator este que nos motivou ainda a refletir sobre a presença do léxico toponímico nas aulas de Língua Portuguesa e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Além de tudo isso, por meio desta pesquisa, foi possível registrar os dados coletados em um produto técnico de fácil acesso para que a comunidade tenha conhecimento dos nomes e dos lugares que compõem o espaço sul maranhense.

Esta pesquisa teve como principal função responder a questões surgidas durante a execução do mestrado profissional em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, sendo, portanto, resultado de investigações feitas ao longo do curso para a realização da dissertação final da pós-graduação. E é ainda material extra para o Projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA) e, conseqüentemente, à Universidade Estadual do Maranhão. Além disso, esperamos que essa pesquisa motive outros pesquisadores a desenvolverem investigações acerca da toponímia, a fim de inferir outras interpretações e alcançar novas descobertas acerca da toponímia de cada região, associando e aproximando o lugar com o povo que nele habita, de forma a implementar os níveis dos estudos nessa área, visto que a ciência onomástica, em sua realidade toponímica, agrega outras ciências com fins investigativos.

Ademais, as interações linguísticas, segundo Couto e Couto (2016), são a base de tudo nos estudos de caráter ecossistêmico. Elas base para a definição de língua, constituída pelas interações verbais estabelecidas pelos falantes no interior de um ecossistema linguístico. Isso nos leva ao fato de que, em um ecossistema, há interações lógicas entre língua e meio ambiente, e o lugar reflete-se, linguisticamente, na construção e manutenção do léxico. Esta perspectiva muito vem contribuir com os objetivos que preveem uma consciência ecológica e sustentável, a qual pode e deve ser trabalhada no ensino médio.

Em síntese, nossos estudos demonstraram a relação do homem com o seu meio, a sua vida psíquica e suas vivências ao longo de sua existência.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. **Filologia e o estudo do léxico**. In: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Cadernos do CNLF, nº 9, vol. X. Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

ABBADE, C. M. de S.; CORREIA, C. M. P. **Os signos toponímicos e suas marcas na história da Bahia**. In: As ciências do léxico: volume IX: lexicologia, lexicografia, terminologia / Aparecida Negro Isquerdo, Celina Márcia de Souza Abbade, organizadoras. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ANDRADE, K. dos S. **Atlas Toponímico de origem indígena do estado do Tocantins – Projeto ATITO**, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

ANDRADE, K. dos S.; DICK, M. V. de P. do A. **A interdisciplinaridade no contexto da toponímia**: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, Maria Aparecida; SEABRA, Maria Cândida T. C. de. Ciências do léxico. V. VI. Campo Grande: UFMS, 2012

AULETE, J. F.; CALDAS, F. da C. **Dicionário Caldas Aulete**. Meio digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>;

BABINI, M. **Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos**. Terminologia/Artigos. Revista ciência e cultura vol. 58 nº 2 São Paulo, Apr. /Jun 2006: 38-41.

BASILIO, M. **Metonímia e metáfora em construções lexicais no português do Brasil**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 43 (1): p. 382-394, jan-abr 2014.

BIDERMAN, M. T. C. **Glossário**. Alfa, São Paulo 28 (supl.):135-144, 1984.

BIDERMAN, M. T. C. **Dimensões da palavra**. In: Filologia e língua portuguesa, S. Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, p.105.

BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do Léxico**. In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia / Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo (Orgs) 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 2ª Ed. São Paulo Cultrix, 198.

BOMFIM, C. P. ABBADE, C. M. de S. **Os zootopônimos do território de identidade Bacia do Jacuípe**. Revista Philologus. v 26, n 76, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <<https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-02-linguaportuguesa.pdf>>. Acesso em: 17/06/2020.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Ciências das significações. Campinas, 2ª edição. Editora RG, 2008.

CABRAL, M. S. C. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.

CARDOSO, A. **A conquista do Maranhão e as disputas atlânticas na geopolítica da União Ibérica (1596-1626)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 61, p. 317-338; 2011.

CARVALHINHOS, P. J. **Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: toponímia os sociotopônimos de Aveiro (Portugal)** Revista USP, São Paulo, n.56, p. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003.

CARVALHINHOS, P. J. **Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial**. Anais. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

CASTRO, M. C. D. **Maranhão: sua toponímia, sua história**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2012.

CASTRO, M. C. D. **Atlas Toponímico do Estado do Maranhão: análise da macro e da microtoponímia**. Universidade Estadual do Maranhão, Balsas, Brasil, 2016.

CASTRO, M. C. Dias de. **Revisitação aos graus de motivação na Toponímia Maranhense**. In: AGUIAR, M. S. de; CASTRO, M. C. D. de; DIAS, A. L. C. (Orgs.). **Onomástica e identidade do homem em seu meio**. Ed. Instituto Politécnico de Santarém /Escola Superior de Educação, 2017.

CASTRO, M. C. D.; CARDEIRA, E. **Um Nome em Movimento: percurso linguístico-histórico do topônimo Maranhão**. Papeis. Campo Grande, MS. Vol 24, nº especial, 2020.

CAVALCANTE, Márcia Suany Dias. **Palavra por palavra: o estudo do léxico no livro didático de língua portuguesa**. Em: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Semântica e Terminologia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

CAZAROTTO, S. A. **Glossário de fitotopônimos sul-mato-grossenses: uma proposta**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, 2010.

CHIAVEGATTO, V. C. **Introdução à Linguística Cognitiva**. Matraca, Rio de Janeiro, v.16, f. 77-97, n.24, jan./jun. 2009.

COSERIU, E. **Introducción a la Linguística**. Ed. Gredos. Biblioteca Românica Española. 1986.

COSTA, R. P.; SEABRA, M. C. T. C. de. **As palavras sob um viés cultural: o léxico dos pescadores da Raposa, Maranhão**. São Luís: UEMA, 2015.

COUTO, H. O. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Ed. Thesaurus, Brasília, 2007.

- COUTO, H. O. **Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica**. In: Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas. NENOKI DO COUTO, E. K. N.; BORGES, L. A. O (Orgs). Brasília, Ed. Thesaurus, 2014.
- COUTO, H. O. **Por que linguística ecossistêmica**. Anápolis • v. 7, n. 1 • p. 3-20 • jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae>.
- COUTO, E. K.N. N. do; COUTO, H. O. **Ecolinguística, linguística Ecossistêmica E análise do discurso Ecológica (ADE)**. Revista Signótica: 10.5216/sig.v28i2.35532. P 381-403, 2016.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1978.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CURVELO, Heloísa Reis. **Topônimos maranhenses: testemunhos de um passado ainda presente**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE, 2009.
- DARGEL, A P. T. P. **Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense**, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.
- DICK, M. V. P. A. **Características do signo toponímico**. Separata da Revista Língua e Literatura, nº 9. São Paulo: FFLCH/USP, 1980. p. 287 -293.
- DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antrotoponímia no Brasil**. Coletânea de textos. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.
- DICK, M. V. P. A. **Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de caso**. Investigações: Linguística e Teoria Literária, v.9, 1999.
- DICK, M. V. P. A. **A terminologia nas ciências onomásticas**. Estudo de caso: O projeto ATESP (Atlas toponímico do Estado de São Paulo).
- DICK, M. V. P. A. **Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri.; KRIEGER, Maria da Graça (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 121-130. 381p.
- DICK, M. V. P. A. **A terminologia nas ciências onomásticas**. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. III. Campo Grande: Editora. UFMS, 2007b, p. 459-471.

ENSSLIN, L. VIANNA, W. B. **O design na pesquisa quali-quantitativa em engenharia de produção—questões epistemológicas**. Universidade Federal de Santa Catarina C Florianópolis –SC - Brasil. ISSN 1676 -1901 / Vol. 8/ Num. 1/ março de 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.
FRAGO GRACIA, J. A. (1982): “**Toponímia navarroaragonesa del Ebro (IV): Orónimos**”. *Archivo de Filología Aragonesa* 30/31: 23–62. Institución Fernando el Católico. Zaragoza.

FIGUEIRÊDO, S. C. M.; CASTRO, M. C. D. de. **Onomástica para jovens: uma abordagem sobre os nomes para as aulas de língua materna e estrangeira**. In: SIMÕES, D.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Propostas didático-pedagógicas para as aulas de Português*. Tomo I – Brasil. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996 (Coleção Leituras no Brasil).

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2ª edição, 1973.

GUIRAUD, P. **A semântica**. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. 4ª edição. Difusão Editorial S.A, São Paulo, 1986.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva, 2007. CD-ROM.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva, 2009. CD-ROM.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. V. 2, t. 2; Região Nordeste. Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, 1992.

IBGE. **Mapas municipais**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais.html> . Acesso em: 04 de junho de 2021 a 21 de fevereiro de 2022.

ISQUERDO, A. N. **O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sociocultural**. 1996. 409 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ufms, 1998. 264 p.

ISQUERDO, A. N; ALVES, I. M. (orgs). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Volume III. Campo Grande: Ed UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007, p.462.

ISQUERDO, A. N. **A motivação na toponímia: algumas reflexões**. In Feola, A. S (Org.); Corboni, C. C (Org.); Bidarra, J. (Org.). *Novas perspectivas em linguística aplicada*. Campinas, São Paulo, Pontes Editores, 2012.

KRIEGER, M. das G. **Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias**. *Calidoscópico*, Vol. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez - 2006 Unisinos.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. ed. - São Paulo. Atlas, 2003.

LAKOFF, G. **Don't think of an elephant**. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.

LUCAS, P.; SEIDE, M. S. **Topônimos comerciais e ensino: como trabalhar a convivência entre línguas estudando os nomes de estabelecimentos comerciais do município de Naranjal-Paraguai**. UNIOESTE – Cascavel – PR, 22, 23 e 24 de novembro de 2017.

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Volume 1, 2,3. Lisboa: Editora Livros Horizonte, 2003.

MARTELOTTA, M. E. *et al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie**. Domaine français. Paris: Didier, 1953.

MENENDEZ PILDAL, R. *Toponimia prerromana hispana*. Madrid: Gredos, 1952. 316p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25/06/2019.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Volume 1, 2. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Comércio, 1955.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, C. E. **Iconicidade toponímica na chapada diamantina: estudo de caso**. Universidade de São Paulo, Departamento de linguística. Dissertação de mestrado. São Paulo, 2008.

PACHÊCO FILHO, A. K. **Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú**. 2011. 266 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

PIEL, J. M. Considerações gerais sobre toponímia e antroponímia galegas. **VERBA: Anuário Galego de Filoloxía**. Vol. 6, 153d. 5-11. Universidade de Santiago de Compostela, 1979.

PINHEIRO, Z. D., **O imaginário e a metáfora do movimento**. In: Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas. NENOKI DO COUTO, E. K. N.; BORGES, L. A. O (Orgs). Brasília, Ed. Thesaurus, 2014.

PRIETO, M. H. T. C. U. **Apontamentos de terminologia toponímica**. Revista Evphrosyne; nova série; v. VIII, Lisboa, 1977.

QUEIROZ, J. **Classificações de signos de c.s. peirce** – de ‘on the logic of science’ ao ‘syllabus of certain topics of logic’. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 30(2): 179-195, 2007.

- RAMOS, R. T. **Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças.** Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Tese de doutorado; Salvador – BA; 2008.
- SAMPAIO, T. **O tupi na geographia nacional.** Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
- SANTOS, M. M. dos. **Toponímia e interdisciplinaridade: uma proposta de estudo do léxico para turmas do 6º ano do ensino fundamental.** Universidade Federal do Acre. Centro de Educação, Letras e Artes. Pró- Reitoria - Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado Profissional em Letras – Profletras (dissertação de mestrado). Rio Branco, 2019.
- SANTOS, C. A. N. **A toponímia em Sergipe: descrição e análise.** Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Programa de pós-graduação em Língua e Cultura (tese de doutorado). Salvador, 2019.
- SANTOS, M. 1926-2001 **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos.** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, V. M. **A geografia dos nomes: uma análise da classificação motivacional dos topônimos do Espírito Santo.** Rev. Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 157-173, jul./dez. 2021.
- SAPIR, E. **Língua e ambiente: linguística como ciência.** Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** BALLY, C. & SECHEHAYE, A. (Orgs); Publicado por Payol, Paris 1916.
- SEABRA, M. C. T. C. De; (organizadora). **O léxico em estudo /** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- SEABRA, M. C. T. C. de; **Língua, cultura, léxico.** p. 65-84. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. *Linguagem, Sociedade e Discurso.* São Paulo: Blucher, 2015.
- SEIDE, M. S. **Nomes de lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico.** In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. v. 5, p. 117-133
- SILVA, A. S. **A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística** 1997b ◊ <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>.
- SILVA, A. C. S., FIALHO, E. S., TRECE, R. S.; **A importância do estudo toponímico no ensino da Geografia.** Revista Ponto de Vista, vol. 7, 2011. P. 58-66.
- TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi.** São Paulo: Traço Editora, 1997.
- ULMMANN, Stephen. **Semântica: Uma introdução à ciência do significado.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA, L. A. T. **“Uma comarca fora da lei”**: a Guerra do Léda no sertão do Maranhão. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2015.